

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um
estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**

PAULO ROBERTO GONÇALVES SEGUNDO

v. 2

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um
estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**

PAULO ROBERTO GONÇALVES SEGUNDO

Versão corrigida da tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutor em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

v. 2

São Paulo

2011

Sumário

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Jornal Nosso Bairro (JNB) | 2 |
| Folha da Vila Prudente (FVP) | 26 |
| A Gazeta da Zona Norte (GZN) | 41 |
| SP Norte (SPN)..... | 57 |
| Correio da Zona Sul (CZS)..... | 74 |
| Gazeta de Pinheiros (GP) | 98 |
| Gazeta da Lapa (GL) | 102 |
| Gazeta da Vila Prudente (GVP) | 105 |
| O Parque (OP) | 118 |
| Superpapo (SPP)..... | 119 |
| Nosso Jornal (NJ) | 120 |
| O Cerqueira César (OCC)..... | 123 |

Jornal Nosso Bairro (JNB)

JNB01. Ed. 215, Ano V – São Paulo, 8 a 14 de julho de 2006.

Algo Novo Urbano Lemos

De acordo com o Dicionário Aurélio, o conceito da palavra *novo* significa: 1. Que tem pouco tempo de existência, recente. 2. Moço, jovem. 3. Que é visto pela primeira vez. 4. Que acaba de ser feito ou adquirido. 5. Que tem pouco uso. Paramos por aqui, os conceitos desta nos remetem a inúmeros caminhos que traduzem um único sinônimo: '*novidade*'.

E nada como ter algo novo. Seja uma roupa nova, um carro novo, uma casa nova. A concretização do novo efetiva-se de algo imaginável, os sonhos cedem lugar ao real, algo visível. Algo que por muito tempo, ou até anos foi aspirado e enfim conquistado. Mas também há o novo em forma abstrata. Um novo desejo, uma nova saudade, um novo amigo, uma nova vida, em uma nova cidade, com novos caminhos, ou quem sabe, novas recordações.

O ser humano é moldado pelo movimento constante de aprender e descobrir com o novo. Para termos o novo é preciso tecer o presente tendo em vista as dificuldades e as realizações. É preciso direcionar as atitudes e interpretar os obstáculos. É preciso ser novo a cada novo amanhecer. Novo como um dia que inicia ou como uma nova lua que surge, não importa as considerações, pois a essência continuamente será a descoberta e a realização de algo que queremos ou pretendemos concretizar.

Por isso, nesta semana temos alguns episódios que traduzem o contexto inicial de *novidade*. A primeira é a inauguração do novo curso técnico Odonto – Médico – Hospitalar da unidade do SENAI da Vila Leopoldina. A outra novidade é a inauguração da nova instalação do Serviço de Medicina Nuclear do Hospital Sorocabana. Duas novidades que prometem desafios e realizações para toda comunidade da região oeste.

Mas as novidades não param por aí. O Jornal Nosso Bairro trará todas as semanas além das sessões já existentes como: Carta do Leitor, Nosso Bairro em Agenda, Notícias da região ou essenciais para o cotidiano, Saúde e Beleza e Gastronomia. Teremos as sessões Horóscopo e um espaço exclusivo para Cultura e Espetáculos – Espaço Cultural.

E para informar deste e de muitos “algo novos”, a partir desta semana passo a escrever o editorial do Jornal Nosso Bairro com a idéia de mostrar o que realmente o “nosso bairro” tem a nos oferecer e a revelar. Essa é a grande novidade. Espero que desfrutem do que temos a mostrar, pois o novo não tem dia nem hora para acontecer.

E com isso, juntamente com o Jornal Nosso Bairro tenho uma meta e uma missão: A transparência entre os anseios da comunidade X imprensa = uma sociedade mais justa, com pessoas mais sérias e unidas pelo bem comum, não só de uma minoria mas de todos. É difícil? Veremos!

JNB02. Ed. 216, Ano V – São Paulo, 15 a 21 de julho de 2006.

Contornos eleitorais
Urbano Lemos

Mais uma vez a cidade de São Paulo foi alarmada com as terríveis ondas de ataques provocadas por facções criminosas. Os ataques em sua maioria tiveram como alvo, transportes públicos e estabelecimentos comerciais.

Segundo balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, entre a noite de terça e a madrugada de quarta aconteceram 48 ataques e 5 tentativas mal-sucedidas em 18 cidades em todo o estado.

Os fatos existem, muitos não entendem a recusa do nosso excelentíssimo governador Cláudio Lembo (PFL) da ajuda para conter a onda de violência que atinge o estado desde maio. O presidente Luís Inácio Lula da Silva afirmou durante coletiva que essa oferta foi feita no primeiro atentado, logo na primeira chacina, mas o nosso governo com muita gentileza recusou, disse apenas que não era necessário.

Mas se a cada novo dia, a cada nova remoção de presos, surgem novos atentados, prejudicando principalmente pessoas inocentes que precisam de transporte e segurança pública.

Sabemos que uma intervenção federal, vinda do PT, a um Estado tradicionalmente comandado pelo PSDB seria um passo político e arriscado, com efeitos colaterais negativos. Lembo assumiu justamente no lugar de Geraldo Alckmin, que renunciou para disputar a Presidência pelo PSDB.

É uma pena que os interesses partidários, políticos e pessoais estejam mais em evidência do que os interesses da população, pois uma medida drástica e de pulso firme deveria ser tomada, a favor do povo. É necessário lembrar destes contornos políticos para não pagarmos o preço do descaso.

JNB03. Ed. 217, Ano V – São Paulo, 22 a 28 de julho de 2006.

Assim como a Canção
Urbano Lemos

Como já dizia a música: *Amigo é coisa para se guardar. Debaixo de sete chaves. Dentro do coração.*

Justamente nesta semana, comemoramos na quinta-feira (20), o Dia do Amigo, um dia especial para recordar, passar ou simplesmente vivenciá-lo da melhor forma: com um bom amigo.

Mas quem cantava chorou ao ver o seu amigo partir. Atualmente há quem diga que um amigo, realmente pronto para os momentos bons e/ou ruins está cada vez mais raro. Por que será? Vivemos no ritmo acelerado e frenético dos computadores. Na era da informática, abre-se espaço para um novo amigo. Muitas vezes, amigos virtuais. *E quem voou no pensamento ficou. Uma lembrança que o outro cantou.*

Mas, algo é indiscutível. Certamente em algum momento, em um dia ou durante algumas pequenas horas, todos já tiveram um amigo, uma boa recordação ou uma saudade do que passou.

Contudo, o Jornal Nosso Bairro deseja a todos os leitores que o sentimento mágico da amizade perpetue-se cada vez mais intenso e duradouro. Para quem já possui um amigo, ou vários, que a amizade seja conservada e preservada. Para quem ainda não encontrou o verdadeiro sentido da palavra: Amigo. Acalme-se, pois a amizade está nos lugares mais inusitados possíveis.

Como matéria principal temos uma amostra genuína de amizade: A Corporação Musical Operária da Lapa ultrapassou todos os limites do tempo e dão uma prova viva da força do grupo. Durante a comemoração de 125 anos do surgimento da Corporação Musical, houve muita emoção e obediência para indicar que a música não tem nome, sexo, nem tão pouco idade. *O que importa é ouvir a voz que vem do coração. Seja o que vier, venha o que vier. Qualquer dia amigo eu volto pra te encontrar. Qualquer dia amigo, a gente vai se encontrar.* A música é também uma amiga da alma.

JNB04. Ed. 218, Ano V – São Paulo, 29 de julho a 4 de agosto de 2006.

Saudade é para lembrar
Urbano Lemos

Saudade é um sentimento? É um pensamento? Uma lembrança? Não sei, mas sei que dói e dói muito... Quem nunca sentiu uma saudadezinha? Todo ser humano que “vive” sente saudades, não importa do que ou de quem, mas sente... No fundinho sempre sentimos. Não importa, ela está lá, sempre presente...

Muitas vezes, ouço pessoas falarem de um determinado assunto ou pessoa com saudade, o que particularmente acho maravilhoso, mas também ouço pessoas falarem de pessoas e assunto pensando que têm saudades, mas na verdade não vejo como saudade, mas sim uma vontade de voltar ao tempo para poder mudar uma determinada situação.

Sabe aquela pessoa que passou por nossas vidas, tanto nos mostrou, nos ensinou, por vezes brigou, chorou com a gente, e por um motivo qualquer, nunca mais a vimos, nunca mais falamos, - e olha que não se falar, hoje, com tanta tecnologia a nosso favor é difícil! Essas pessoas que por qualquer motivo se perderam de nossas vidas, tantas vezes pessoas tão importantes, tão afetuosas, tão verdadeiras e tão amigas! Dá uma saudade... Sem falar daquelas que estão tão perto e, na verdade, tão longe.

Muitas vezes, sabemos as respostas, outras não, mas a tal da saudade fica lá nos corroendo e mesmo assim não tomamos uma atitude! Sentir saudade de pessoas queridas que já se foram fazem parte de nossas vidas e é até mesmo saudável... As recordações... São tão boas!!! Sentir saudade de nossa infância, da comidinha de nossa infância, de nossa escola, de nossas professoras, sentir saudade de nossa adolescência – sem querer mudá-la...

O fato é que muitas pessoas deixam saudades. No último dia 18, o ator Raul Cortez nos deixou. Mas deixa um legado e uma história que será para sempre lembrada. Esta semana como matéria especial temos uma mostra de saudade que é para ser lembrada: Uma escola estadual batizada com o nome do ator que tanto contribuiu com a dramaturgia brasileira.

Por fim, penso que devemos sempre que possível matar a saudades. Seja como for, o importante mesmo é lembrar que a saudade existe e deve ser lembrada, com carinho e emoção.

JNB05. Ed. 219, Ano V – São Paulo, 5 a 11 de agosto de 2006.

Cachorros loucos
Urbano Lemos

Agosto representa para muitas pessoas um mês completo de crendices, sendo facilmente lembrado como o “mês do cachorro louco” ou “mês do desgosto”. A verdade é que a crença popular de que agosto é o mês de desgosto não é somente um ditado popular que rima; é, também, uma superstição internacional de grande aceitação entre nós.

Muitas pessoas acreditam nos azares próprios do mês de agosto e não casam em agosto, não se mudam em agosto, não viajam em agosto, não fazem negócios em agosto, que se transforma, assim, num mês de recesso para supersticiosos ou não. É, que as pessoas – acreditando ou não – preferem não brincar com o mágico, com as coisas do sobrenatural.

Verdade, verdadeira, mesmo, é que durante o mês de agosto muita coisa ruim já aconteceu na face da Terra. Guerras, epidemias, desastres, furacões, invasões, suicídios, revoluções, terremotos, tudo isso abalou o mundo com tanta insistência que muita gente fica apreensiva quando chega o mês de agosto, esperando que algo de mal aconteça.

E é justamente neste mês, que aproveitamos para reafirmar o compromisso editorial do nosso “*Jornal Nosso Bairro*”. Eu como editor (jornalista responsável) do meio de comunicação asseguro que aqui, Agosto não será dos “cachorros loucos” nem tão pouco dos “desgostos”.

Muitos políticos nos próximos dias passam a correr feito “cachorros loucos” atrás dos votos da população. E o compromisso assumido é com a transparência e a imparcialidade na cobertura dos fatos. A crença certamente existe, mas, o fato é que a partir de agora temos a “vacina anti-rábica” para combater as causas da loucura eleitoral.

JNB06. Ed. 220, Ano V – São Paulo, 12 a 18 de agosto de 2006.

Ser pai
Urbano Lemos

Ser pai é mais do que parece.

Ser pai é mais do que “gerar” um filho, mais do que transmitir seus genes para a posteridade, antes de tudo uma missão, a missão de ensinar seus filhos a serem melhores, e melhores que nós mesmos. Fazer um mundo melhor, mais humano, mais justo. Cada atitude é mais do que um simples falar, é uma lição de vida, de carinho e de amor.

Ser pai começa antes de gerarmos um filho, é uma vocação que nasce conosco, nas atitudes da vida inteira construímos ser pai, e o pai pode ser até quem não é pai, propriamente dito. Tem pai que é pai por criar os filhos dos outros ou cuidar de uma comunidade como um verdadeiro pai. Quem tem a vocação de pai, pode ser padre, pode não ser pai natural, mas ele será pai, alguns vão adotar filhos, outros vão orientar outros e quem não o fizer, vai negar a si mesmo. Quem tiver esta vocação e deixá-la crescer dentro de si, vai ser pai de uma maneira ou de outra.

Não é fácil ser pai. Ser pai é estar presente, ser presente, custe o que custar: dinheiro, esforço, tempo. Não interessa como, precisamos participar da vida dos “filhos”, sem isto é impossível ser pai. Estar lá quando necessário é o mais importante para os filhos, é assim que eles sabem que nós os amamos. É não deixar que nada neste mundo possa nos separar. Por isso, neste domingo dia dos pais abraçe quem sempre esteve ao seu lado quando você mais precisou. Não precisa ser realmente um pai, mas uma pessoa especial que esteve presente e ensinou que pai é mais do que parece ser.

JNB07. Ed 221, Ano V – São Paulo, 19 de 25 de agosto de 2006.

Hora de mudar
Urbano Lemos

O tempo passou e as coisas mudaram.

Atualmente vivemos um momento de conformismo com a sensação de que não podemos fazer nada para mudar a atual situação política brasileira. Mas na verdade podemos muito. Mais do que pensamos. Mais do que fazemos.

Temos em nossas mãos, o poder do voto — uma força capaz de punir e ao mesmo tempo mudar os processos atuais. Sou convicto deste pensamento contemporâneo e como jornalista contribuo com o meu Brasil.

Na última terça-feira (15), começou nos rádios e televisões o horário eleitoral gratuito e com ele também apareceu os “caras de pau” que vestem a máscara da hipocrisia para pedir o “nosso” voto. Todos os escândalos que estamos aborrecidos de tanto saber são de uma hora para outra — esquecidos. Mas o tempo passou... É hora de mudar.

Não podemos votar só por votar ou simplesmente, consagrar o “ganhador” nas pesquisas de opinião pública. Deve ser levada em consideração a trajetória política do candidato e, do seu sucessor (vice). Além de escândalos e falsas promessas, principalmente não cumprir seu atual mandato até o final.

Definitivamente é hora de mudar. Se em quatro anos tal político não alcançou as metas estabelecidas para seu mandato, o caminho é a renovação. Novas idéias na política representam o fundamental e indispensável: vontade de fazer e lutar por isto.

O certo é que temos mais do que pensamos e é através deste poder (o voto) que podemos e vamos mudar o presente político brasileiro. Essa é a hora de mudar. Agora e já.

JNB08. Ed. 222, Ano V – São Paulo, 26 de agosto a 1 de setembro de 2006.

Segredo da vida Urbano Lemos

Nada como comemorar...

Comemorar no real sentido da palavra é festejar algo, dividir com os outros a idéia de um nascimento, de uma celebração ou simplesmente o início de uma nova atividade pessoal ou profissional.

O que seria de nossas vidas sem a comemoração?

Fiz-me esta pergunta na última quinta-feira (24), data de comemoração aos 52 anos do Mercado Municipal da Lapa. Naquele momento, cercado por inúmeras pessoas de diferentes locais, profissões e idades — pessoas diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas — percebi que um dos diversos “segredos da vida” é a comemoração.

Certa vez, li sobre a história do significado do bater das palmas — sim as palmas do tradicional “Parabéns pra você”. Na passagem o escritor descrevia as palmas como algo milenar, usado pelo seres mortais para invocar os deuses na antiga Grécia. Os gregos antigos enxergavam a vida em quase tudo que os cercavam, e buscavam explicações para tudo. Bastava ler os sinais da natureza, para conseguir seus objetivos.

A história ultrapassou o tempo e faz-se presente nas ocasiões mais importantes e festivas, mostra sua força e a sua linguagem representativa.

Mas, atualmente não há tanto espaço para comemorações. Vivemos cercados de anseios e dúvidas que muitas vezes, fazem com que acontecimentos únicos sejam simplesmente deixados de lado. Devemos comemorar a vida. Comemorar desde a fatia de bolo até as velas acesas e pelo vento apagadas.

Esta edição tem o propósito de reavivar o conceito e a prática de comemorar. Nesta semana retratamos um pedaço deste valioso e magnífico “segredo da vida” — a comemoração quase que simultânea dos aniversários do Mercado da Lapa e da Universidade Católica (PUC) que completou 60 anos na última terça-feira.

Contudo, a comemoração se faz necessária e se preciso for antecipe-a. Comece hoje mesmo a sua comemoração particular, pois certamente este é um dos segredos da vida.

JNB09. Ed. 223, Ano V – São Paulo, 2 a 8 de setembro de 2006.

Renascimento da Vida Urbano Lemos

Chegou Setembro.

Mês em que a vida renasce avivando as ruas com flores e aromas.

Esta é a época do acasalamento e do nascimento da maioria das espécies na natureza. Dentro de nós, começa a surgir uma agradável sensação de que a vida, após os frios e escuros meses de inverno, recupera seu esplendor. Setembro é o início da primavera, época no qual faz renascer a vida de um modo mais flexível e com todo o seu esplendor busca o equilíbrio.

Além disso, o mês de Setembro é ainda lembrado como o da Independência do Brasil, sendo comemorado na próxima semana — 7 de Setembro (quinta-feira).

Setembro para muitas pessoas é sinônimo de primavera. Nas ruas da cidade já podemos ver os majestosos e imponentes ipês-amarelos (árvore símbolo do Brasil) decorando a paisagem urbana. Nos canteiros das casas ou nas varandas de apartamentos é possível admirar as formas únicas que dão o tom da época mais especial do ano.

Nesta semana, além de dar as boas-vindas para o mês de Setembro, aproveitamos para parabenizar o “nosso” bairro da Freguesia do Ó. Um dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo comemorou na última terça-feira (29), 426 anos.

A primeira edição do mês de Setembro convida a todos a participar efetivamente do renascimento da vida. Esta é a estação da renovação, o momento ideal de passear por jardins, parques, bosques, florestas e outros lugares verdes, fazendo do passeio um verdadeiro ritual, uma celebração da natureza e da vida.

Portanto, participe deste renascimento. Plante uma árvore, colha as flores e sinta o aroma da época que se aproxima: É tempo de renascer. É tempo de viver.

JNB10. Ed. 224, Ano V – São Paulo, 9 a 15 de setembro de 2006.

Pátria amada
Urbano Lemos

Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil;
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

O conceito de Pátria traz implícita a idéia de unidade. A solidariedade orgânica, assegurada pelo Estado-Nação, cimenta a unidade entre todos os cidadãos. Infelizmente, com toda a disparidade econômica e social que assola o Brasil e tantos outros países, muitas pessoas se sentem deslocadas – e com razão -, como se muitas vezes não fizessem parte de suas respectivas Nações.

Por vezes, escândalos políticos, violência nas ruas, desemprego, miséria, desigualdade social, altos impostos e outros, invadem diariamente os noticiários e nos fazem insistentemente lembrar que a independência ainda não foi alcançada. A comemoração deste dia visa o despertar da consciência do povo e seu desejo de reivindicar a Pátria como patrimônio seu, e não apenas inescrupulosa e indiferente à formação da solidariedade orgânica entre os brasileiros. Símbolo de reflexão e de resgate de nossa História, o 7 de setembro deve ser o momento de avaliação dos erros e acertos do passado, de análise do presente e de suas perspectivas para o futuro.

Como a um filho, com todos os seus imponderáveis defeitos e dificuldades, devemos sempre amar a Nação que nos alimenta e ensina. Os símbolos nacionais são o retrato vivo do Brasil, de nossa terra e de nossa gente. A Bandeira e o Hino, o Brasão de Armas e o Selo Nacional são as mais legítimas manifestações simbólicas de nossa União – um milagre consstruído com a perseverança das inteligências patriotas, o suor dos humildes, o sangue dos heróis e o sacrifício das gerações passadas.

Contudo, nesta semana, a comemoração da independência foi na quinta-feira, e aproveitamos para reafirmar os nossos compromissos com a seriedade dos fatos e a responsabilidade editorial. O dia da Pátria neste momento deve ser comemorado e lembrado para que no futuro nossa pátria amada seja curada de todas as chagas que seus filhos cometeram em prol privado.

Parabéns, ó! brasileiros!
Já, com garbo varonil,
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil
Do universo entre as nações
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil.

JNB11. Ed. 225, Ano V – São Paulo, 16 a 22 de setembro de 2006.

Um problema nosso
Urbano Lemos

Vivemos diante de um problema ameaçador.

Um problema sem desvio de culpa – um problema de todos.

Nesta semana, a cidade de São Paulo passou por uma das maiores agressões contra a população: o super aquecimento da Terra provocou o aumento das temperaturas de 15° para 35°, uma mudança brusca se tratando de um inverno.

E é fácil entender o que acontece quando o nosso planeta se torna aquecido demais. A Terra é um corpo do sistema planetário e, assim, podemos imaginar que ela seja como um corpo humano, e um corpo humano tomado por uma febre. Nessa situação, diante da febre muito alta, isto é, quando a temperatura do corpo aumenta em nível acima do normal, todos os integrantes de nosso corpo se põem a correr daqui para lá, tentando se reorganizar e sobreviver. A quantidade de água no corpo, tão importante para o nosso equilíbrio, se modifica. Podemos ficar desidratados, o oxigênio diminui, o sangue enfraquece – a vida ativa de um glóbulo vermelho, que em situação normal é de 120 dias, quando então ele é substituído, pode estar contada naquele mesmo momento, se a temperatura do corpo passar de 36°C para acima de 40°C. E foi exatamente isso que vimos esta semana. Nas ruas, muito calor e a sensação de desidratação do corpo.

Certamente esse problema é nosso e cabe a nós amenizá-lo também. Atitudes simples, que muitas vezes, se tomadas em grande escala representam uma melhora na atual conjuntura ambiental. Gestos como: diminuir o desmatamento indiscriminado e aumentar o reflorestamento, pois as árvores aspiram dióxido de carbono e produzem oxigênio, ou simplesmente cuidar/plantar uma árvore. Como consumidor, dar preferência a produtos cujos rótulos informem que esses produtos não contêm gases nocivos à camada de ozônio. Podemos muito, temos que lutar e levantar a bandeira da vida, para que no futuro próximo esses problemas não sejam herdados por nossos descendentes. A vida agradece.

JNB12. Ed. 226, Ano V – São Paulo, 23 a 29 de setembro de 2006.

Plante esta idéia
Urbano Lemos

Na última quinta-feira (21), comemoramos o Dia Nacional da Árvore.

Um dia exclusivo dedicado a um dos maiores símbolos da flora brasileira.

Mas, verdadeiramente, será que todos nós sabemos os benefícios das árvores para o bom andamento da vida humana? As árvores e outros vegetais interceptam, refletem, absorvem e transmitem radiação solar, melhorando a temperatura do ar no ambiente urbano.

As árvores no ambiente urbano têm considerável potencial de remoção de partículas e gases poluentes da atmosfera. No entanto, a capacidade de retenção ou tolerância a poluentes varia entre espécies e mesmo entre indivíduos da mesma espécie. Algumas árvores têm a capacidade de filtrar compostos químicos poluentes, como o dióxido de enxofre (SO₂), o ozônio (O₃) e o flúor.

Além dos pontos positivos em relação ao bom andamento da existência humana, as árvores também têm diversas finalidades como embelezar as ruas com a sua variedade de tons e formatos de cores e flores.

Além de embelezar a natureza, as árvores servem de abrigo para os animais e oferecem sua sombra ao homem. O que seria a vida dos pássaros sem elas: prevenido, o João-de-Barro só constrói sua casa, com ninho dentro, em galhos de árvores.

São as árvores que purificam o ar, através do processo de fotossíntese: elas absorvem gás carbônico e liberam oxigênio. Além disso, as frutas que pássaros, outros diversos animais, incluindo o homem comem são colhidas de diferentes tipos de árvores (laranjeira, jaboticabeira, mangueira, goiabeira, limoeiro, abacateiro, cajueiro e muitas outras).

Árvore é sinônimo de vida. Uma árvore, por si só, pode nos trazer muitos benefícios. Desde a sombra aconchegante, até a folha de papel. As florestas plantadas (reflorestamento) pelo homem devolvem a ele serviços e bens. Mas o equilíbrio tem que ser mantido com a preservação das matas nativas e a proteção dos mananciais, onde a flora e a fauna encontram ambientes diversificados.

Por tudo isso, é da maior importância a conscientização e a contribuição de cada um de nós, plantando uma árvore e cuidando para que se desenvolva. Plante essa idéia que certamente a natureza agradecerá.

JNB13. Ed. 227, Ano V – São Paulo, 29 de setembro a 6 de outubro de 2006.

Olho no voto
Urbano Lemos

Chegou a hora. E é agora!

Neste domingo, vamos dar força a expressão democracia. Vamos todos as urnas para mais uma vez decidirmos os rumos do nosso Brasil.

A célebre palavra democracia significa um regime de governo onde o poder de tomar importantes decisões políticas está com os cidadãos (povo). Para usar uma frase famosa, democracia é o “governo do povo para o povo”.

Mas, certamente, nessa eleição, a corrupção foi o tema principal da disputa. Ficou claro que a nossa democracia é imperfeita, que existem maus políticos e dinheiro irregular nas campanhas. São problemas que acontecem em outros países também. Mas é pelo voto que os cidadãos ampliam, melhoram e aperfeiçoam a democracia.

Acontecimentos que tantas vezes ressoaram nos noticiários, dessa vez, são simplificados com a força do voto. Ao escolher seu candidato a deputado federal ou estadual — você pode estar ajudando a eleger alguém em quem jamais votaria, como algum corrupto notório, mensaleiro ou sanguessuga, desses tantos que ainda apostam no voto para voltar, um exemplo disso é o voto na legenda. Ao votar na legenda, se favorecerá o partido e consecutivamente seus deputados.

Contudo, devemos ter “olho no voto”, pois ele é nossa arma no combate da imoralidade pública e da corrupção neste país. Não podemos reeleger quem está sendo investigado nas CPI's e aqueles que renunciaram para poder se candidatar novamente, ou em outras palavras, não cumpriram com a sua palavra em época eleitoral.

Por isso, ninguém pode se omitir dessa decisão ou mesmo anular o voto, que pode ser uma opção de raiva ou revolta, mas não é inteligente, porque só vai baixar o limite para eleger, quem não se queria escolher. Temos que votar de forma consciente e acompanhar tais políticos hoje, agora e amanhã para garantir assim, o bom andamento da nossa tão sonhada democracia.

JNB14. Ed. 228, Ano V – São Paulo, 7 a 13 de outubro de 2006.

Pompéia – Muito além da história
Urbano Lemos

Neste sábado, dia 7 de outubro, o bairro da Pompéia completará 96 anos.

Conhecido como um dos bairros mais tradicionais e históricos da nossa região, a Pompéia comemorará pela primeira vez seu surgimento desde 1910.

A escolha do nome do bairro “Pompéia” seguiu uma temática aplicada pelos desbravadores responsáveis pelo loteamento da “Vila Romana”, qual seja, a de sugerir denominações que lembrassem a história da Itália.

Partindo da história para a atualidade, o bairro da Pompéia hoje é sinônimo de efervescência cultural e religiosa, de um lado é possível encontrar as diferentes formas de expressão e pluralidade (SESC Pompéia) de outro, a tradição religiosa da Igreja Nossa Senhora do Rosário da Pompéia com seus vitrais e sua linha barroca.

O bairro tem seus atrativos característicos, como a localização privilegiada, próxima ao Centro e de bairros de alto poder aquisitivo, como Higienópolis e Perdizes. Conta ainda com boa infra-estrutura de transporte público e trens nas imediações, além do fácil acesso para outros pontos importantes da cidade.

Neste momento tão memorável, a oficialização da data de aniversário do bairro, a Associação de Preservação Ambiental da Pompéia (APA), tomou para si a organização dos eventos comemorativos, se obrigando a, todos os anos, realizar um projeto de melhoria e resgate do bairro. O principal objetivo da associação é a melhoria do bairro e assim, o seu patrimônio sócio-cultural.

Com o apoio do *Jornal Nosso Bairro*, o projeto escolhido para este ano foi à recuperação do calçadão do Edifício Sumaré, na Avenida Professor Alfonso Bovero com Rua Apinagés, local considerado o “Portal” da Pompéia e que tem alguma notoriedade, pois foi à moradia de vários artistas da Rádio e TV Tupy.

Assim, este é o primeiro aniversário que o bairro da Pompéia comemora, mas, certamente sua história será para sempre lembrada e assim, teremos um resgate anual de um pedaço da história de São Paulo - a história da Pompéia.

JNB15. Ed. 229, Ano V – São Paulo, 14 a 20 de outubro de 2006.

Lapa – “Nosso Bairro”
Urbano Lemos

Lapa – 416 anos. Parabéns!

A Lapa comemorou na última quinta-feira (12), 416 anos de muitas histórias. Ao mesmo tempo, festejou o feriado de Nossa Senhora Aparecida e o Dia das Crianças.

Um bairro para guardar na lembrança – seja por seu surgimento, no qual a comunidade se desenvolveu em torno da imagem de uma santa em uma gruta (Nossa Senhora) ou pelo seu desenvolvimento econômico com intensa miscigenação cultural promovida por estrangeiros como: italianos, portugueses, espanhóis, ingleses e sírio-libaneses.

A forma atual da Lapa começou a se desenhar no final do século XIX, com os loteamentos que deram origem ao Grão Burgo da Lapa - que abrange a região onde hoje está a Lapa de Baixo - e à Vila Romana. O loteamento realizado pela Companhia City no início do século XX deu origem ao Alto da Lapa.

Com tanta história presente no nascimento da Lapa, aproveitamos a ilustre data para expressar o nosso compromisso com o bairro. Este bairro é “nosso”. Meu, seu e futuramente dos nossos descendentes. Por isso, temos o dever de zelar por ele de forma responsável e efetiva.

Com trabalho e dedicação conseguimos passar da Lapa propriamente dita, para um lugar mais agradável de morar, a City Lapa, com suas ruas largas, residências por excelência, e contribuimos para o verde desse lugar plantando pequenas árvores que hoje tem alturas apreciáveis.

Mas nem tudo é festa. Muitas empresas da região utilizam o nome - Lapa - para se esconder das verdades, ocultando assim sua verdadeira intenção: a exclusividade, a do capital ou na maioria das vezes a política suja.

Por isso, nesta data tão especial, aproveitamos para reafirmar o nosso compromisso com a ética e a seriedade na cobertura dos fatos. Nossa missão é resgatar os passos históricos traçando assim, um presente real e um futuro ainda mais apropriado para a comunidade. Parabéns a todos que de uma forma ou de outra contribuem com o bairro da Lapa. Parabéns Lapa. “Nosso Bairro”.

JNB16. Ed. 230, Ano V – São Paulo, 21 a 27 de outubro de 2006.

Voar é preciso
Urbano Lemos

“As invenções são, sobretudo, resultado de um trabalho teimoso”.

Alberto Santos Dumont

Nesta semana recebemos em nosso bairro da Lapa, a ilustre visita do primeiro astronauta brasileiro Marcos Pontes. O evento esclareceu aos participantes qual é o papel do Brasil na exploração espacial, bem como o que representa tal trabalho e os fatores positivos que ele traz para nosso país, abrindo portas para a área de tecnologia espacial e contribuindo para o reconhecimento e o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro.

O astronauta destacou que sempre teve o sonho de voar. Para ele é importante buscar os sonhos independentes das dificuldades no caminho, mesmo que tudo seja desfavorável a concretização dos sonhos, não se pode desanimar. “Sonhar é realizar” disse Marcos Pontes. E foi exatamente isso que ele fez, concretizou o sonho de milhares de brasileiros.

Outra grande comemoração é o centenário do primeiro vôo de Alberto Santos Dumont, o inventor do 14-Bis e precursor da história espacial brasileira. Em 23 de outubro de 1906, Santos Dumont avançou significativamente no campo das invenções aéreas, sendo assim, hoje comemoramos no dia 23 de outubro o seu dia, o Dia do Aviador.

E para concretizar a passagem, na próxima segunda-feira, 23 de outubro, às 20h30 será lançado em São Paulo o filme “14 Bis”, única ficção produzida para o Centenário do Primeiro Vôo da História, realizado por Alberto Santos Dumont. A obra é distribuída pela UPA Cinema. O evento acontecerá no prédio da Fiesp, no Teatro Popular do Sesi no térreo (avenida Paulista, 1.313). Vale a pena conferir. Pois ‘voar é preciso’ e como diria o nosso astronauta “sonhar é realizar”.

JNB17. Ed. 231, Ano V – São Paulo, 28 de outubro a 3 de novembro de 2006.

Arte sem limites
Urbano Lemos

A definição original e abrangente de arte significa técnica ou habilidade. Assim, arte é todo fenômeno cultural. Mas no sentido moderno, também podemos incluir o termo arte como atividade artística ou o produto da atividade artística.

Portanto arte pode ser sinônimo de beleza, ou de uma beleza transcendente. Dessa forma, o termo passa a ter um caráter extremamente subjetivo, qualquer coisa por ser chamada de arte desde que alguém a considere assim, não precisando ser limitada à produção feita por um artista.

E é isso que constatamos nesta semana. Um enorme Grafite, criado pelos OsGêmeos desfila pela Marginal do Rio Pinheiros, mostrando que a arte não tem hora nem lugar para manifestar-se.

Além de ser um trabalho artístico, a composição é vista por mais de 100 mil usuários diariamente e por quem passa pelas marginais do Rio Pinheiros, servindo como incentivo à arte, tornando a viagem de trem até mais agradável.

Outra forma notável artística é da artista plástica Zélica, que expõe seu trabalho na Biblioteca Municipal Clarice Lispector. A artista utiliza materiais curiosos e inusitados como réguas escolares, esquadros, pedra de sabão de coco e sinalizadores (leds) para contextualizar a idéia da contemporaneidade de uma obra de arte. O resultado alcançado pela artista além de diferente está sempre procurando conhecer bem o que acontece a sua volta, manifestando-se através de sua expressividade artística.

E é exatamente isto que a arte proporciona. Um olhar curioso, uma manifestação momentânea ou simplesmente uma releitura de um acontecimento. Deste modo, a arte atual é contemporânea. Uma arte única e sem limites para o imaginário do seu público. Sem limites para ver, apreciar e viajar.

JNB18. Ed. 232, Ano V – São Paulo, 4 a 10 de novembro de 2006.

Liberdade abalada
Urbano Lemos

Dois fatos contra a imprensa, registrados nesta semana, devem ser repudiados pela sociedade brasileira. O primeiro envolve três jornalistas da revista Veja que teriam sido intimidados, pressionados e constrangidos pelo delegado da PF (Polícia Federal), Moysés Eduardo Ferreira, e precisa ser apurada e condenada pelos poderes constituídos para que a liberdade de imprensa e expressão no Brasil não seja ameaçada. A reportagem publicada em outubro relatava uma operação montada pela cúpula da PF para tentar abafar o caso do dossiê, que envolvia membros do comitê eleitoral de Lula e de Aloizio Mercadante. E o segundo está ligado ao governador do Paraná, Roberto Requião, que se referiu a jornalistas e empresas de comunicação, em entrevista coletiva após sua reeleição, em tom grosseiro, desrespeitoso, e teria procurado criar um clima de hostilidade contra a imprensa.

Os dois acontecimentos foram repudiados pela ANJ (Associação Nacional de Jornais). O repúdio apresentado pela ANJ deve ecoar em todos os lugares que preservam a democracia e a liberdade do cidadão, princípios que constam na Constituição Federal.

Estes fatos servem de alerta ao país, para que não se repitam e haja o respeito à opinião e ao posicionamento de cada mídia. Um sinal que deve preocupar os defensores da liberdade, principalmente depois que o presidente nacional do PT, Marco Aurélio Garcia, defendeu que a imprensa faça “uma ‘auto-reflexão’ sobre a forma como havia noticiado o escândalo do mensalão”.

Estes atos de perseguição à imprensa são perigosos para a estabilidade política nacional e servem como advertência para toda a sociedade, afinal um país sem imprensa livre é um país sem democracia. Pelos registros, os políticos brasileiros deveriam rever seus pontos de vista. Quem sabe, assim, a democracia não sofra nenhum tipo de abalo sísmico.

JNB19. Ed. 233, Ano V – São Paulo, 11 a 17 de novembro de 2006.

Proclamar para ampliar
Urbano Lemos

Na próxima semana, dia 15, quarta-feira, comemora-se o Dia da Proclamação da República. Um dia no qual passou-se a vigorar a República implantada em 1889, favorecendo a modernização representada pela urbanização. Assim, a modernização trouxe também as reivindicações dos setores médios por reformas sociais e políticas.

Desta forma, a próxima semana além de servir para recordar de um feito histórico e representativo, destaca-se também pelos aumentos abusivos nos preços do gás natural, da passagem de ônibus, trem e metrô na cidade de São Paulo. E para completar um “aumento” coincidente da frota de ônibus na região metropolitana.

E é neste contexto que comemoraremos o Dia da Proclamação da República. Com aumentos mascarados por uma substituição oportuna no número de ônibus. No último dia 6, foram entregues 265 novos ônibus, sendo apenas 39 para bairros da região oeste. Nos 265 novos ônibus foram investidos cerca de R\$ 80 milhões.

Logo após o anúncio da nova frota, empresários de ônibus já contam com o aumento da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo a partir de 15 de novembro. O novo custo da passagem ainda não está totalmente definido, mas deve subir de R\$ 2,00 para R\$ 2,30 ou R\$ 2,40. Na primeira hipótese a elevação deverá vigorar por um ano. Já para a segunda, a previsão de novo aumento deverá ocorrer só após dois anos, ou seja, depois das eleições municipais de 2008. Mais uma vez, uma manobra mascarada para aumentar os preços da passagem de ônibus. O reajuste de 15% no transporte municipal provocaria novo aumento em 2008, no governo Serra. A elevação do preço do bilhete do Metrô provocará em cadeia o aumento dos ônibus, trólebus e trens, para que o sistema todo não opere em prejuízo.

A data da Proclamação da República marca o fim da monarquia brasileira. Mas, atualmente proclamar é sinônimo de aumento, de políticas públicas visando os interesses individuais. Proclamar hoje é ampliar. E mais uma vez quem paga o preço é o povo.

JNB20. Ed. 234, Ano V – São Paulo, 18 a 24 de novembro de 2006.

Dia Negro
Urbano Lemos

As comemorações do Dia Nacional da consciência Negra - 20 de novembro – completam 35 anos em 2006. A data será lembrada, com feriado, em 225 cidades, de 11 estados. Entre elas, estão três capitais: São Paulo, Rio de Janeiro e Cuiabá. Na capital paulista, pela primeira vez, o feriado municipal, instituído em 2004, coincide com um dia útil, devendo alterar a rotina da cidade.

Esta data, instituída através de um Decreto-Lei, sancionado pela então prefeita Marta Suplicy, em janeiro de 2004, e que promulgou o feriado do Dia da Consciência Negra no calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo, deve-se muito mais ao caráter político do que ao movimento sócio-cultural como deveria realmente representar.

A capital paulista concentra a maior população afrodescendente fora da África, estimada em 3,2 milhões de pessoas, de acordo com dados do IBGE. Sendo assim, certamente, preservar a memória é uma das formas de construir a história.

Nessa data, em 1695, foi assassinado Zumbi, um dos últimos líderes do Quilombo dos Palmares, que se transformou em um grande ícone da resistência negra ao escravismo e da luta pela liberdade.

Vista assim, em perspectiva ampla, a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade. Ao lado de outros dilemas, também fundamentais, como as guerras religiosas, as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, a questão racial revela-se um desafio permanente, tanto para indivíduos e coletividades, como para cientistas sociais, filósofos e artistas.

Desta forma, a data instituída constitui uma mensagem histórica, mas também uma diferenciação das demais etnias representativas no Brasil. Destaca-se não só pela sua representatividade e sim como um preço pelas discriminações sofridas ao longo do tempo.

É preciso entender que a desigualdade no Brasil tem cor, nome e história. Esse não é um problema dos negros no Brasil, mas sim um problema do Brasil, que é de negros, brancos e outros mais.

JNB21. Ed. 235, Ano V – São Paulo, 25 de novembro a 1 de dezembro de 2006.

Contrastes na política
Urbano Lemos

Está semana acompanhamos o desfecho de um futuro aumento concedido aos aposentados. Os deputados da base aliada do governo federal derrubaram na última terça-feira (21), a proposta da oposição de elevar o reajuste dos aposentados que ganham mais que um salário mínimo para 16,67%. Com isso, esses aposentados terão um aumento de 5,01% - como previa a proposta inicial do governo federal.

Atualmente o salário mínimo é de R\$ 350,00 com o “aumento” de 5,01% o benefício sobe para R\$ 367,53. Temendo desgastar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que teria que vetar o reajuste de 16,67% - caso a oposição conseguisse aprovar o aumento maior -, o governo vinha protelando a votação desde agosto. Mais uma vez uma manobra política visando os interesses particulares e não os interesses do povo.

Paralelo a esta informação que permeou os noticiários nesta semana, houve também a confirmação do presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB-SP), que declarou que existe uma reivindicação dos parlamentares para que haja “isonomia entre os salários dos Três Poderes”. Para equipar o salário do Legislativo ao do Supremo Tribunal Federal, os deputados e senadores teriam que dobrar seus vencimentos, de R\$ 12,8 mil para R\$ 24,5 mil. Convenhamos, um aumento digno de contrastes, único e representativo se comparado ao aumento concedido aos aposentados do nosso Brasil.

O salário bruto dos deputados é de cerca de R\$ 12 mil, e o líquido, R\$ 9 mil. As demais verbas, como combustível, passagens e habitação só podem ser usadas com essas finalidades – e não transformadas em salário direto. Os deputados têm direito de contratar funcionários para os seus gabinetes, auxílio-moradia, passagens aéreas e verbas para correspondências – como acontece nas câmaras municipais, assembleias legislativas e parlamentos de todo o mundo.

E os aposentados? Esses dão coro a enorme disparidade existente no Brasil. Os contrastes entre quem têm o direito e quem os executa, os políticos.

JNB22. Ed. 236, Ano V – São Paulo, 2 a 8 de dezembro de 2006.

O começo do fim
Urbano Lemos

Dezembro é o décimo segundo e último mês do ano no Calendário Gregoriano, tendo a duração de 31 dias. *Dezembro* deve seu nome à palavra latina *decem* (dez), dado que era o décimo mês do Calendário Romano, que começava em Março.

Um mês que marca diversos rumos e trajetórias da humanidade. Em dezembro temos o início do verão, a época do ano ideal para viver ou reviver os bons momentos. O mês de dezembro, além disso, inicia-se com uma data bastante significativa: O Dia Mundial da Luta contra a AIDS. No dia 1º, o mundo une forças para a conscientização.

Mas definitivamente o maior símbolo do mês de dezembro é o Natal e o fim de ano. E é neste clima de Natal que o *Jornal Nosso Bairro* apresenta o jornal desta semana. A partir desse sábado, a cidade de São Paulo inicia os preparativos para o Natal deste ano. Árvores gigantes, prédios públicos iluminados, show das “fontes dançantes” no Parque do Ibirapuera, decoração nos shoppings e nas ruas, tudo para receber a festa popular mais antiga e famosa do mundo: O Nascimento de Jesus Cristo.

Por isso e por tudo o que esta data do ano representa para todos, façamos do Natal uma atitude permanente e não uma festa com hora e dias marcados. Que a verdadeira “Estrela de Belém” brilhe em nós, reformulando-nos, fazendo-nos redescobrir a raiz mais profunda de nossa humanidade para que possamos ver o nosso semelhante a partir de nossa própria imagem. Pois este é o começo do fim. É o início do último mês do ano.

JNB23. Ed. 237, Ano V – São Paulo, 9 a 15 de dezembro de 2006.

A natureza pede fresco
Urbano Lemos

Nesta semana acompanhamos de perto o caos ocasionado pelas chuvas de verão. Cenas de total desespero, carros ilhados, sendo arrastados pela força da água, comércios inundados e a desordem espalhada pela cidade.

Segundo o Centro de Gerenciamento de Emergência (CGE), choveu em média 41,3 milímetros na capital – cada milímetro corresponde a um litro de água por metro quadrado. O valor corresponde a 20,5% da quantidade de chuva esperada para dezembro na capital, que é de 201ml. Só na região oeste, em penas uma hora recebeu 25% do volume de água previsto para todo o mês de dezembro. Exaltações à parte a natureza faz a sua, e a chuva é uma consequência da mesma.

O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, declarou que a maior causa das enchentes na cidade é o lixo deixado nas ruas. Kassab defendeu que a sujeira entope os bueiros e não deixa a água das chuvas escoar. E como sempre, se absteve de culpas em relação a enchentes, despertando assim, a crítica de muitas pessoas.

Mas o fato curioso é que quem mais sofre com essas peripécias é o povo e este por sua vez é o que mais contribui para a desordem ambiental da cidade.

Cada indivíduo pode e deve, com pequenas ações, aliviar a fúria das águas. Atitudes simples como não jogar lixos nas ruas; recuperar o verde de seu bairro; plantando árvores em parques, nas ruas ou no quintal e principalmente incentivando práticas de reciclagens garantem o bom andamento em dias de chuva. São pequenos gestos, mas se todos se unirem certamente às chuvas passam a ser encaradas como um fresco da natureza e não como um sinônimo para catástrofes.

JNB24. Ed. 238, Ano V – São Paulo, 16 a 22 de dezembro de 2006.

Então... Bom Natal!
Urbano Lemos

Há poucos dias estaremos comemorando o aniversário de nascimento de Jesus Cristo e a virada de mais um ano em nossas existências. E quando falamos em Natal, logo vem à cabeça uma música já interpretada por vários cantores. “Então é Natal, e o que você fez. O ano termina e nasce outra vez... E então é Natal” Essa música retrata tudo o que podemos dizer sobre o Natal.

Mas qual o real significado do Natal? O vocábulo Natal deriva de Natividade, ou seja, referente ao nascimento de Jesus. Nas línguas anglo-saxônicas o termo utilizado é Christmas, literalmente “Missa de Cristo”. Já na língua germânica, é Weihnachten e têm o significado “Noite Bendita”. São inúmeras as denominações para descrever a festa popular mais conhecida e celebrada em todo o mundo: o nascimento do Messias (Cristo).

Atualmente, o significado mais forte para Natal é solidariedade. Com gestos simples podemos mudar vidas de várias pessoas, sendo mais solícitos através da compaixão e da sinceridade. Celebrar esta data apenas como uma lembrança e algo incomum se olharmos para a quantidade de necessidades e diferenças sociais existentes. Basta estender a mão para o próximo não esperando nada em troca, só assim, podemos realmente entender que Natal é vida e desejar-lhe boas vindas.

Para o próximo ano desejamos a todos os nossos leitores e parceiros, muita paz, saúde e prosperidade. Que a estrela do Natal brilhe e ilumine os nossos futuros passos e a representatividade da neve derreta os nossos corações com amor e solidariedade. Na vida tudo podemos, basta querer e lutar. É só juntar forças e ir a luta. **Então... Bom Natal!**

Folha da Vila Prudente (FVP)

FVP01. Ed. 689, Ano 14 – São Paulo, 15 a 21 de julho de 2005.

Poupatempo Sapopemba

É digna de elogios a iniciativa do Governo do Estado de trazer o Poupatempo Móvel ao Sapopemba. A grande demanda registrada logo nos primeiros dias de funcionamento da unidade — atingindo prontamente o limite de atendimento diário — mostra a real necessidade de programas deste tipo em regiões como o Sapopemba. A presença maciça da população chegou a surpreender a própria equipe do Poupatempo Móvel acostumada a atuar em pontos mais periféricos.

Além de ser uma região populosa, que ainda sofre com problemas típicos do início do século passado, como a falta de pavimentação em diversas ruas, também não conta com um sistema eficiente de transporte público. O Poupatempo Itaquera que fica anexo à estação do Metrô poderia ser um bom recurso para esta população do Sapopemba, isso se a região já contasse com uma linha do Metrô — a mesma prometida há anos e anos para a Vila Prudente e que depois, seria estendida ao Sapopemba.

Mas, isso é futuro, um projeto de longuíssimo prazo para ser concretizado — e se espera que realmente seja. De mais imediato, o Governo do Estado, que está prometendo a inauguração de novas unidades fixas do Poupatempo para 2006, ano eleitoral, pode instalar uma delas no Sapopemba. A experiência que vem sendo obtida com o posto móvel comprova que demanda não vai faltar.

FVP02. Ed. 751, Ano 15 – São Paulo, 29 de setembro a 05 de outubro de 2006.

Eleições

Com as pesquisas indicando que o candidato tucano ao governo de São Paulo, José Serra pode se eleger com folga já no primeiro turno e com Geraldo Alckmin ainda mantendo esperanças de ir ao segundo turno na disputa pela presidência da República contra o favorito Lula, os eleitores vão votar no próximo domingo, dia 1º de outubro. O pleito envolve ainda as eleições de senador, deputados estaduais e federais. É uma festa da democracia que somos chamados a participar.

É evidente que são importantes as eleições de governador e presidente, mas, como jornal regional, nossa atenção se volta muito mais para as escolhas dos deputados estaduais e federais, pois serão eles, que junto com os vereadores, terão a obrigação de lutar pelas reivindicações locais. Neste sentido há que se registrar que nem sempre o eleitor tem feito escolhas sensatas, deixando se levar por discursos demagógicos, propaganda cara e bem feita, afinidade religiosa e até por razões inconfessadas. É necessário que se faça uma reflexão mais profunda antes de optar pelos que vão nos representar.

Algumas qualidades e atributos são absolutamente indispensáveis; que ele conheça as características e as carências da região, seja sensível às injustiças e acessível aos eleitores, tenha competência e espírito público, mas, sobretudo uma vida pautada pela ética e honestidade.

Mesmo num quadro de total desencanto com os fatos desabonadores que vêm se abatendo sobre o mundo político, ainda há nomes que merecem ser considerados a parte. Institutos, ONGs e a própria imprensa (e este jornal em particular) têm divulgado, mesmo que as vezes, em forma reduzida, o trabalho e a seriedade de muitos deles. Basta que o eleitor fique atento e valorize seu voto.

A conquista da cidadania plena, o desenvolvimento do País e uma divisão mais equitativa de renda, aspirações de toda a população, exige participação e empenho. Votar e escolher bem está no topo das atitudes responsáveis.

FVP03. Ed. 756, Ano 15 – São Paulo, 03 a 09 de novembro de 2006.

Chuvas

Um dia depois da Prefeitura anunciar o Plano Preventivo de Defesa Civil — Verão 2006/2007, caiu o primeiro dilúvio da nova temporada de chuvas na Vila Prudente — pelo menos, a rua José Zappi, onde fica a sede deste jornal, alagou. O anúncio oficial do plano aconteceu na tarde da terça-feira, dia 31, na própria Prefeitura, com a presença do prefeito Gilberto Kassab, do secretário de Coordenação das Subprefeituras, Andrea Matarazzo, e do coordenador da Defesa Civil, coronel Jair Paca de Lima. As medidas preventivas que foram implementadas já no dia 1º se estendem até 15 de abril. Pela previsão do Centro de Gerenciamento de Emergência (CGE), os paulistanos vão sofrer. No próximo verão, o volume de chuvas pode ser de 30% a 50% acima da média registrada dos anos anteriores.

Segundo estimativas da Prefeitura, cerca de 15 mil pessoas estarão mobilizadas para prestar socorro à população. Treinar agentes para socorrer só é válido quando não há solução para evitar que o problema ocorra — como é o caso de São Paulo. O prefeito declarou que “a Prefeitura se considera preparada adequadamente, dentro das nossas possibilidades orçamentárias, para enfrentar as adversidades do período de chuvas fortes”. É justamente a questão da ‘possibilidade orçamentária’ que preocupa a população.

Na região da Vila Prudente, que vira uma espécie de ‘Veneza’ a cada temporal, sabemos que a solução do problema depende, acima de tudo, de verba, seguida de vontade política — nos últimos anos faltaram os dois recursos. Medidas paliativas — justamente como as anunciadas pela Prefeitura: limpeza de bocas de lobo, de córregos, etc — ajuda, mas, nem de longe resolvem a situação dramática de parte da população local. O lixo e o entulho despejados ilegalmente pelas ruas agravam o problema das cheias. Mas, se deter nestas questões, é desprezar a inteligência do cidadão. Todos sabem que sob a rua José Zappi e a avenida Anhaia Mello, por exemplo, passam galerias que não comportam mais o volume de água que recebem a cada chuva mais forte. Não é com limpeza de boca de lobo que o problema será extinto. Empenho, inteligência, dinheiro e obras dariam muito mais resultado. O recado está dado.

FVP04. Ed. 758, Ano 15 – São Paulo, 17 a 23 de novembro de 2006.

Administração x política

Encerrada mais uma eleição, bom seria se a cabeça dos eleitos e daqueles que já estão no poder se voltasse exclusivamente às propostas apresentadas durante a campanha e como executa-las, de modo a honrar as promessas feitas. Mas, basta acompanhar os noticiários políticos para se dar conta que a administração em si da cidade, estado ou país é apenas uma das atribuições do eleito. Nem bem é proclamado oficialmente o resultado do pleito que acabou de ocorrer; as preocupações já estão voltadas para o próximo de 2008 (cargos municipais) e até para 2010 (nova disputa presidencial). De prefeito a presidente, passando por vereadores e deputados, ninguém fica de fora dos acordos políticos que nem sempre atrelam os benefícios partidários aos comunitários. A velha desculpa é que sem uma boa base fica inviável governar — o que até certo ponto é realidade, mas, não na proporção como temos visto nos últimos tempos, onde acordos vergonhosos são firmados indo contra a ideologia e a história partidária dos envolvidos. Logo depois começam as distribuições de cargos levando em conta mais os respectivos interesses do que realmente a afinidade deste ou daquele para a pasta que lhe está sendo confiada. E por aí vai.

Em São Paulo estamos vivenciando um exemplo clássico. O ex-governador Geraldo Alckmin que até poderia ser hoje o presidente eleito — se, entre outros fatores, tivesse obtido mais apoio do seu próprio partido, o PSDB — continua sendo, por incrível que pareça, mais um problema do que uma solução, apesar da ampla votação que concentrou. Para nomes do alto escalão do PSDB, como José Serra ou Aécio Neves, a eleição de Alckmin ao Palácio do Planalto simplesmente não interessava por conta da possibilidade da reeleição em 2010 — o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não poderá pleitear tal coisa. Com a derrota, Alckmin se credenciou automaticamente à disputa da prefeitura paulistana em 2008, o que também parece ser um problema para José Serra, que deixou seu vice, Gilberto Kassab, no comando do governo municipal e ao que tudo indica, apoiaria sua reeleição. Tanto que há rumores de que Serra cogita até formar um novo partido de centro-esquerda, o que lhe daria mais liberdade para agir. Enfim, quando assumir o Governo do Estado em 1º de janeiro, José Serra terá mais preocupações e afazeres do que administrar. O mesmo vale para o presidente Lula, que só não responde pelo PT quando é assunto relacionado às constantes inclinações criminosas dos seus membros, mas, não existe dúvida que ele participará ativamente da escolha do candidato para prefeitura de São Paulo e logo depois, cuidará de perto da sua sucessão. Aos respectivos eleitores resta a esperança de que seus escolhidos sejam suficientemente bons para cuidar de tamanhas demandas e que sejam éticos a ponto de não deixarem os interesses pessoais se sobreporem aos coletivos. Além da esperança, vale também muita atenção para os próximos atos.

FVP05. Ed. 760, Ano 15 — São Paulo, 01 a 07 de dezembro de 2006.

15 anos

Fundada e desenvolvida dentro de princípios profissionais e tendo como metas a defesa da comunidade e o acompanhamento rigoroso do trabalho de líderes e instituições locais, a **Folha** completou nesta semana seu 15º aniversário de existência. Datas como esta nos levam a fazer um balanço de nossas ações, aquilatar o quanto realizamos e aquilo que por ventura deixamos de fazer, seja por incapacidade técnica ou material, como por limitações que o próprio veículo nos impõe. E, a rigor, podemos dizer com segurança, que a **Folha** tem um saldo absolutamente positivo de suas ações, tanto que hoje é o órgão de comunicação mais respeitado na comunidade e um dos mais importantes jornais regionais da cidade.

Pluralista, apartidária, democrática e principalmente independente, a **Folha** não pertence a grupo empresarial, não é braço de comunicação velada de políticos e tampouco extensão de igreja ou fé religiosa. Nossos únicos compromissos estão ligados a verdade, aos leitores e anunciantes. Pode até parecer simples e normal este procedimento. Não é. E isso tem nos custado feridas profundas, concorrência desleal e uma luta sem quartel que se renova diuturnamente. Em algumas trincheiras opostas, acantonam-se políticos inescrupulosos que gostariam de ter uma imprensa amordaçada e chapa branca. Há outros que fazem jornal por diletantismo, vaidade ou interesses próprios e empresários de comunicação sem a devida ética para concorrer num mercado livre.

Uma avaliação mais isenta da **Folha** pode ser feita por qualquer dos editores e jornalistas que por ela passaram. Com certeza, todos irão testemunhar a liberdade que tiveram e, se, eventualmente alguma recomendação receberam da direção do jornal, foi exatamente sobre os conceitos éticos que regem nossas ações. O que era um projeto utópico 15 anos atrás, transformou-se em realidade. Fincamos raízes e somos uma voz respeitada da comunidade pela seriedade que encaramos nossa missão. Com esta base e princípios, e o apoio dos leitores e anunciantes, deslumbramos com otimismo os próximos anos.

FVP06. Ed. 761, Ano 15 — São Paulo, 08 a 14 de dezembro de 2006.

Justiça (?) e reflexão

Nesta semana, a Justiça brasileira condenou a quatro anos de prisão a doméstica Angélica Aparecida Souza Teodoro, de 19 anos, que tentou roubar um pote de manteiga para dar com pão ao filho de dois anos que chorava de fome. O fato aconteceu em novembro passado na Zona Leste da cidade, foi registrado como tentativa de roubo e na época, a mãe — que não tinha antecedentes criminais — chegou a ficar detida 128 dias, tendo a liberdade negada quatro vezes pela Justiça. O caso teve grande repercussão na imprensa e a opinião pública, em geral, se mostrou solidária à mãe — embora, é preciso ficar claro, que ela chegou a cometer um crime previsto de punição pela lei.

Nos últimos dias, também foi anunciado que a babá Érika Oliveira, com a mesma idade de Teodoro, pegou dois anos de detenção pela acusação de torturar uma criança portadora de síndrome de Down em Minas Gerais. Ela está presa desde o início de outubro, depois que os pais da menina, na época com um ano e nove meses, conseguiram flagrar o crime instalando uma câmera na sala da casa. As cenas foram amplamente divulgadas pela imprensa e chocaram.

Os advogados de ambas avisaram que vão recorrer e as sentenças podem até ser alteradas, mas, por enquanto, os dois casos servem para escancarar a fragilidade da chamada ‘justiça dos homens’. É compreensível que um juiz não inocentasse totalmente a doméstica que tentou roubar para alimentar o filho — até para o ato não incentivar novos casos, mas, condenar a mesma a ficar quatro anos atrás das grades, em meio a outras presas perigosas, chega a ser inexplicável. Além de ser mais uma pessoa saturando os presídios do Estado, foi totalmente ignorada a questão das chamadas penas alternativas (como a prestação de um serviço comunitário), tão defendidas nos dias atuais quando já está mais do que comprovado que o sistema penitenciário não ‘salva’ ninguém da marginalidade — pelo contrário. Por outro lado, que exemplo pretende dar o juiz do caso da babá? Agredir uma criança, ao que parece, pelo menos para a Justiça, não é um fato tão grave assim — pior é tentar roubar um pote de manteiga. A grande disparidade de julgamentos de dois profissionais das leis chega não apenas a indignar, mas, também assustar.

FVP07. Ed. 763, Ano 15 – 22 de dezembro de 2006.

Que venha 2007

“Como aceitar que um parlamentar receba mais de R\$ 800 por dia, quando boa parte das pessoas que representa é obrigada a viver com R\$ 12 por dia? (...) Atitudes como as que temos visto matam o espírito de Natal e apresentam uma ameaça real ao espírito de paz que o Natal anuncia”. As duras afirmações foram proferidas pelo arcebispo de Brasília, Dom João Braz de Aviz, durante missa em ação de graças promovida pelo Congresso na última quarta-feira e representam fielmente o sentimento do povo brasileiro. A repulsa, de todos os setores da sociedade, provocada pelo indecente aumento de rendimentos, nada menos que 90,7%, que os congressistas se concederam, obrigou os parlamentares a voltarem atrás e desistirem de tamanho absurdo — boa parte bastante contrariada. Enquanto isso, após muita discussão, o Governo Federal anunciou anteontem que vai elevar o salário mínimo de R\$ 350 para R\$ 380, aumento de 8,6%. Assim, as contas do arcebispo de Brasília devem ser refeitas: a partir de abril, o brasileiro que tiver o salário mínimo como único rendimento, contará com alguns centavos extras por dia, além dos R\$ 12.

Por hora, a questão dos supersalários parece ter chegado ao fim merecido, porém, o problema é o que ainda está por vir. Em momentos como estes (já teve outros como o episódio do ‘mensalão’), vemos que estamos nas mãos de homens sem a menor ética, respeito ao próximo e outras noções de cidadania. Acreditam ainda que leis não precisam ser respeitadas. Diante do mau exemplo de boa parte dos nossos ilustres deputados e senadores, fica até banal falar de bares que desrespeitam a lei do silêncio ou de comerciantes que impedem o direito de ir e vir de pedestres, mas, enfim, a luta continua e a recomendação é não esmorecer jamais. Na próxima semana, a **Folha** dá uma trégua, mas, volta à ativa no dia 5 de janeiro. Que venha 2007!

FVP08. Ed. 767, Ano 16 – São Paulo, 26 de janeiro a 01 de fevereiro de 2007.

São Paulo — 453 anos

Desde sua fundação pelos padres jesuítas em 1554 até o meio do século 19, São Paulo era uma cidade inexpressiva no contexto nacional. No primeiro recenseamento oficial procedido em 1872, possuía apenas 31 mil habitantes, dos quais 1/3 era constituído por negros e mulatos. Na mesma ocasião o Rio de Janeiro tinha 275 mil habitantes, Salvador 129 mil e Niterói 47 mil. Três fatores agindo simultaneamente iriam mudar a face da cidade e transforma-la na mega metrópole que é nos dias de hoje: a lavoura cafeeira, a troca da mão-de-obra escrava pela do imigrante, principalmente italiano, e a implantação das estradas de ferro.

A evolução demográfica paulistana evidenciaria seu processo de urbanização e crescimento: 47 mil habitantes em 1886, 65 mil em 1890 e 126 mil habitantes em 1894. No último ano do século, São Paulo chega a 224 mil habitantes, ou seja, a cidade multiplicara sua população 7 vezes em apenas 27 anos. Ao longo do século 20, a cidade continuaria a se desenvolver, fazendo por merecer da ONU o título da “cidade que mais cresce no mundo”.

O avassalador aumento da lavoura cafeeira, desenvolvida a oeste do estado de São Paulo, foi puxada por empresários das famílias “quatrocentonas”, como Vergueiro e Prado, que tiveram o bom senso de reinvestir os lucros na cidade, criando as bases para a industrialização de São Paulo.

Mas foram os imigrantes italianos que plasmariam a cara da urbe paulistana no início de 1900. Muitos destes imigrantes não afeitos a lavoura foram juntando-se aos seus patrícios em bairros formados ao longo da ferrovia, como Brás, Mooca e Vila Prudente. Nesta ocasião, mais de 50% de toda mão de obra da cidade era formada por italianos. Mais à frente São Paulo manteria sua vocação acolhedora, recebendo enorme corrente migratória do Norte e Nordeste.

Chegamos ao século 21 como a 4ª maior cidade do mundo em população e a 4ª economia do País. É evidente que esse crescimento acelerado e sem planejamento adequado trouxe sérios problemas ao município, que ainda não consegue oferecer serviços básicos, como luz e esgoto, a todos seus habitantes. Faltam também escolas, unidades de saúde, transporte público eficiente, segurança... Enfim, se no passado, a preocupação era tirar São Paulo de uma inexpressiva posição no contexto nacional, hoje, o grande desafio dos atuais governantes (e dos futuros) é oferecer qualidade de vida aos cidadãos. Pessoas que, certamente, amam e se orgulham da cidade em que vivem, mas, pagam um preço caro por isso, como passar horas do dia em congestionamentos sem fim. Em mais um aniversário não poderia faltar o tradicional desejo e o nosso é que as autoridades que têm o poder e o dever de reverter esta situação, concentrem todos seus esforços neste sentido. O povo batalhador de São Paulo merece!

FVP09. Ed. 768, Ano 14 – São Paulo, 02 a 08 de fevereiro de 2007.

Luta de todos

Há quatro anos este jornal denunciou a contaminação por diversos poluentes químicos do terreno de 103 mil metros quadrados, situado na Mooca, e utilizado pela Esso Brasileira de Petróleo de 1945 a 2001. Quando a questão veio à tona, a Esso havia encerrado suas atividades naquele local e já iniciara o processo de descontaminação do terreno, com as operações supervisionadas pela estatal Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), obedecendo acordo firmado pela empresa petrolífera no Ministério Público. Embora a área esteja cercada de residências, prédios, clubes e intensa atividade comercial, tudo que dizia respeito à descontaminação era tratado em gabinetes, longe da maior interessada, a comunidade. A **Folha** levantou na época, que nem a Prefeitura estava ciente do problema. A impressão que se tinha é que estava em andamento uma grande transação imobiliária, que seria realizada tão logo a Cetesb liberasse a área, o que parecia iminente.

Dentro do seu papel, o jornal começou a investigar a fundo o problema. Descobriu que por conta da inexistência de uma legislação específica para questões ambientais, por ocasião da instalação da Esso na Mooca, a empresa nunca havia sido penalizada pela contaminação do solo, do lençol freático e tampouco por, possível, dano à saúde dos moradores das circunvizinhanças. Por mais de 50 anos enterrava-se na área toda a borra produzida na lavagem dos carros-tanques.

Concomitante ao protesto que lavrou contra a Esso, a **Folha** passou a reivindicar que aquela área fosse desapropriada para implantação de um parque. Nada mais lógico e justo. Seria uma forma da multinacional Esso retribuir ao bairro tudo que havia feito de errado por mais de 50 anos. A idéia que a princípio foi chamada de quixotesca ganhou repercussão e força na comunidade e tem tudo para vingar. A experiência do jornal em questões semelhantes é positiva. O Parque Lídia Natalício Diogo em vila Prudente é prova eloqüente disso. Mas para que o projeto frutifique e dê resultados é necessário que as forças vivas da comunidade — imprensa, entidades sociais, políticas, religiosas, culturais — se unam em torno da idéia, Agindo assim, estaremos legando aos pósteros um bairro digno de se viver e de conviver.

FVP10. Ed. 772, Ano 16 – São Paulo, 02 a 08 de março de 2007.

Solidariedade

Em meio a tantas más notícias que infelizmente dominam o cenário nacional, com assassinatos brutais de crianças e políticos cada vez mais preocupados com si próprios, entre outros temas corriqueiros que rondam o povo brasileiro, a equipe de redação da **Folha** teve uma grata surpresa ao longo desta semana. Por telefone, e-mail e carta recebeu todo tipo de oferta para auxiliar uma senhora, residente na Vila Prudente, cujo drama foi relatado em matéria da semana passada. Sozinha, sem familiares, foi vítima de derrame aos 89 anos. Foi liberada do hospital público onde estava sem qualquer tipo de encaminhamento a um programa social específico. Enfim, não teria com quem contar se não existissem pessoas como as vizinhas que se revezam para lhe auxiliar, ou, como descobrimos, os leitores que entraram em contato com o jornal se predispondo a doar horas do dia para ficar ao lado da senhora, a ajudar a encontrar uma instituição que a abrigue, a buscar meios de cobrar o poder público, ou seja, se colocando à disposição. Muitos ligavam e apenas manifestavam o interesse de ajudar, pedindo inclusive, sugestões de como poderia ser útil.

São situações como esta que nos trazem a esperança de que nem tudo está perdido. Mostram que ainda há pessoas que se preocupam com o próximo e mais do que isso, estão dispostas a ajudar. Não ficam apenas no blá blá blá. Infelizmente, não recebemos o mesmo respaldo do poder público, apesar de existir uma unidade específica para casos de assistência social, presenciamos apenas falta de empenho e informações desconstruídas, com raríssimas exceções. Esperamos que os nossos leitores não se deixem ‘contagiar’ pela burocracia paralisante de nossos governantes e continuem espalhando o bem. A todos aqueles que nos procuraram — inclusive muitos ressaltaram que não queriam aparecer no jornal — o nosso sincero obrigado.

FVP11. Ed. 781, Ano 16 – São Paulo, 04 a 10 de maio de 2007.

Troca de comando

Até o momento em que escrevíamos este editorial, a Subprefeitura de Vila Prudente/Sapopemba vivia um momento inusitado: está sem comando oficial, já que o titular Nelson Evangelista Vitor entrou em gozo de férias e a administração da unidade ficou sob a responsabilidade do chefe de gabinete Felipe Sigollo. Há mais de mês o super secretário Andrea Matarazzo, que tem poder extraordinário junto ao prefeito Gilberto Kasab, vem fritando lentamente e em público Evangelista Vitor, num gesto que não o dignifica. Fosse para exonerá-lo que o fizesse da maneira clássica e fim.

No andar dos acontecimentos, tudo indica que Vitor não voltará a ocupar o cargo e que o jovem Sigollo será oficializado subprefeito de Vila Prudente/Sapopemba. Se assim acontecer, o que é provável, devemos, até por questão de ofício, fazer uma análise do trabalho desenvolvido por Evangelista Vitor, assim como traçar algumas expectativas comunitárias a Felipe Sigollo.

O subprefeito que ora se despede fez uma administração “padrão”, sem ousadia e criatividade. Sendo um funcionário de carreira com formação técnica, Evangelista Vitor não demonstrou sensibilidade para fazer política na região. E aqui, evidentemente, não estamos falando da política partidária, mas da política maior que se traduz no discurso para convencer forças heterodoxas e até antagônicas em prol do bem comum. Aliás, este é um defeito de quase todo tecnocrata: faz o que está nos planos e não tem ousadia de sonhar. Mesmo assim, Evangelista Vitor deixará um legado positivo no bairro.

Quanto a Sigollo, que agora começa a pensar como subprefeito e montar sua equipe, tomamos a liberdade de citar Camões no seu imortal ‘Os Luziadas’: “Um fraco rei faz fraca a forte gente”. Estaremos torcendo, sem nunca deixar de cobrar.

FVP12. Ed. 783, Ano 16 – São Paulo, 18 a 24 de maio de 2007.

Exemplo de civilidade

O povo — sempre tão subjugado — deu um verdadeiro exemplo de organização e civilidade durante a visita do papa Bento XVI. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas, além de lotarem todas as grandes cerimônias públicas celebradas durante a visita de três dias à cidade de São Paulo. O mesmo ocorreu em Aparecida do Norte para onde o sumo pontífice seguiu e teve cada passo acompanhado por imensa massa populacional. O importante registro a ser feito é que não houve sequer um ato de vandalismo. Quem acompanhou através das imagens de TV viu apenas belos e emocionantes momentos protagonizados pelo povo que enfrentou temperaturas baixíssimas na capital paulista para mostrar todo o calor que tem no coração.

Independente de credo ou religião, a visita do papa foi um bálsamo para um povo que exatamente há um ano viveu um dos momentos mais aterrorizantes da sua história com os sucessivos ataques de uma facção criminosa que dominaram os noticiários com cenas chocantes. O sofrimento e o medo daquele período foram substituídos por muita esperança e paz. As cenas e os depoimentos exibidos ao longo da cobertura da visita religiosa histórica foram uma demonstração de que ainda resta serenidade e esperança, apesar da violência, da corrupção e de outras mazelas que atingem a população dia após dia.

Principalmente às autoridades foi mostrado que o verdadeiro povo é este que tomou as ruas para ver, por frações de segundos, o papa. E merece muito respeito. Não pode ser generalizado por grupos como os que protagonizaram o tumulto ocorrido recentemente na Mooca, por conta de uma apresentação de pagode, ou a selvageria da praça da Sé durante um show de rap da Virada Cultural promovida pela Prefeitura. Um público bem maior tomou o espaço público para ver o sumo pontífice e não há noticiário de depredação, saques e vandalismo. O exemplo está dado. Resta saber de que forma aqueles que têm o poder vão lidar com ele. O verdadeiro povo que batalha e sabe se organizar tem que ser valorizado.

FVP 13. Ed. 785, Ano 16 – São Paulo, 01 a 07 de junho de 2007.

Propinas e delegacias

Reza a lei que a relação acima deveria ser sempre antagônica, mas, um acidente no final da semana passado envolvendo um advogado ligado a empresas de caça-níqueis, conforme vem sendo divulgado na grande imprensa, colocou em suspeita a vinculação de propinas e distritos policiais. No carro do acidentado foram encontrados envelopes que totalizam R\$ 27 mil, a quantia em si nem é tão relevante, já que certos políticos circulam com muito mais dinheiro, o verdadeiro estopim foram os números grafados nos envelopes que coincidem com os DPs da cidade. Haveria ainda no veículo uma lista igualmente misteriosa. O caso tem provocado sucessivas trocas de acusações das polícias civil e militar, que embora todos saibam que existe rixa entre ambas, as altas cúpulas das duas corporações insistem em afirmar o contrário, bem como a Secretaria de Segurança Pública. Os tais envelopes foram encontrados por polícias militares que, como é de praxe, são os encarregados de se deslocarem aos pontos de acidentes. A polícia civil já levantou suspeita de que as provas poderiam ter sido forjadas, o que provocou resposta imediata da polícia militar.

Polêmica à parte, diversos e importantes distritos policiais da região constam na suposta relação o que faz a vizinhança dos mesmos começar a levantar casos de estabelecimentos com caça-níqueis que funcionam tranqüilamente a poucos metros de tais unidades. A própria proliferação desenfreada de tais jogos de azar já é uma suspeita relevante. Recentemente foi anunciada tanto por parte da polícia civil como da Prefeitura uma caça a estes equipamentos. Muitos chegaram a ser desligados e recolhidos, mas certos estabelecimentos continuaram funcionando escancaradamente, transmitindo a impressão que nem policiais nem fiscais municipais têm interesse de acabar com o comércio. A credibilidade de uma corporação como a polícia civil não pode ficar manchada desta forma. Os fatos precisam ser esclarecidos de maneira cabal, caso contrário gerará uma mácula sem precedentes.

FVP14. Ed. 786, Ano 16 – São Paulo, 08 a 14 de junho de 2007.

Até quando?

De tempos em tempos o morador de São Paulo sente na pele que é refém de determinados grupos que para atingirem seus objetivos não hesitam em prejudicar mais de dois milhões de pessoas. O episódio da vez foi a paralisação, no início desta semana, de seis das oito cooperativas de vans e microônibus que atuam na Capital. Sem aproximadamente cinco mil coletivos nas ruas, afetando 350 linhas que atendem a cidade, os cidadãos penaram sob baixíssimas temperaturas em pontos abarrotados. O avançar impetuoso do relógio durante a espera em vão do coletivo é uma ferida profunda na dignidade do ser humano, uma humilhação. Não há outra expressão para descrever as cenas de pontos lotados de trabalhadores que dependem do emprego para arcar com a salgada tarifa de R\$ 2,30 imposta pelo poder municipal.

A situação seria menos revoltante se, ao menos, os cidadãos enfrentassem este tipo de estresse para logo após, ganhar um transporte digno, ou seja, eficiente e de qualidade. No entanto, travado o tradicional e rotineiro embate entre empresários do setor e a Prefeitura, o derrotado sempre é o povo. A este grupo restam sempre os problemas já crônicos do transporte público de São Paulo: linhas que não respeitam horários de partidas fazendo seus usuários esperarem 20, 30, 40 minutos em paradas espalhadas pelo trajeto; veículos velhos, desconfortáveis, barulhentos, sujos; motoristas que não têm consciência que transportam (e não ‘carregam’) desde crianças até idosos, tendo total responsabilidade sobre a integridade física dos passageiros. Enfim, não é de negociação que os usuários precisam, é de muita vergonha na cara tanto daqueles que se prestam a oferecer o serviço, como daquela que tem o dever de fiscalizar; no caso a Prefeitura, que autoriza a elevação do preço da passagem, mas, se mostra incapaz de garantir o retorno ao cidadão que banca tudo isso.

A pergunta clara e direta é: até quando o povo será submetido a tal provação? Fica aqui nossa solidariedade e apoio a todos aqueles que nesta semana não tiveram garantido um dos seus direitos mais básicos: o de ir e vir.

FVP15. Ed. 787, Ano 16 – São Paulo, 15 a 21 de junho de 2007.

Educação

Houve tempo que os testes de QI (Quociente de Inteligência) eram moda e nada se fazia sem se formular a clássica pergunta: qual é seu QI? Que mais a frente foi ironizado como Quem Indicou. Através de uma série de “problemas” de quebra-cabeças e questões matemáticas (progressão numérica, lei das proporções, por exemplo) avaliava-se a pessoa determinando sua capacidade intelectual, criatividade, etc., etc. A complexidade do ser humano acabou mostrando que, na realidade, tais testes só conseguiam distinguir os candidatos que eram especialistas nestes mesmos testes. Hoje o QI foi colocado de lado.

Há alguns anos, O Ministério da Educação criou o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – aplicado na avaliação dos alunos desses cursos. Imediatamente muitas escolas passaram a utilizar este parâmetro para aquilatar a qualidade de seu ensino, como se as notas obtidas no ENEM fossem sentença final. A avaliação da educação não pode ser feita por um único instrumento e num único momento. Somente a médio e longo prazo poderemos ter um retrato fiel da qualidade do ensino transmitido por uma instituição.

Nesta semana, a revista *Veja* publicou matéria que exemplifica o que estamos afirmando. Uma grande escola de São Paulo, que se gaba de sua posição no ENEM, e que trabalha com apostila de “fabricantes” de material didático, viu abalada a sua dita qualidade de ensino, tendo sido flagrada em transmitir informações deturpadas, com viés esquerdizante e notório proselitismo na doutrinação dos alunos. Da mesma forma, que não se pode avaliar o ensino e a educação desta escola por esse fato isolado, também não se pode usar os critérios do ENEM como algo definitivo e indiscutível.

Educação é um dos verbetes mais extensos das boas enciclopédias. Resumi-la a avaliações tão sucintas e primárias é um erro crasso. Acreditar nisso é burrice.

A Gazeta da Zona Norte (GZN)

GZN01. Ano XLIV – São Paulo, 24 de março de 2007 – nº 2251

O Dia Mundial das Águas, lembrado em 22 de março, foi instituído pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1993 para ser observado a partir daquele ano segundo as recomendações da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Agenda 21. Em 2003, através da Lei nº 10,670, o Congresso Nacional Brasileiro instituiu o Dia Nacional da Água na mesma data, com a intenção de que os Estados desenvolvam atividades que promovam a conscientização sobre a necessidade de conservação e desenvolvimento dos recursos hídricos.

Ao lembrar a data na última quinta-feira, dez anos após a sua instituição mundial, todos os alertas sobre a iminência de escassez de água no mundo já batem à porta da humanidade denunciando o atraso das mudanças políticas, sociais e econômicas necessárias na preservação do acesso à água em todos os países. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgado na última quinta-feira, a falta de acesso a água potável já atinge mais de um bilhão de pessoas no mundo. Considerando os países em desenvolvimento, metade da população, ou seja, cerca de 2,6 bilhões de pessoas vivem em locais sem condições básicas de saneamento.

Com isso, problemas relacionados à falta de água adequada matam mais de 1,6 milhões de pessoas todos os anos, sendo que 90% dessas mortes ocorrem com crianças menores de 5 anos. Ainda para as crianças que sobrevivem a essa realidade, sobram os problemas de saúde e limitações no desenvolvimento com profunda perda de produtividade. Doenças fatais como febre tifóide, cólera, malária, dengue e febre hemorrágica podem ser evitadas com medidas conhecidas há muitos anos e a melhoria da administração dos recursos naturais.

O quadro deve piorar muito nos próximos anos diante das mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global, exigindo uma nova relação com o meio ambiente, desde o âmbito individual e doméstico até no que tange a esfera política e os meios de produção. A conscientização popular é muito importante para evitar os desperdícios dos recursos naturais, mas será preciso muito mais do que isso para enfrentar a problemática escassez de água potável no planeta e o esgotamento dos demais recursos naturais. Novos meios de produção e uma política global de preservação ambiental são urgentes, principalmente, por parte das grandes potências mundiais, para garantir o começo de um novo equilíbrio entre a humanidade e o meio ambiente.

GZN02. Ano XLIV – São Paulo, 31 de março de 2007 – nº 2252

A situação dos córregos e, principalmente, a dos moradores das áreas adjacentes representam hoje um dos capítulos mais problemáticos de São Paulo. Em consequência da degradação ambiental provocada por diversos fatores, desde a ligação clandestina da rede de esgoto, construções irregulares, invasões e até a falta de conhecimento ou consciência de cidadania, os locais próximos a córregos se tornaram pontos de grandes problemas urbanísticos e sociais.

Enchentes, deslizamentos, deterioração dos imóveis e risco para moradores menos favorecidos não atingem somente as construções irregulares ou de áreas invadidas. Na elaboração de matérias, em diversos bairros da Zona Norte, encontramos de pessoas que residem em áreas invadidas e, realmente sem condições de buscar um lugar mais seguro a moradores que pagam regularmente os impostos e que viram seus imóveis comprometidos e a qualidade de vida ameaçada a partir do agravamento da situação dos córregos na cidade de São Paulo.

A questão é tão abrangente que basta um dia de chuva para que todo cidadão que circule na Capital desafie as dificuldades. Sobram os alagamentos e congestionamentos em toda a cidade, impedindo invariavelmente a locomoção de muitos cidadãos. Nesta edição, a AGZN trata de dois bairros com graves problemas relacionados a córregos.

Na Vila Constança, abordamos a situação dos moradores da área que fica nas proximidades do Córrego da Paciência. As ligações irregulares de esgoto e o acúmulo de lixo, que parte da população insiste em depositar no local, trazem transtorno e desconforto durante todo o ano. Além do período de enchentes, os moradores enfrentam problemas com a deterioração de suas residências e reivindicam além da limpeza local, a regularização do esgoto, que em muitos casos, é cobrada em conta.

Esses problemas precisam de projetos amplos e definitivos para a melhoria das condições de vida da população. Tão importante quanto as ações do poder municipal, é a participação firme e consciente do cidadão na reivindicação, justa de seus direitos, mas também no cumprimento de seus deveres. Por parte da população cabe difundir a conscientização da importância de colaborar para a limpeza e manutenção dos córregos, combatendo o triste hábito, que alguns mantêm, em depositar lixo e entulho nos córregos ou terrenos vazios. Enquanto práticas como essas continuarem acontecendo, não adianta esperar por soluções através de grandes projetos ou obras, afinal uma nova relação com o meio ambiente torna-se cada vez mais uma ação necessária de cidadania.

GZN03. Ano XLIV – São Paulo, 7 de abril de 2007 – nº 2253

Moradores da região de Vila Maria, Vila Guilherme, Vila Medeiros, especialmente, tiveram uma boa notícia na última semana. As obras para a construção das alças de acesso ao Terminal Fernão Dias finalmente foram anunciadas. O contrato para o início dos trabalhos foi assinado na última segunda-feira pelos prefeitos de São Paulo, Gilberto Kassab e de Guarulhos, Elói Pietã, selando uma parceria esperada há muitos anos.

O Terminal de Cargas Fernão Dias surgiu a partir da idéia de impedir o tráfego de cargas pesadas pelas ruas centrais, evitando tanto a perda de tempo e combustível para as empresas transportadoras quanto o desgaste causado na própria cidade com o aumento da poluição do ar e sonora, congestionamentos, e muitos outros transtornos aos moradores das regiões que serviriam de ligação entre as rodovias e as marginais.

Em 1985 o Terminal de Cargas Fernão Dias foi inaugurado. A obra que desde o início representava a maior facilidade de acesso à rodovia, não correspondeu às expectativas iniciais. Apesar de estar localizado ao lado da Rodovia Fernão Dias, separado apenas pelo Rio Cabuçu, o Terminal de Cargas começou a funcionar sem as alças de acesso. Como consequência inevitável, os caminhões tiveram de acessá-lo através das ruas dos bairros próximos e os problemas se acumularam, tanto para moradores, quanto para motoristas e transportadoras. De um lado, as contrariedades com o barulho e poluição excessivos e degradação das vias, de outro as dificuldades do trânsito, a perda de tempo e maiores custos.

Entre questões burocráticas, negociações e busca de recursos se passaram quase 20 anos para o quadro começar a mudar. Em 2004, nos últimos dias de gestão Marta Suplicy, a prefeitura de São de Paulo inaugurou o primeiro acesso sentido Rodovia Fernão Dias, deixando encaminhadas as negociações para a continuidade das obras. Com a formalização dos contratos e apresentação dos projetos na última semana, fica a expectativa real de entrega das alças de acesso até o final deste ano, concluindo enfim o projeto.

Apesar da boa notícia da execução de um conjunto de obras tão esperado, que beneficiará moradores de São Paulo, Guarulhos e o transporte de cargas em geral na região, o grande período de espera para sua realização deixa para trás um imenso custo social. Assim como essa, muitas obras param no tempo à espera dos trâmites burocráticos, das negociações ou simplesmente para serem incluídas na lista de prioridades das gestões vigentes e com isso, muito tempo e dinheiro é perdido. Exemplos como esse devem ser lembrados para que os governantes trabalhem na orientação de desburocratizar as ações, assim como manter as regras necessárias para seus contratos, para acelerar o progresso social e econômico em todo o País.

A *Gazeta da Zona Norte* traz nesta edição ainda a mensagem especial de Páscoa do bispo da Região Episcopal de Santana, dom Joaquim Justino Carreira, gentilmente encaminhada a nossos leitores. Além do significado bíblico da Páscoa, a partir da ressurreição de Jesus Cristo, dom Joaquim nos convida a refletir a respeito do sentido transformador da palavra Páscoa, que significa a passagem de uma situação para outra, assim como Cristo passou da morte para a vida eterna. Que a Páscoa, uma das mais importantes datas do calendário cristão, seja comemorada com muita paz e alegria, e que sua mensagem otimista e renovadora permaneça entre nossos leitores por todos os dias do ano.

GZN04. Ano XLIV – São Paulo, 14 de abril de 2007- nº 2254

Falar das necessidades da cidade de São Paulo é uma tarefa bastante complexa. A terceira maior metrópole do mundo reúne características fascinantes em muitos aspectos. Desde o seu decante, mas ainda assim belo e nostálgico centro antigo, às mais modernas avenidas, a realidade de uma grande metrópole expõe também as particularidades antagônicas das desigualdades sociais e de suas muitas questões urbanísticas.

Afinal, quem nunca viu de perto os problemas constantes dos bairros periféricos não conhece a verdadeira Capital paulista. Nas áreas mais distantes, está a realidade dos moradores que vivem em terrenos e ou construções irregulares em locais de risco. Mesmo os que residem longe das periferias, não escapam dos sempre presentes contratempos que se espalham pelas ruas da cidade em dias de chuva intensa.

Para quem vive nas periferias, seja em edificações com boa qualidade ou nas encostas, os problemas se acumulam a cada ano. É o que vemos, por exemplo, no entorno do Córrego Guaraú. A cada visita de nossa reportagem ao local, podemos comprovar como as possíveis soluções demoram a chegar. Tais situações denunciam o quanto a cidade precisa das políticas sociais para alcançar um desenvolvimento mais democrático e abrangente.

Nas ruas da metrópole, os paulistanos vão se acostumando com a nova paisagem, uma consequência da Lei Cidade Limpa. Apesar de toda resistência e polêmica com relação à lei, muitos já começam a enxergar uma nova Capital, que permaneceu anos com a arquitetura escondida pelas desproporcionais fachadas comerciais.

A Lei Cidade Limpa deve ter sua verdadeira avaliação dentro de alguns meses, quando será possível inferir o quanto, realmente, São Paulo ficou mais bonita. Quanto aos recorrentes problemas sociais e urbanísticos nas periferias, será necessário ainda muito mais tempo, mas principalmente, ações contínuas no sentido de promover a melhoria das condições de moradia, acesso, educação e saneamento básico a essa populosa parcela da população.

GZN05. Ano XLIV – São Paulo, 21 de abril de 2007 – nº 2255

A Gazeta da Zona Norte volta a abordar nesta semana o grave problema de saúde pública que é a proliferação da dengue, doença que já atingiu mais de 20 mil pessoas no Estado de São Paulo. Típica de países tropicais, a dengue é uma doença cíclica que apresenta maior incidência no verão, com picos de infestação. Neste ano, biólogos e especialistas em saúde pública apontam mais um fator que vem favorecendo a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*. As mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global já mostram seus efeitos com o prolongamento do período de altas temperaturas, dando mais condições ambientais para a proliferação do agente transmissor da doença.

O caso da dengue pode ser apenas um exemplo dos muitos efeitos das alterações do clima que já apareceram. O aumento da ocorrência de doenças típicas de países tropicais e em desenvolvimento é uma das conseqüências apontadas nos relatórios recentemente divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Diante desse quadro, resta à população continuar cumprindo com o seu dever, redobrando a atenção em eliminar qualquer ponto de água parada, seja em um recipiente deixado no quintal, numa laje sem total escoamento da água ou num simples pratinho deixado embaixo do vaso de planta. O combate à dengue tem três pontos fundamentais para funcionar: a campanha de conscientização por parte do Governo, o trabalho da mídia em informar e a adesão de todos os cidadãos. Já é hora de a população, mais uma vez, engajar-se a essa causa como uma ação de cidadania, uma vez que o risco, apesar de estatisticamente colocar alguns bairros ou regiões em evidência, está presente em todos os lugares.

Outro tópico em destaque nesta edição são os problemas que se acumulam na Rua Baixa, junto ao Córrego da Paciência na Vila Constância. O mau cheiro, os problemas de esgoto, o lixo acumulado e más condições do muro que faz a divisa entre o córrego e a rua vêm preocupando os moradores do entorno. A solução definitiva para o local, com a canalização aberta do córrego, é um projeto de alto custo que ainda não está nas prioridades da Prefeitura. Cientes da situação, moradores reivindicam agora a continuidade dos serviços de manutenção da limpeza e melhores condições de infraestrutura como reparos na rede de esgoto que fazem muita diferença para quem convive com esses graves problemas.

Na última página, nossa equipe de reportagem aborda uma das principais mudanças percebidas na Zona Norte na última década. A vida noturna, um dos grandes atrativos da cidade de São Paulo, tem sua marca também em nossa região. O aumento do número de estabelecimentos de entretenimento e lazer é um dos destaques da Zona Norte, que cada vez mais está incluída no circuito noturno da cidade. Vale a pena conferir.

GZN06. Ano XLIV – São Paulo, 28 de abril de 2007 – nº 2256

A AGZN traz nesta edição informações importantes para os dois grandes eventos sediados na região: a festa de 1º de maio e a missa do papa Bento XVI no dia 9/5, ambos de grande concentração popular a serem realizados no Campo de Marte.

Especialmente no caso da visita de Bento XVI, que acontece entre 9 e 14 de maio, a preparação da cidade inclui medidas diversas, desde as obras de recapeamento das ruas, forte esquema de segurança e um planejamento prévio para o monitoramento do trânsito na Capital, que deve ser bastante afetado. Nesse caso a informação é a melhor aliada dos munícipes, tanto para quem vai aos eventos religiosos, quanto para os que vão seguir suas atividades normais. Será preciso estar ciente de que a rotina da cidade sofrerá alterações durante esses dias e, para evitar transtornos pessoais e coletivos será necessário planejamento para a circulação em São Paulo.

Na Zona Norte, essa atenção deve ser redobrada. A missa campal no Campo de Marte deverá reunir mais de um milhão de pessoas. Devido a importância religiosa da celebração, que será marcada pela canonização de Frei Galvão – o primeiro santo brasileiro – moradores e comerciantes da região mais uma vez são convidados a dar suas colaborações nesse evento de extrema importância para a cidade e para o Brasil.

Considerada pela Prefeitura como a mais adequada área para abrigar acontecimentos de grande concentração popular, pela sua considerável extensão, os arredores do Campo de Marte passaram a concentrar os maiores eventos da cidade, o que trouxe um alto custo para a região. Dificuldades de locomoção e danificação do espaço público sempre foram as principais reclamações dos moradores diante desses eventos.

Na próxima terça-feira, feriado do Dia do Trabalho, a Zona Norte abrigará novamente a festa da Força Sindical, que tradicionalmente reúne um público aproximado de um milhão de pessoas. A Subprefeitura Santana-Tucuruvi prepara junto aos organizadores um esquema para a rápida recomposição da área após a utilização.

Nos dois casos, além da colaboração popular para que os transtornos sejam evitados ou minimizados, é esperado da administração municipal todo o apoio antes e depois desses eventos. A Zona Norte, assim com a cidade de São Paulo, necessita que a Prefeitura continue priorizando a conservação do município não visando apenas as datas especiais, mas durante todo o ano em respeito à qualidade de vida dos cidadãos paulistanos.

GZN07. Ano XLIV – São Paulo, 5 de maio de 2007 – nº 2257

A visita do papa Bento XVI ao Brasil será o grande acontecimento desta semana na cidade de São Paulo e em todo o Brasil, que é considerado o maior país católico do mundo. De acordo com os dados de 2005 do Vaticano, o Brasil tem 155,6 milhões de católicos, o que corresponde a 84,5% da população brasileira, estimando o número de batizados.

Entre as razões da visita do papa, muitos apontam para a preocupação com a queda do número de católicos, que em 1980, data da primeira visita de João Paulo II ao Brasil, chegava a 90,12%. Aliado à redução do percentual católico da população brasileira, vemos uma série de questões problemáticas pelas quais passa a Igreja na atualidade como a expressiva queda da frequência nas paróquias, a escassez de jovens que optam pela vida religiosa e as inquietantes indagações que borbulham na sociedade do século 21 e questionam diversos pontos da doutrina católica como: divórcio, camisinha, aborto e eutanásia.

Essas inquições, abertas na sociedade para católicos ou não, persistirão após a vinda de Bento XVI ao Brasil. Afinal, a sociedade está em constante mudança, a ciência continuará descobrindo novos e, muitas vezes polêmicos, caminhos e as doutrinas religiosas continuarão questionando os percursos que a humanidade tomará.

O aspecto mais importante da visita do papa Bento XVI ao Brasil será a marca que ele deixará na memória dos brasileiros. De João Paulo II, ficaram muitas boas recordações em todo o mundo. Chamado como o Papa Peregrino, que viajou por muitos países levando a sua mensagem católica, João Paulo II assinalou sua época não apenas por seus posicionamentos firmes, quanto a doutrina católica, mas por atitudes de grande relevância como a do seu humilde gesto de beijar o chão dos países nos quais desembarcava, do perdão pedido – por ele – em nome da própria Igreja pelos erros do passado e por seus incansáveis apelos à paz mundial.

Para muitos, especialmente os paulistanos, ainda é viva a lembrança da visita do papa João Paulo II ao Brasil em 1980, quando reuniu mais de um milhão de pessoas no Campo de Marte para assistir a sua celebração religiosa. Entre as imagens mais notáveis dessa visita, muitos leitores ainda devem se lembrar da passagem do papamóvel em frente à antiga Casa de Detenção, quando os presos, num momento de sensibilidade à paz, acenaram ao papa com lenços brancos nas janelas.

Vinte e sete anos depois, a Casa de Detenção não está mais nos trajetos que o Sumo Pontífice deve percorrer, mas o País prossegue castigado pela violência e muitas vezes pela desesperança. Que Bento XVI traga para o Brasil o mesmo desejo de paz e esperança que marcou a presença de João Paulo II em 1980 e posteriormente em 1991. Somente por esse fator, sua visita já terá valido a pena.

GZN08. Ano XLIV – São Paulo, 12 de maio de 1007 – nº 2258

Nas vésperas do Dia da Mães, a visita do papa Bento XVI mudou a rotina da cidade de São Paulo. Como é esperado para a estada de um dos mais importantes líderes religiosos do mundo, a cidade inteira se movimentou para manter, na medida do possível, suas atividades normais e receber o Sumo Pontífice com toda segurança, além de procurar oferecer aos fiéis as condições necessárias para acompanhar de perto os eventos que fazem parte da agenda de Bento XVI no Brasil.

Apesar dos números que revelam uma considerável evasão de católicos para outras religiões (estima-se que a Igreja Católica perde 1% de fiéis ao ano), a visita de Bento XVI ao Brasil mostra o quanto essa mesma Igreja permanece forte e carismática. A comoção popular em todo o País pode comprovar que, apesar de tanta polêmica em torno das posições conservadoras da Igreja, a fé católica permanece forte e presente na população brasileira.

Além da canonização de Frei Galvão, a viagem do papa ao Brasil teve o objetivo de abrir a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Com esse gesto, o Sumo Pontífice abraçou a missão de consolidar a Igreja no continente que tem o maior número de fiéis católicos do mundo, razão pela qual Joseph Ratzinger denominou de “continente da esperança”.

Em seu primeiro pronunciamento em solo brasileiro, o papa falou de seus objetivos eclesiais no Brasil e abençoou a América Latina e o Brasil. Na suas palavras, lembrou ainda da importância do papel dos governantes em sua “ádua tarefa de promotores do bem comum”. As palavras do papa, infelizmente, não chegaram a ser ouvidas em Brasília, onde os congressistas estavam ocupados votando aumento salarial para si próprios, assim como a ampliação de vantagens para seus gabinetes, aproveitando o momento em que todas as atenções se voltavam para a visita papal.

Que o pronunciamento de Bento XVI, desejando um futuro de paz para todos, prevaleça sobre as ações de má-fé que continuam condenando o Brasil e países da América Latina ao subdesenvolvimento e à pobreza, e que a humanidade possa caminhar em direção a uma realidade mais justa, para os povos de todas as religiões.

GZN09. Ano XLIV – São Paulo, 19 de maio de 2007 – nº 2259

Conhecer de perto as características positivas e negativas dos diferentes bairros é identificar diversas faces da cidade de São Paulo. Para isso, é preciso ouvir os moradores, que através de relatos do cotidiano, revelam claramente as dificuldades que os paulistanos vivem em consequência das deficiências em infra-estrutura e saneamento que a cidade de São Paulo ainda mantém. Em muitos casos, esses problemas persistem excessivamente e parecem não ter uma solução ao alcance.

Nesta edição, destacamos mais uma vez os problemas do bairro Vila Constança. Moradores da Rua Baixa, uma travessa da Avenida Júlio Buono próximo ao Córrego da Paciência, convivem com graves incômodos como o constante cheiro de esgoto, mato alto e lixo acumulado nas margens e falta de conservação dos muros que separam a rua do córrego. Para muitos moradores, a situação é mais grave ainda, pois devido à sobrecarga na rede de esgoto ligada à galeria de águas pluviais, sofrem com refluxo de esgoto nas suas residências em dias de chuva.

A reivindicação mais contundente desses moradores é a canalização do Córrego da Paciência, que até o momento é descartada pela Prefeitura em decorrência do alto custo do projeto. Cientes dessa situação, moradores buscam melhorias como a limpeza constante do córrego, de seu entorno e consertos na rede de esgoto, obras que dependem tanto da Prefeitura quanto da Sabesp.

Projetos como estes, apesar de não resolverem definitivamente a questão, podem melhorar em muito a qualidade de vida em muitas regiões. Uma tarefa árdua e delicada que cabe às subprefeituras, se não as obras em si, mas a sua intermediação com órgãos competentes. Essa é a expectativa dos moradores de Vila Constança e de outros bairros que convivem com problemas de infra-estrutura urbana.

Ainda nesta edição, a AGZN registra os momentos de entronização da imagem de Frei Galvão na Paróquia de Sant'Ana e os principais momentos da visita do papa Bento XVI ao Brasil. Além das demonstrações de fé e devoção, destacamos a importância histórica do fato, a canonização do primeiro santo brasileiro. Uma boa leitura a todos, até nossa próxima edição.

GZN10. Ano XLIV – São Paulo, 26 de maio de 2007 – nº 2260

Os problemas de trânsito estão presentes nas grandes cidades e se tornam um dos aspectos que mais prejudicam a qualidade de vida de seus moradores. A questão não envolve apenas a longa demora para locomoção de uma região a outra, mas inclui a circulação em pequenas distâncias, entre bairros e áreas próximas agravando-se a cada dia. Para quem reside e trabalha nos limites da própria Zona Norte, por exemplo, não raro o percurso se torna demorado e exaustivo devido a pouca fluidez do trânsito.

A imensa quantidade de veículos, aliada à conservação deficiente das pistas e aos pontos críticos que precisam de implementações da engenharia de tráfego, aumentam o risco de acidentes tanto para motoristas quanto para pedestres. Locais próximos a escolas, hospitais, estabelecimentos comerciais de intensa movimentação ou cruzamentos merecem atenção quanto ao planejamento do trânsito.

Nesta edição, a AGZN mostra alguns dos pontos nos bairros de Santana, Mandaqui, Lauzane, Imirim, Pedra Branca e Casa Verde que necessitam de uma reavaliação por parte da Companhia de Engenharia de Tráfego, visando maior segurança principalmente na travessia de pedestre, aspecto que muitas vezes fica em segundo plano no trânsito de uma metrópole como São Paulo. Nas próximas edições, a AGZN espera obter as análises já solicitadas junto ao corpo técnico da CET quanto aos pontos questionados, ou demais que vierem a aparecer em decorrência do nosso estreito relacionamento com o leitor, morador da Zona Norte.

Outra questão já abordada em edições anteriores volta à pauta nesta edição, mais uma vez a pedido de nossos leitores. A Rua Paulo de Faria, no Tucuruvi, próxima à estação do Metrô novamente apresenta graves problemas de conservação com mato alto, acúmulo de lixo no canteiro e pouca iluminação facilitando a ação de assaltantes. A melhoria geral dessa área é esperada junto com a construção do terminal de ônibus aguardada desde a inauguração do Metrô em 1998. Até que esse grande projeto seja realizado, moradores tornam a reivindicar à Subprefeitura de Santana-Tucuruvi a manutenção da limpeza e melhor iluminação, o que já representa uma importante medida para os munícipes que residem ou transitam por essa via.

A boa notícia fica por conta da continuidade das obras de um novo shopping na região de Lauzane Paulista, trazendo mais opções de compras e lazer para os moradores da Zona Norte, com a promessa de novos empregos e negócios na região. Em breve, esperamos também noticiar o início das obras do terminal de ônibus Tucuruvi, que de acordo com o projeto, terá um centro de compras acoplado, podendo igualmente aquecer o comércio e o mercado de trabalho nessa região.

GZN11. Ano XLIV – São Paulo, 2 de junho de 2007 – nº 2261

A educação é sempre adotada como bandeira de campanhas políticas ou de gestões administrativas na promessa de conquistar um futuro melhor para o País. Ainda que muitas vezes de maneira descrente, é justamente esse um dos principais aspectos analisados pelo cidadão na hora de eleger, criticar ou apoiar projetos, gestões ou personalidades da vida pública. Aliada à educação, aparecem interligadas outras questões relevantes para o quadro social da população como saúde e cidadania. Diante do agravamento da criminalidade do País, cabe muitas vezes na palavra educação as expectativas de resolução desse drama social que atinge a toda população de maneira implacável.

Nos projetos que pretendem melhorar a sua qualidade, a educação não deve ser entendida apenas no âmbito do desempenho escolar, mas na sua importância fundamental para a formação da cidadania. Na última semana, uma nova ação educacional teve início na cidade de São Paulo, tendo como projeto piloto o Clube da Cidade Jardim São Paulo. O lançamento dos chamados clubes-escolas pela Prefeitura de São Paulo, propõe basicamente integrar os espaços dos clubes municipais com a rede de escolas públicas, com atividades pedagogicamente programadas, visando a preparação das novas gerações para o mercado de trabalho assim como para o exercício da cidadania.

A idéia parece simples, mas para a efetivação em todo o município e realização dos objetivos pretendidos serão necessários muito investimento financeiro, foco político e envolvimento de outros setores da sociedade. Além disso, será imprescindível o comprometimento das futuras gestões para a obtenção de resultados reais, para os quais é necessário bem mais de quatro ou oito anos. O projeto está lançado, isso é um fato. Seus objetivos no entanto, estão por ser alcançados nos próximos anos. A população espera poder colher o fruto através da formação de nossas crianças e jovens e do aproveitamento do espaço dos clubes municipais, que já passaram por muitas dificuldades para a própria manutenção ou funcionamento adequado.

Assim como na gestão anterior, quando os Centros Educacionais Unificados foram lançados entre críticas e apoio, os clubes-escolas aparecem agora como um dos projetos que devem marcar a atual gestão. O que se espera, para benefício da população, é que todas essas ações permaneçam funcionando dentro de seus objetivos ao longo de várias gestões, para que a educação pública se solidifique e a democracia possa fortalecer-se através de gerações realmente preparadas para os desafios do futuro.

Além da cobertura do lançamento do Clube Escola Jardim São Paulo, esta edição da AGZN aborda a posse das diretorias e dos conselhos diretores das Distritais Santana, Vila Maria e Centro da Associação Comercial de São Paulo. A todos uma ótima leitura e até nossa próxima edição.

GZN12. Ano XLIV – São Paulo, 9 de junho de 2007 – nº 2262

O Fórum Regional de Santana funciona desde 2002 em um amplo e bonito prédio localizado na Avenida Eng. Caetano Álvares, no bairro de Casa Verde. Depois de muito tempo funcionando na área central de Santana, esquina da Rua Darzan com Avenida Cruzeiro do Sul e próximo ao metrô e ao terminal de ônibus, o aumento natural da demanda obrigou a mudança para um espaço maior.

A necessidade de espaço foi atendida, porém o acesso tornou-se muito difícil. Além da própria localização, realmente distante de Santana, a região não conta com serviço de transporte adequado para tornar o acesso a essa instituição fácil e prático para todos, tanto funcionários quanto usuários do Fórum. Basta circular a pé nos arredores para notar um discreto comércio que atende às necessidades de quem se dirige ao Fórum como estacionamento e lanchonete, mas o movimento de pedestre é escasso em qualquer horário do dia.

Este assunto já foi abordado pela AGZN na edição de 17/9/05 e, apesar de alguma melhora na época, atualmente a dificuldade continua a mesma. Considerando a importância do Fórum Regional de Santana, toda sua abrangência e o movimento diário em suas dependências com cerca de 900 funcionários e seis mil atendimentos, fica aqui registrada a sugestão para a implantação de uma linha própria para atender essa demanda, o que traria melhorias tanto para funcionários quanto para usuários do Fórum Regional de Santana.

Ainda nesta edição, veja as expectativas do comércio para o Dia dos Namorados, aquecidas dessa vez pelas baixas temperaturas, que já vêm impulsionando a venda de itens de vestuário, e que deve movimentar ainda mais o comércio neste final de semana.

Na última página, trazemos matéria que visa esclarecer a delicada questão da arborização na cidade de São Paulo. Afinal, nos tempos em que as questões ambientais ganham ainda mais evidência em decorrência das polêmicas referentes ao efeito do aquecimento global, é necessária cada vez mais informação para que todos possam participar da busca de uma relação cada vez mais equilibrada com a natureza, mesmo morando em grandes centros urbanos como a capital paulista. A partir dessa matéria, esperamos poder esclarecer melhor nossos leitores de que maneira a arborização deve ser planejada em cada região.

Nesta edição que chega as bancas em meio a um feriado prolongado, o de *Corpus Christi*, desejamos a todos um ótimo final de semana e uma boa leitura. Até nossa próxima edição.

GZN13. Ano XLIV – São Paulo, 16 de junho de 2007 – nº 2263

Vivemos sob um regime de democracia e esta é uma das questões que nós, brasileiros, mais valorizamos em nosso país. Principalmente para quem viveu os difíceis tempos da ditadura ou simplesmente tem a sensibilidade de extrair da história os relatos de quem realmente participou desse período. Torna-se muito importante estar num país onde as opiniões podem ser expressas livremente, as eleições acontecem através do voto popular e até os escândalos na esfera política vêm a público através da imprensa.

Evidentemente, esses fatores só não bastam para o crescimento econômico e social do País e para que os próprios brasileiros sintam-se, realmente, respeitados como cidadãos. A corrupção sem limites, a violência, a falta de investimento na educação, saúde e saneamento básico persistem a níveis alarmantes e muitas vezes levam as pessoas à desesperança de um futuro promissor para o Brasil. Apesar das eleições democráticas e da liberdade de expressão, fica a dúvida de como a população poderá, efetivamente, engajar-se e provocar um processo de melhoria de sua condição de vida.

Para isso, sabemos que não é suficiente votar ou procurar desenvolver uma opinião crítica sobre os fatos. Torna-se necessária a participação diária em prol de um bem comum e não apenas individual. Em nosso trabalho diário – como jornal de abrangência regional – lidamos diretamente com cidadãos em busca de soluções para problemas que afetam diretamente suas residências ou bairros de maneira geral. Além de encaminhar-nos reclamações, parte desses cidadãos buscam seus direitos junto a órgãos competentes, em geral, as subprefeituras de suas regiões.

Em muitos casos, temos consciência que as soluções não são alcançadas apenas com o trabalho das subprefeituras, como é o caso da Rua Brasiluso Lopes, que abordamos nesta edição. A obra necessária exige o comprometimento das secretarias e provavelmente até da Sabesp, que é um órgão estadual. O que podemos esperar num caso como esse é que a subprefeitura exerça seu papel junto à população em priorizar as questões mais urgentes e pleitear junto às secretarias competentes as obras e soluções necessárias. O mesmo pode ser desejado para outras áreas que apresentam situações complexas como as áreas próximas a córregos em vários bairros da Zona Norte, problemas de trânsito, conservação de vias e infra-estrutura geral. Essa é uma das formas pelas quais a democracia pode e deve ser fortalecida, trazendo resultados efetivos para a vida da população.

AGZN14. Ano XLIV – São Paulo, 23 de junho de 2007 – nº 2264

Os bairros paulistanos guardam características próprias e diversas, mas muitas vezes os problemas têm causas e efeitos parecidos. A ocupação urbana no entorno de córregos e mananciais provoca um dos grandes problemas da cidade de São Paulo, as enchentes que se agravam a cada ano e atingem populações de diferentes classes sociais. Na Zona Norte, um contundente exemplo desse quadro são os bairros que se desenvolveram em torno do Córrego Tremembé.

Desde a região do Vila Nilo, nas proximidades da divisa entre São Paulo e Guarulhos, até ao Horto Florestal, são quilômetros de áreas sujeitas ao transtornos das enchentes e alagamentos em bairros que para quem os visita fora do período de chuvas, sequer desconfia de tamanho problema. É o caso da Rua Conchília, no bairro Tremembé, que é considerado um dos melhores locais para se viver na Zona Norte pela grande concentração de verde e residências em geral de boa qualidade. Nesta rua e nos arredores, as enchentes repetem-se com mais intensidade a cada ano em razão da vazão insuficiente do Córrego Tremembé, produzida por fatores diversos desde o acelerado processo de urbanização e aos graves transtornos ambientais conseqüentes.

Cientes de que a solução total e definitiva para essa área só virá com a canalização do referido córrego, de comprovada necessidade, contudo é uma obra de altíssimo custo para a qual não existe prazo definido, os moradores procuram organizar-se para solicitar junto à Subprefeitura Jaçanã/Tremembé medidas como a troca da tubulação para otimizar o escoamento da água. O projeto existe, mas a Subprefeitura não divulgou prazos. Fica o compromisso de diálogo entre comunidade e poder municipal em busca de melhorias importantes para questões estruturais, que tiveram início há várias décadas, mas que necessitam ser discutidas e tratadas passo a passo até que a canalização do Córrego Tremembé venha a ser efetivada.

Nesta edição, a AGZN publica o parecer da Sabesp quanto à situação da Rua Brasiluso Lopes no Jardim Peri, assunto abordado em 16 de junho corrente. A solução definitiva está atrelada a dois grandes projetos: a canalização do Córrego Guaraú (que tem previsão de retomada para este ano) e a conclusão da 2ª etapa do Projeto Tietê em 2008. Tratam-se de obras a médio prazo, mas ainda assim é necessário pensar em alternativas capazes de atender essa população que convive com esgoto a céu aberto em qualquer época do ano.

Também nesta edição, a AGZN trata da polêmica Lei Cidade Limpa que agradou a opinião pública ao conseguir um impacto no combate à poluição visual, mas continua gerando muita controvérsia entre empresários, lojistas e representantes do setor de publicidade sobre seus efeitos positivos e negativos. A nova legislação já modificou o visual da cidade, mas seus resultados devem continuar em pauta para que a cidade permaneça em constante evolução pela qualidade de vida da população e pelo crescimento da atividade econômica.

GZN15. Ano XLIV – São Paulo, 30 de junho de 2007 – nº 2265

A Lei Cidade Limpa foi certamente um dos temas que mais sensibilizou a cidade de São Paulo no primeiro semestre de 2007. Aprovada em setembro do ano passado, a nova legislação que regulamentou a publicidade externa tem como propósito principal controlar um dos males dos grandes centros urbanos, a poluição visual. A partir do final de março, com o término do prazo para que empresas e estabelecimentos comerciais adequassem suas fachadas e toda a publicidade externa, a cidade iniciou uma verdadeira reforma que começa a se configurar alguns meses depois.

Mesmo assim, a polêmica ainda persiste em alguns setores da publicidade, como as empresas que confeccionam *outdoor*, prática restringida pelos preceitos da nova lei. Representantes desse setor buscam de maneira justa ser ouvidos e apresentar um novo modelo urbanístico capaz de adequar a modalidade de comunicação externa com o desenvolvimento sustentável da cidade.

Além disso, os desdobramentos da Lei Cidade Limpa devem expandir-se para outros aspectos que comprometem seriamente a beleza e qualidade de vida. A questão da coleta de lixo que parece sempre insuficiente tanto em áreas residenciais como comerciais, conforme podemos registrar em diferentes bairros da Zona Norte. Também nessa questão, a parceria entre população e poder público se torna fundamental para a melhor qualidade de vida a todos.

Em AGZN Destaca, abordamos nesta edição os problemas que persistem na Travessa Dr. Walker da Costa Barbosa, em Vila Dionísia. Dois anos depois da primeira matéria, nossa reportagem volta ao local e constata que as mesmas reivindicações dos moradores estão por ser atendidas como: a pavimentação e a iluminação. Serviços básicos para moradores que não são isentos de IPTU, mas muitas vezes demoram anos para conseguir o devido atendimento por parte da Prefeitura.

Ainda nesta edição, registramos a solenidade de comemoração dos 15 anos da Associação Comercial de São Paulo – Distrital Vila Maria, uma entidade que reúne e representa os empreendedores desse importante pólo de negócios da Zona Norte. A todos os superintendentes que fizeram a história dessa distrital, aos seus associados e ao corpo de funcionários, os parabéns da AGZN pelo importante trabalho para a região.

GZN16. Ano XLIV - São Paulo, 7 de julho de 2007 – nº 2266

Inaugurado em setembro de 2004, o Parque da Juventude ainda é uma das grandes novidades da região. Com 240 mil m², este parque público reúne quadras poliesportivas, *playground*, pista de cooper, uma grande área verde e instalações destinadas a atividades de educação e cultura. A entrega de todo o complexo em etapas diferentes foi ampliando o leque de opções dentre esporte, lazer e cultura para a região. Mesmo assim, a maioria dos moradores da Zona Norte ainda não o conhece ou frequenta.

Esse fato foi comprovado por uma pesquisa recentemente realizada pela administração do parque, que pretende aumentar a frequência de 90 mil pessoas por mês para 150 mil até o próximo ano. Além da divulgação das atividades já realizadas, a administração aposta em novas parcerias e implementações para integrar o Parque da Juventude à população. Entre as principais ações, está prevista a construção de um novo estacionamento com 300 vagas, sendo esta uma das carências mais evidentes do local.

A frequência, ainda baixa, do Parque da Juventude pode estar ligada à recente história da Casa de Detenção, que durante décadas foi uma referência de fugas, rebeliões e violência com repercussão em todo o mundo. Para o morador da Zona Norte, é comum a lembrança da antiga Casa de Detenção ao passar pela Avenida Cruzeiro do Sul e sentir uma certa “surpresa” ao defrontar-se com os pavilhões agora totalmente transformados em espaços para educação e cultura.

Conhecer o Parque da Juventude ou participar das atividades gratuitas é uma das melhores opções da região neste período de férias. A Zona Norte tem outras novas opções que merecem uma visita como o Parque do Trote, na Vila Guilherme. Suas obras não estão concluídas, mas há espaço de sobra para aproveitar os dias de folga. A essas, aliam-se outras boas oportunidades de diversão como o Horto Florestal, o Sesc-Santana e os próprios clubes municipais, comprovando que a Zona Norte vem crescendo também em serviços de lazer, sejam espaços públicos ou empreendimentos particulares.

Nesta edição, destacamos também o programa lançado na última quarta-feira pelo prefeito Gilberto Kassab com o intuito de proteger a Serra da Cantareira, apontada como área de preservação mais depredada na cidade de São Paulo. A crescente ocupação desordenada do entorno da Serra da Cantareira é um fator de altíssimo risco para a preservação que deve ser garantida por uma fiscalização séria e eficiente, e conscientização geral. Tema de muitos discursos em torno das questões ambientais e da qualidade de vida, a Serra da Cantareira é um patrimônio natural que precisa ser respeitado por todos, em prol da cidade de São Paulo e do meio ambiente. Com esse objetivo, esperamos que a Operação Defesa das Águas alcance os resultados esperados e não caia na armadilha dos muitos discursos vazios já criados em torno da nossa bela Serra da Cantareira.

SP Norte (SPN)

SPN01. Ano VI – São Paulo, 23 a 29 de março de 2007 – nº 251

Vamos participar

A participação nos trabalhos de uma comunidade precisa ser mais desenvolvida, devido, atualmente, ao nosso modo de vida intenso, repleto de informações, tornando-nos protagonistas de situações para as quais, muitas vezes, não estamos preparados. Não podemos ser meros assistentes enquanto deixamos que outros sejam os diretores de nossas existências.

Em geral, muitos só percebem o que vem ocorrendo ao seu redor quando o problema já se estranhou em suas vidas e, só a partir deste momento, vão buscar quem os socorra. Por este motivo, Consegs, Associações de Bairro, Entidades de apoio em geral têm um número variável de “visitantes”, porém não de participantes ativos. Esta também é uma das causas que vêm desestruturando certos grupos, impossibilitados de se manterem com poucos colaboradores empenhados em resolver os problemas de todo um grupo.

Muitos se queixam, mas quando são convidados a participar mais ativamente para, em conjunto, buscar um meio de reverter situações prejudiciais, terminam por se retrair, intimidados por uma possível indisposição com este ou aquele representante do poder público ou pessoa influente, como se os mesmos tivessem o direito de intimidá-los. Outro problema é o uso que alguns fazem destas associações de pessoas para autopromoção, trampolim político ou ainda visando a possíveis retornos financeiros.

Se a cidadania é também uma manifestação de seu desagrado, não deve ser apenas com palavras, mas com atitudes em busca de soluções. Não há motivo para ficarmos constantemente à espera que outros resolvam nossos problemas por causa de omissão. Vamos ser parceiros, antes de tudo, de nós mesmo, e, desta forma, colaborar com a realização de objetivos comuns a todos.

Sempre é tempo de começarmos essa transformação a nosso favor, participando, de alguma forma, da vida de nossa comunidade.

SPN02. Ano VI – São Paulo, 30 de março a 05 de abril de 2007 – nº 252

Os riscos do Monopólio

Quando uma empresa monopoliza determinada situação mantendo domínio sobre um ou mais produtos ou serviços, assume um posto de domínio do mercado, impondo regras, muitas vezes, de interesse unilateral, pois não há concorrência de outras empresas para minimizar suas imposições ou índices de qualidade que permitam comparativos quanto a sua atuação.

Os monopólios podem se desenvolver quando não há, no mercado, substitutos para determinados bens ou serviços e o seu domínio esteja ligado a apenas um agente que os comercializa.

No mercado, o comerciante procura obter o máximo lucro e o comprador quer obter o bem ou serviço pelo menor preço, não havendo concorrência, pois não há outros fornecedores, não há como buscar preço ou qualidade ou demais atributos ligados às diferentes características do que o comprador pretende adquirir. Com a concorrência sadia, há equilíbrio e ausência de pressão sobre o preço dos serviços ou produtos oferecidos.

A partir dessa ótica, podemos avaliar a compra da Varig pela Gol e a situação em que ficam os serviços aéreos. Além dos problemas enfrentados nos últimos meses com os aeroportos, restringe-se mais a opção por uma ou outra companhia aérea. Não há muito que escolher, em relação a preço, atendimento, condições dos aviões, horários cumpridos e muito mais problemas que só aqueles que precisarem do transporte aéreo podem constatar. Será que, no futuro, com esta nova situação de mercado, teremos como reivindicar nossos direitos, mesmo não havendo muitas opções?

Esperemos que para sanear toda esta confusão aérea e terrestre que vem minando o País, não cheguemos ao ponto de não podermos escolher nem o nosso governo e, num monopólio de idéias, tornemo-nos um povo neutro e apático, como já aconteceu em outros países, em que seus cidadãos perderam a identidade, através de imposições ideológicas e administrações defeituosas que os encarceraram, durante anos, atrás de grades invisíveis, porém poderosas, que os impediram de viver suas próprias ideologias.

SPN03. Ano VI – São Paulo, 06 a 12 de abril de 2007 – nº 253

Um governo sem líderes

Governar, liderar, comandar, muitos querem, poucos sabem como fazer. O pior é quando estes poucos assumem postos que lhes dão prerrogativas para escolher os caminhos de uma nação e de um povo e, no exercício deste poder, quando têm que enfrentar grandes crises, não encontram a saída, perdidos num labirinto que eles mesmos criam.

Aqueles que apenas ostentam um título de liderança, mas não sabem como exercê-lo, nas crises mais graves, não saberão como administrá-las e amiúde, numa inversão de valores, irão punir inocentes e impedir que suspeitos de atos ilegais sejam julgados. A fim de manterem a aparência de um poder forte, que, na realidade, desestrutura-se ao menor embate que o confronto, começam a fazer acordos apaziguadores ao invés de assumirem posições, que necessitam de um caráter forte para serem mantidas; permitem que situações graves assumam tal dimensão, que terminam por implorar ajuda, quando deveriam estar buscando meios de exercer a liderança que deles se esperava.

A falta de habilidade em liderar, os faz desrespeitar cargos e hierarquias, alegando, quando questionados sobre suas atitudes, estarem cumprindo regras de um código de conduta, que, na verdade, é unilateral na medida em que atende apenas a interesses de poucos, sempre ligados, é evidente, aquele que detém o poder.

Um povo sem liderança, ou melhor, um povo com pseudolíderes, é um povo que fica à mercê de todos os reveses provocados por essa carência. Este povo vira estatística de casos de violência, de mortes, de desrespeito à cidadania, de capacidades subestimadas, quando explicações banais e ininteligíveis lhe são despejadas para explicar atitudes de desmando e de incompetência.

Um povo sem verdadeira liderança, é um povo sem soberania, pois não tem quem o defenda, uma vez que sua cidadania vive à mercê de pessoas detentoras do poder, mas do poder que se traduz apenas em um título e não daquele que representa competência e capacidade.

SPN04. Ano VI – São Paulo, 13 a 19 de abril de 2007 – nº 254

O Exame da Ordem

Quem já fez ou conviveu com algum bacharel de Direito em vésperas de fazer o Exame da Ordem dos Advogados sabe os sentimentos e preocupações do candidato a se tornar um advogado.

Na verdade, desde o primeiro dia do curso de Direito, já se fala no famoso Exame, exigido para que o bacharel tenha o direito de exercer sua profissão. São cinco de anos de estudo e nem todas as Faculdades propiciam um preparo adequado e que capacite os candidatos a enfrentarem o Exame de forma mais tranqüila e sem ter que fazer um cursinho preparatório.

Há boas Faculdades, sempre preocupadas em aprimorar seu ensino, direcionado a formar bons profissionais, habilitando-os para vencer esta etapa que os separa do exercício de sua vida profissional. Porém, em nosso País, muitos têm que trabalhar duro para pagar a Faculdade, sobrando-lhes pouco tempo para um estudo adequado, sendo prejudicados quanto à impossibilidade de aproveitar o que lhes é ensinado.

Num país em que o reajuste de aposentadoria é mínimo e irrisório, o salário de professores não condiz com o valor de seu trabalho, voltado a formar gerações e o contraste se dá com o teto salarial de políticos, que atinge valores incompreensíveis se considerarmos a atuação da maioria, temos estudantes que terminam a faculdade e são obrigados a fazer mais “cursinhos” para conseguirem sucesso em exames para os quais deveriam ser preparados na Faculdade.

Houve um período em que as aprovações do Exame da Ordem atingiram um nível preocupante, constatado com uma onda de profissionais que realmente não sabiam o que estavam fazendo. Atualmente, o Exame está cada vez mais seletivo e a fórmula de sua aplicação ainda não foi alcançada, pois, o Presidente do Conselho Federal da OAB, Cezar Britto, defende a aplicação da mesma prova, em data única e com o mesmo conteúdo, sendo sua opinião que a prova nunca serviu como base para análise de ensino jurídico. Tal entendimento, porém, não será seguido pela Comissão de Estágio e Exame da Ordem de São Paulo, que apenas irá unificar a data, pois para aplicar a mesma prova haveria necessidade de uma única instituição para prepará-lo.

Esperemos que em breve futuro tais questões sejam resolvidas, o ensino seja condizente com a capacidade de nosso povo e que, não importando a função, todos possam exercê-la de acordo com o que se espera de cada profissional.

SPN05. Ano VI – São Paulo, 20 a 26 de abril de 2007 – nº 255

Um palco para os legisladores

Há partidos políticos cujos representantes entendem que o exercício de seus mandatos deva ser praticado com uma profusão de projetos de lei. Acompanhando e analisando-os, vemos as mais descabidas propostas, ora impraticáveis, ora detentoras de temas conflitantes no que se refere à competência do idealizador da lei quanto a poder legislar sobre o assunto.

Há projetos tendenciosos que favorecem apenas um grupo, num imediatismo de resultados para ações impensadas e formalizadas como projetos de lei, pretendendo agradar de qualquer maneira, mas, cobrando, posteriormente, na época das eleições, a conta que será paga com votos.

Muitos destes eleitos entendem que legislar é como estar em um palco. Acreditam que quanto mais seus nomes estiverem estampados como autores de projetos de lei, mais será valorizada a sua carreira política, mesmo sendo inviáveis, mal articulados, desprovidos de real aplicação no campo jurídico e social, trazendo mais problemas que respostas.

O que, também, se apreende sobre o conteúdo técnico de algum desses textos é a ausência de total apoio profissional, pois o legislador, em geral, não busca por **assessoria competente**, o que viria a assegurar mais viabilidade e coerência ao projeto.

Devido a esta ganância “politiqueira”, alguns querem legalizar situações que se disfarçam sob a máscara da defesa dos direitos do cidadão e, na verdade, objetivam acrescentar mais alguns pontos no currículo de “fazedores” de projetos de lei, sejam lá quais forem e a quem se destinarem.

Infelizmente, o lema “Estar sempre em evidência no palco político” tem sido a base de conduta de muitos de nossos representantes, eleitos para agir a nosso favor, mas que, ao final, transformaram-se em criadores de obstáculos.

SPN06. Ano VI – São Paulo, 27 de abril a 03 de maio de 2007 – nº 256

A falta de educação, pública, no Brasil

Houve época em que para se conseguir uma vaga no ensino público, um exame de admissão era necessário, como uma espécie de vestibular que, alguns anos depois, se instalaria como requisito para o ensino superior. Tais exames de admissão não eram fáceis e o aluno precisava se preparar muito bem, desde o então chamado Primário, hoje, Ensino Fundamental que também engloba o que, na época, era o Ginásio. Portanto, eram duas avaliações, uma para o Ginásio e outra para o Colegial, atualmente, Ensino Médio.

Estudar em colégio público era distinção, significava ser um bom aluno, com chances de ir para a Faculdade sem fazer cursinho. É claro que havia muitos colégios particulares bons que, até hoje, mantêm excelência educacional. Mas, nessa época, e não faz muito tempo, quem não podia pagar, tinha mais chance de estudar gratuitamente.

Se nos dias de hoje a população do Brasil aumentou, isto não serve para justificar o nível insignificante de ensino que os heróicos professores estão autorizados, dentro dos atuais programas educacionais, a ministrar em escolas públicas. A cada governo surgem “salvadores da educação”, ou melhor, “manipuladores da educação” com projetos duvidosos que só têm solapado o desenvolvimento do nível intelectual de nossas crianças e adolescentes, formando um batalhão de inseguros educados por educadores mal remunerados que apesar da boa vontade em ensinar, vêm-se tolhidos com regras educacionais que visam a aprovar alunos a qualquer custo. Valem mais os números de estatísticas, que apenas enumeram os que alcançaram o nível médio, do que uma avaliação do seu real aprendizado.

Neste contexto deturpado do ensino, quem pensa que está ganhando, é aquele governo que o defende, mas, na realidade, ele só está perdendo, desperdiçando a inteligência e a capacidade de toda uma geração sob seu domínio. Tal governo não prima pelo desenvolvimento intelectual e acredita que administrar um país é nivelar todos, como se diz correntemente, “por baixo”, pois é melhor ter “governados” com pouca educação do que pessoas preparadas que possam vir a confrontá-lo.

SPN07. Ano VI – São Paulo, 04 a 10 de maio de 2007 – nº 257

Octavio Frias de Oliveira, o eterno exemplo do empreendedor

Há pessoas que nascem para mostrar ao mundo que todos os momentos da vida existem, para que levemos adiante projetos e ideais. Encontrar pela frente um novo desafio lhes serve para despertar a mente em busca de soluções inovadoras.

Tais seres humanos são pioneiros devido a uma visão especial das possibilidades de um ou outro empreendimento. Para eles, os obstáculos são degraus que os fazem alcançar a realização de seus planos.

Tornam-se onipresentes pelo exemplo que dão ao se dedicarem ao trabalho, buscando a proximidade da perfeição. Não se preocupam em exercer atividades diferenciadas, pois é isto que os impulsiona e lhes dá, a cada dia, uma nova visão de vida.

Octavio Frias de Oliveira provou ser uma dessas pessoas, que se comprometeu em alcançar o sucesso, não só para seu próprio bem, mas também de todos que, de alguma forma, estivessem ligados a ele.

Trabalhou em serviço público, na área imobiliária e financeira até se envolver com a área jornalística, já com 50 anos de idade, e adquirir a **Folha de São Paulo**. Sob sua administração, a Folha se recuperou financeiramente e, com a valorização da área editorial, conquistou a credibilidade de seus leitores e, a partir daí, os grandes anunciantes.

Segundo seu filho, Otávio Frias Filho, “a qualidade editorial conquistada foi nomeada por seu pai de “independência”, tornando-se sua maior preocupação”. Seu pai trouxe para a imprensa da época uma mentalidade empresarial, colaborando para que as empresas jornalísticas deixassem de ser meros instrumentos de poder político e prestígio mundano, para se tornarem efetivamente empresas, voltadas a atender as demandas do público consumidor, a fim de ampliar seus mercados e margens de lucro.

A **Folha** se fez um jornal mais atuante, mais crítico, mais incômodo. O jornal passou a ter opinião definida, não apenas a sua própria, como era habitual, mas opiniões de todo um elenco de colunistas e colaboradores.

Até a idade em que Octavio Frias de Oliveira faleceu, 94 anos, prova a sua tenacidade em relação à vida e suas realizações sempre servirão de exemplo, não só para empresários ou jornalistas, mas a todos os seres humanos que lutam para alcançar seus ideais, não importando quais sejam, nem a idade e nem quando irão se sentir motivados a buscá-los. Com sua lição de vida, aprendemos que o essencial é estar sempre em busca de novos horizontes, pois sempre há algo novo a ser alcançado.

O reverso cultural

O poder que a música tem sobre seres humanos, plantas e animais já foi comprovado, afetando diretamente seu comportamento. O som captado influencia nossas mentes e emoções que, por sua vez, interfere no funcionamento de nosso organismo. Influindo em nosso metabolismo, pode acelerar as pulsações, acalmar, nos torna agitados, violentos, gentis, corajosos.

A música é transformadora e isso constatamos na História Antiga, quando a marcha dos exércitos, na iminência de uma batalha, era incentivada pelo som forte dos tambores, cuja batida ritmada e constante levava a uma espécie de hipnose, ocultando aos sentidos, a luta que estaria por vir. As religiões sempre se valeram dos sons e cânticos para despertar sentimentos de devoção. Os variados hinos levam a sentimentos de cidadania, defesa de ideais, superação de obstáculos, consciência social. Os sons da natureza servem de inspiração e relaxamento. Na verdade, nossa vida está envolta em som, em música.

Mas, apesar de todo o empenho de várias entidades e associações culturais e do poder público, para dar aos cidadãos oportunidade de usufruírem da cultura em suas várias manifestações, não foi levada em consideração que uma parcela da sociedade encontra-se em estado típico de “um barril de pólvora com pavio bem curto” e o que aconteceu na Praça da Sé, provou a escolha errada da apresentação, quando cerca de 10 mil participantes do evento foram envoltos em uma onda de violência e alucinado desvario, despertado pelo tipo de música apresentado.

A prova da influência musical é que, ali perto, no viaduto do Chá, o evento cultural caminhava com sucesso.

Se avaliarmos as origens do rap, que estava sendo apresentado, este remonta à Jamaica e aos bailes dos quetos, cujo discurso era voltado para assuntos da violência nas favelas e a dura vida dos que nelas habitavam, assim como, a situação política da Ilha, não deixando de lado temas de sexo e drogas.

Vemos que referido ritmo é um modo encontrado para que as pessoas extravasem seus problemas. Sua essência é a contestação à injustiça social, daí ser uma música que torna os ânimos acirrados, desde que predispostos a isto.

Somando-se a esta situação, o horário em que ocorreu o evento e afluência de grande número de pessoas, com a participação de elementos nem um pouco preocupados com a cultura ou com a mensagem que o grupo estivesse passando, pois há muito perderam suas identidades, o resultado só poderia ser uma explosão de violência e descontrole que, antes contidos, foram liberados pelo imenso poder da música que, no caso, devido à mistura mal avaliada dos fatores mencionados, transformou-se no estopim que fez explodir o barril de pólvora.

SPN09. Ano VI – São Paulo, 18 a 24 de maio de 2007 – nº 259

Grosserias Políticas

Temos presenciado ultimamente várias cenas bizarras, cujo extenso palco vai desde os corredores do Senado e Câmara passando pelas Salas das Comissões, local em que os parlamentares analisam e debatem matérias para serem votadas, até o próprio Plenário, onde se espera que as atitudes de alguns políticos que por ali perambulam tenham um certo grau de seriedade e compostura.

Há parlamentares cantores, mímicos, caricatos, estressados, revoltados. Há aqueles que têm ataques típicos de uma *prima donna* e outros, tão neutros em suas falas e posicionamentos, que são apenas figurantes para fazer número.

Mas, o pior disso tudo é ver seu candidato, aquele em que você acreditou, sair aos tapas, socos, pontapés, “cabeçadas” com seus colegas, apenas por divergência de opiniões, ou melhor, total falta de argumentação em defesa de um projeto, valendo-se, então, de atos violentos, reveladores da falta de autocontrole ou de preparo desses parlamentares. Não menos frustrante, é ouvir ofensas sarcásticas trocadas entre os mesmos, que ao invés de estarem tratando de assuntos pertinentes as suas funções, tornam-se atores de peças com textos grosseiros, escondendo sentimentos de revolta.

Na antiga Roma, a figura do Senador relacionava-se àquele que se notabilizava por sua atuação na sociedade, dando-lhe poderes de magistratura suprema. Por serem humanos, seus atos nem sempre foram cunhados de mérito ou isentos de erros, porém, esta instituição, enquanto se manteve ligada a seus princípios, trouxe poder e respeito àquela civilização.

A decadência veio na perda do respeito por si mesmos e isto ocorreu em todos os momentos da história mundial, em que os líderes se transformaram em exemplos de falta de postura e desrespeito aos cidadãos. Quando começaram a acreditar que seus cargos lhes davam o direito de assumir o papel de vilões e que não seriam cobrados por isso ou ao resolverem acreditar que suas atitudes não eram suas e que delas poderiam se dissociar como o faz um ator ao se fecharem as cortinas.

O que tais personagens políticos precisam entender é que fazem parte de uma platéia e a defesa de nossos direitos não se reduz a um texto mal decorado ou a variações de seus humores.

SPN10. Ano VI – São Paulo, 25 a 31 de maio de 2007 – nº 260

Como está a saúde dos Consegs?

Antes de analisarmos as atuais perspectivas dos Consegs, analisemos seu conteúdo conceitual e os objetivos para, em seguida, avaliarmos os resultados que estão sendo alcançados.

Os Conselhos Comunitários de Segurança – CONSEGs – são constituídos por pessoas de uma mesma região administrativa ou comunidade que se reúnem junto às autoridades públicas com a finalidade de discutir, analisar, planejar, avaliar e acompanhar a solução de seus problemas de proteção social. Junto a este trabalho, há também a intenção de que a sociedade se torne mais coesa e conte com a cooperação das lideranças locais.

Os Consegs são constituídos, cada um, por uma Diretoria composta pelo Presidente, Vice-Presidente, Diretor Comunitário, Primeiro Secretário e Segundo Secretário, escolhidos dentre representantes da comunidade e constituem canal privilegiado para o direcionamento das referidas ações, mediante parceria do governo com a comunidade, na realização do objetivo comum que é o bem-estar de todos.

Se as finalidades acima enumeradas forem seguidas e as pessoas escolhidas para compor a Diretoria entenderem o alcance de suas atribuições, a probabilidade de que os resultados buscados tenham sucesso é promissora.

Os Consegs foram criados, dentre outras atribuições, para o desenvolvimento de prevenção à violência, criminalidade e demais fatores envolvendo questões de segurança pública e defesa social; para realizar estudos para promoção de cursos de capacitação de segmentos da comunidade, sobre medidas de proteção social; apresentar sugestões e propostas às autoridades, que resultem em leis de interesse à proteção social; possibilitar a integração entre a comunidade mobilizada e as autoridades locais de segurança pública e defesa social.

Todo cidadão idôneo interessado com o bem-estar da comunidade pode participar e colaborar. Porém, estes objetivos enumerados têm tido resultados irregulares e insatisfatórios. Alguns Consegs estão sendo conduzidos de tal forma, que não há mais novas adesões da comunidade, a qual vem paulatinamente tornando-se descrente e insatisfeita com a falta de resultados. São “sempre os mesmos” que participam e dirigem.

Não há um incentivo para a contribuição daqueles a quem se destina; inexistente uma conscientização da comunidade sobre seus objetivos. Muitas pessoas que vão à primeira reunião não sabem o motivo dos trabalhos e levam problemas que extrapolam a competência dos Consegs. O resultado é a frustração e a perda de um possível e potencial colaborador.

E, da mesma forma que vem acontecendo em muitas reuniões de Associações de bairros; Entidades Comunitárias; Organizações não Governamentais (Ongs) e demais grupos que se reúnem em torno de finalidades sociais, há adesões e visitas esporádicas e oportunistas de candidatos a cargos públicos, que aparecem repentinamente para falar, exaustivamente, do antes, durante e depois de suas carreiras. Por que não ficam, algumas vezes, na platéia para interagir com seus “eleitores”?

Nestes casos, não se critica a presença de mais um cidadão, mas, sim, certas atitudes dos que, sem saber a que se destina, teimam em transformar qualquer lugar onde se reúnam pessoas em um instrumento de autopromoção.

Precisamos apoiar e salvar o trabalho dos bem intencionados que marcam sua presença correta, honesta e realizadora, não só nos Consegs como em outras instituições comunitárias, exigindo um trabalho coerente, que respeite regras e estatutos e sem colocar de lado os objetivos que motivaram sua criação.

SPN11. Ano VI – São Paulo, 01 a 07 de junho de 2007 – nº 261

A Sociedade Civil e a eleição em Comitês e Conselhos

Para colaborar com o trabalho da Administração Pública e também para que a sociedade civil participe de suas decisões com a opção de voto nas mesmas, foram criados Comitês e Conselhos compostos por pessoas eleitas para exercer tal função.

Exemplos dos mesmos são o Comitê de Bacias Hidrográficas e o Conselho Municipal de Política Urbana.

No primeiro, os eleitos participam de um fórum de decisão junto aos representantes do governo federal, estadual e municipal dentro do âmbito de cada bacia hidrográfica, com a finalidade, dentre outras, de avaliar e votar em leis e regulamentos que regem ou virão a disciplinar as questões referentes aos recursos hídricos.

No segundo, quem foi eleito pelo voto popular, atuará junto aos indicados pela Administração Municipal para debater e votar em questões de política urbana, analisando e avaliando, dentre outros assuntos, aqueles referentes aos Planos Diretores, acompanhando o planejamento e a política de desenvolvimento urbano do Município.

A sociedade civil, em cada caso, pode eleger determinado número de pessoas havendo toda uma especificação de atribuições para quem alguém possa ser candidato. Porém, o que tem ocorrido é a eleição para comissões e comitês de pessoas que não preenchem de forma razoável os requisitos necessários que os habilitariam a uma boa atuação perante equipes dos governos federal, estadual e municipal preparadas tecnicamente. Isto interfere muito na hora em que um projeto, lei ou demais determinações são votadas, fazendo valer o voto e a vontade da sociedade civil, nem sempre concordante com o voto dos demais.

O alerta para as associações, entidades de classe ou quem mais esteja legitimado a apresentar um candidato a estes cargos é de que se inteire dos respectivos requisitos para, posteriormente, com a eleição do mesmo, garanta atuações condizentes com o que a sociedade civil necessita.

Nesse contexto, importante é considerar o que temos sempre destacado que, devido à finalidade desses cargos, deve ser feita uma análise das reais intenções dos candidatos, pois o seu desempenho do titular tem duas condições essenciais para que se atinjam resultados, primeiro: ser conhecedor ou atuante nas referidas áreas e segundo: que não utilize o cargo para conseguir favores pessoais ou posições políticas.

Nosso voto, em qualquer eleição, tem que ser respeitado e isto só será conseguido se nós mesmos respeitarmos o valor de nossas escolhas.

SPN12. Ano VI – São Paulo, 08 a 14 de junho de 2007 – nº 262

A ética

Quais motivos levam um ser humano a seguir regras sem que haja leis obrigando-o a isso? Uma das respostas aceitas se refere à ética, que conduz o comportamento do ser humano à prática de atos corretos, sem que para isso deva existir regra legal para penalizá-lo em caso de descumprimento.

Se há excesso de leis, provavelmente, há falta de ética cujo valor intrínseco é o de não poder ser imposta. Sua característica espontânea é que lhe confere credibilidade.

Há sempre situações que ameaçam uma postura ética, quer pela pressão quer pela tentação, e as tentativas de preservá-la sempre são encaradas sob um só aspecto, o de combater atos corruptos, o que não auxilia em sua compreensão, associando seu conceito à punição de quem não a tem.

Atualmente, ouvimos falar mais da ética quando a mesma escasseia em alguém do que pelos efeitos positivos causados pela sua prática.

Num contexto de relações sociais ou empresariais, as variantes de porcentagem em que a conduta ética é praticada ou não, são avaliadas primeiro sob o aspecto moral, devido a relacionamentos pessoais mais próximos, para, posteriormente, serem aquilatadas quanto aos danos que possam ter causado, ficando, muitas vezes, restritos aos limites dos referidos segmentos.

Porém, em circunstâncias de gestão pública, cujo principal ato de seus responsáveis é o de zelar pelo cumprimento da lei, a falta de uma consciência ética se irradia tal forma que interfere em todo o futuro de um país. Suas ramificações criam uma rede que cresce e que, aos poucos, esconde sua origem e não mostra perspectiva de um fim.

E é isto que estamos vivendo no Brasil. Tantos atos e atitudes desprovidos de qualquer ética já escapam da administração pública para envolver o cidadão que, conforme mencionado, devido à pressão ou tentação, se envolve neste emaranhado, pensando na impunidade, pois exemplos desta há muitos em nosso país. Devido a estes indivíduos que pervertem conceitos éticos, um país pode vir a ter suas bases minadas comprometendo toda a sua estrutura institucional e sempre quem sofrerá mais com isso será a sociedade que não tem em muitos de seus representantes o exemplo digno esperado.

SPN13. Ano VI – São Paulo, 15 a 21 de junho de 2007 – nº 263

O Trabalho Infantil

Se em 12 de junho comemora-se o sentimento, com o dia dos namorados, de outro lado, registra-se mais um ano em que a luta contra o trabalho infantil perdura, por não ter sido, ainda, erradicado do mundo.

Quando vemos pela TV uma criança chorando porque em seu íntimo sabe que perdeu parte preciosa de sua vida em um trabalho que não deveria fazer e quando, pelo mesmo canal de comunicação, somos agredidos com conselhos obtusos de pessoas que ocupam cargos públicos demonstrando visão distorcida da realidade, pois não convivem mais ou nunca conviveram com a mesma, ficamos preocupados com a possibilidade de tais crianças e adolescentes não virem a receber algum tipo de apoio sério e consciente dos mesmos, para alterar tal situação.

Tais pessoas brincam com os problemas que os brasileiros enfrentam, tornando-os vítimas constantes, devido à inabilidade como tais deficiências são encaradas. A inexistência de um sistema de saúde que funcione, a falta de habitação, o excesso de corrupção, o caos aéreo e outros tantos mais, “brincam” numa gangorra de carências de qualidade e exageros de incompetência.

Bom seria se utilizassem as frases de humor grotesco para transformar esta gangorra em um brinquedo apenas, destinado a alegrar crianças e adolescentes que sofrem, simbolizando a volta da esperança no futuro, a perspectiva de conforto e segurança em suas vidas, a garantia de poderem estudar tranqüilamente, sem o medo de serem mortos em meio a tiroteios provocados por marginais que um dia também foram crianças e provavelmente passaram pelos mesmos dissabores que as de hoje passam.

Se o trabalho infantil surge em todo o mundo, manifestando-se em setores e atividades das mais diversas, o combate ao mesmo precisa ser feito por meio de programas que desenvolvam táticas adaptadas à realidade de cada país. A cada ano um tema é selecionado para ser tratado mundialmente, o ano de 2007 tratará do trabalho infantil na agricultura e pecuária, praticado por cerca de 70% das crianças no mundo todo.

Se este percentual nem deveria existir, surge a preocupação com um número tão grande de crianças que têm seu bem-estar prejudicado, cujo direito de receber educação é cada vez mais dificultado ou desvalorizado pela falta de apoio aos professores e a imposição de programas educacionais que não lhes proporcionam um ensino digno que as prepare para um desenvolvimento capaz de torná-las aptas a progredir em suas vidas.

Triste é saber que algumas pessoas que tiveram o privilégio de estudar, de preparar seu futuro para uma posição de destaque na sociedade, tomam atitudes que as tornam desmerecedoras de tais distinções, pior ainda, quando tais seres ocupam, sem ter condições, cargos de liderança.

Mas, enquanto existirem crianças e, adultos as considerarem, pois também tiveram infância, todo o empenho em proporcionar-lhes uma vida digna será válido e com certeza fará germinar sementes de dedicação para transformar suas existências, por respeito à vida, à dignidade e à humanidade.

SPN14. Ano VI – São Paulo, 22 a 28 de junho de 2007 – nº 264

Os benfeitores de passagem

Você já ouviu falar em benfeitor de passagem? Pois bem, está é uma figura que, pelas atitudes, bem poderia receber tal denominação, pois se destaca nos meios públicos, políticos e sociais, só aparecendo durante comemorações com determinadas características.

Sempre que há uma inauguração importante, o resultado de alguma conquista da comunidade ou a entrega de uma obra pública, surgem tais elementos.

São como seres aéreos vindos de outra dimensão, possuidores de um corpo materializado por meio de alguma mágica ou poder extraterrestre, aparecendo, geralmente, em locais que nunca antes visitaram, movidos pelo brilho e clamor de aplausos resultantes, por exemplo, de uma obra concluída, a qual outros deram início e por ela se empenharam, mas que, ao final, encontra um enorme rol de protagonistas, que buscam transformar em figurantes aqueles que realmente merecem os louros do que foi realizado.

A mágica da materialização é maior quando no evento há alguma figura, política ou não, mas que seja de destaque e sobre ela todas as atenções sejam direcionadas. Nada melhor do que se materializar próximo à mesma.

Os benfeitores de passagem se apoderam desses momentos para indiretamente criarem situações que lhes tragam os louros do trabalho e esforço alheio e cujo esplendor tomam emprestado. Nessas ocasiões, são atentos ou vintes e pacientes conselheiros.

O reverso surge quando vamos buscar tais pessoas que se diziam aptas a colaborar com a comunidade e, de repente, ninguém mais as encontra, desaparecem. Na há mais ninguém para nos ouvir ou aconselhar.

Essas aparições são sazonais e ocorrem, geralmente, na proximidade das eleições. Seus objetivos pessoais mascaram-se com a face do interesse social, coletivo, demonstrando, atrás deste simulacro de personalidade, uma falta de unicidade de idéias e objetivos fracionados pela busca exclusiva de realização individualista.

São destes seres etéreos, de aparições momentâneas, que querem assumir posições de poder e que vêm enfraquecendo cada vez mais a credibilidade das pessoas, que devemos nos afastar a fim de que possamos nos precaver da transitoriedade e inconstância de seus interesses.

SPN15. Ano VI – São Paulo, 29 de junho a 05 de julho de 2007 – nº 265

Os intocáveis

O “caso” Renan Calheiros não mais surpreende depois de uma série de situações parecidas que vemos continuamente estampadas nos dois últimos anos. Se não surpreende, causa desconforto para um povo assustado com a violência e desrespeitado pela corrupção.

Por esta impunidade enraizada na “Família” formada por alguns políticos, os culpados de hoje tornam-se as vítimas de amanhã.

As desculpas de sempre: É a imprensa que os persegue; são os terroristas opositores do governo, aqueles, da outra família, que criam armadilhas aos inocentes e incautos parlamentares, acusados injustamente, que sempre dizem ter provas de inocência; são os fatos, colocados de forma negativa, que são habilmente manipulados, mas, se usam do mesmo recurso, estão sendo estrategistas políticos, geralmente, usando alguma causa social para vender sua proteção em defesa de seus eleitores.

Afastamento por motivos de saúde tão freqüente aos parlamentares quando envoltos em crises “familiares” são mais bem aceitos do que em situação inversa, quando, um trabalhador, que realmente necessita usufruir desse direito, que para muitos se tornou um privilégio, não pode se ausentar de seu trabalho ou tem um atendimento de saúde precário. Ao final tornam-se intocáveis, Ah! Os pobres perseguidos.

Os valores éticos estão se resumindo em situações de conveniências, amoldados segundo as mesmas. Cada grupo tem um padrão e quem é de fora e não respeita, poderá ser eliminado da “turma”. Não há mais parâmetros de comportamento pessoal e profissional que sirvam de guia para as boas condutas. Tudo vem se resumindo à necessidade política do momento, afastando valores que mantêm um povo confiante em seus dirigentes.

A existência de tantas famílias políticas só gera confusão ao povo, pois fragmenta e anula a defesa de nossos direitos, espalhando seus pedaços ao sabor da direção de ventos favoráveis para quem for mais esperto e astucioso.

É por isso que a violência cresce, mesmo havendo governos realmente interessados em promover mudanças e resgatar a consideração pelo ser humano. Mas, a nuvem pesada que vem pairando sobre todos nós, devido a situações criadas para proteger quem não merece, tem tornado encoberto o céu da liberdade e do respeito. Cabe a nós resgatarmos nossos direitos e continuarmos acreditando que nossa cidadania vem em primeiro lugar e não se limita aos interesses de partidos políticos ou de pessoas mascaradas de líderes.

SPN16. Ano VI – São Paulo, 06 a 12 de julho de 2007 – nº 266

Eu faço...mas quem aparece é você!

Quem não passou alguma vez em sua vida por esta situação na qual, após um trabalho dedicado vê o seu “tapete ser puxado”, expressão popular que explica com simplicidade, porém com muita propriedade, a sensação destes momentos em que alguém, mascarado com atributos de bondade e espírito de cooperação se revela um oportunista e usa pessoas como degraus para alcançar seus propósitos e, ao conquistar seus objetivos, esquece que os mesmos degraus, galgados de forma incorreta, e que o fizeram subir, podem fazê-lo despencar.

Tais pessoas, quando vencem suas batalhas imaginárias, alcançam postos ou situações com bases inseguras e instáveis, facilmente desestabilizadas, pois não foram vencidas com o próprio mérito e sim com artifícios.

Por estes motivos, ao estarem em evidência, utilizam todo meio possível para registrar forçosamente um valor duvidoso, eliminando quem possa ameaçar a instabilidade de um lugar alcançado por meios inconfessáveis.

Com o decorrer do tempo, a verdade começa a se manifestar, pois esses usurpadores, que fingiram ter competência, são obrigados, muitas vezes, a buscar auxílio das mesmas pessoas que usaram para se promover, a fim de manter uma posição que não merecem.

Os erros e enganamentos em suas atuações tornam-se cada vez mais evidentes. A competência “pirata” vendida não é mais comprada, pois se expõem as falhas, através da falta de resultados ou de performances insignificantes.

Neste momento, estes intrusos do espaço alheio, têm que se voltar sobre os próprios passos e os degraus, antes desprezados, transformam-se em “tábuas de salvação”. Ironia.

Mas, o lado bom é o de sabermos que as pessoas competentes sempre encontrarão seu caminho. Se não são reconhecidas em seu trabalho por alguns que possam a vir prejudicá-las, talvez, estes últimos, não mereçam receber o fruto de seu esforço e dedicação. É melhor que estes ingratos resolvam seus problemas sozinhos ou com seus iguais. Uns engolindo os outros e ao final não sobrando coisa alguma. Pois entre estes pares, na primeira ameaça ao poder de cada um, surge um desenfreado canibalismo, para eliminar concorrentes indesejáveis.

Quem tem competência e respeita o trabalho de outros, vai sempre brilhar, mesmo que nuvenzinhas escuras tirem o brilho do sol por alguns momentos. É só lembrar que elas, algumas vezes, só fazem barulho e outras vezes, nem em chuva se transformam. Só estão de passagem e quando menos esperamos, desaparecem sem deixar rastros.

SPN17. Ano VI – São Paulo, 13 a 19 de julho de 2007 – nº 267

É melhor ir de ônibus

Você pensa que com você não vai acontecer, mas acontece. Quem precisou viajar de avião nos últimos meses, já deve ter passado por diversos dissabores e pensado, muitas vezes, quando não há um oceano no meio do caminho, que é melhor ir de ônibus ou outro veículo, mais confiáveis atualmente, tanto em questão de segurança quanto de pontualidade.

Há tantos responsáveis engolfados em culpar-se reciprocamente que muitas vezes os prejudicados já nem sabem a quem reclamar.

Os “efeitos colaterais” que, mesmo não viajando, afetam outro grupo de pessoas, foram aqueles sofridos pelos moradores próximos aos aeroportos que tiveram, antes que uma liminar proibisse, de agüentar os transtornos causados por pousos e decolagem entre 23:00h e 6:00h. Além do barulho, a poluição prejudicou mais ainda a qualidade de vida dessas pessoas.

E tem gente que fala que o lado positivo é o incentivo para o turismo interno, enquanto viaja para outros países.

Para quem precisar mesmo viajar de avião deve procurar se inteirar de seus direitos, como consumidor e como cidadão. Quanto mais informação, mais possibilidade de defesa e respeito pelos nossos direitos.

E, devido a não termos lideranças reais que nos auxiliem, pois as mesmas estão brigando apenas por interesses partidários, sobre quem fica e quem sai, é melhor, por enquanto, nos arranjarmos sozinhos, utilizando de todos os recursos disponíveis. Já não é tão importante sabermos de quem é a culpa, e sim, que existe culpa, apesar de todos se acharem inocentes. Existem erros antigos, erros atuais, desrespeito e não há pessoas capazes de resolver. Há sim, pessoas falantes e falastronas que defendem um país com provérbios em vez de ações e que acreditam nas próprias bravatas.

Mas, precisando viajar de avião, nestas férias, saiba que passageiros podem pedir indenização por danos morais e materiais. Consulte o site do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) – www.idec.org.br para saber mais sobre seus direitos.

Correio da Zona Sul (CZS)

CZS00. São Paulo, 10 de Agosto de 1973¹

A peçonha dos vis e invejosos

(Um desabafo sincero, em homenagem aos amigos e clientes)

Certas “cobras”, muito apreciadas pelo Instituto Butantã, expelem, em suas agressões, a peçonha que ofende a moral, a dignidade, o decoro de seu semelhante, e, muitas vezes, o veneno é até mortal, quando a vítima não é socorrida a tempo com a ação da Polícia repressiva ou da Justiça.

É mesmo um animal repelente e perigoso, que não mede a extensão de suas falsidades, de suas calúnias, de suas injúrias, cujo procedimento está previsto como crime pelo Código Penal. São indivíduos desclassificados.

Semelhantes à verdadeira cobra, como elementos perigosos e indignos, vivem rastejando na sociedade, tendo como prazer único e sádico atassalhar a honra e a reputação dos outros, sem consideração, sem pejo, sem medo, sem sensibilidades.

São uns miseráveis, uns sordídeos, uns crápulas – que, piores do que as cobras, expelem veneno por todos os poros, praticando o mal frio e impunemente, por que ficam acobertados pelas expressões dúbias, próprias dos covardes, que não assumem responsabilidade de seus atos e se escondem do anonimato ou se utilizam da inocência de terceiros para as suas atitudes maquiavélicas.

Desde quando mudamos de Diadema e fundamos, nesta Capital, o vitorioso jornal “Tribuna do Tatuapé” (30.000 exemplares por semana), e, logo depois, com a iniciativa do digno e eminente Comendador Euclides Luiz da Silva, auxiliando-o no “Correio da Zona Sul” (60.000 exemplares por semana), os inimigos gratuitos estão vomitando bílis, procurando me incompatibilizar com os prezados amigos, felizmente, estão me prestigiando e me incentivando, na tarefa ingente de levar prá frente os dois empreendimentos das Zonas Leste Sul, como expressão viva da cultura e comunicação de grande parte de nossa crepitante Capital.

Os dois periódicos, não obstante o seu curto tempo de existência, já estão com a sua maturidade assegurada, pela receptividade obtida em todas as classes sociais, no comércio, na indústria, entre as autoridades constituídas e no meio do povo. E os dois jornais se impuseram à opinião pública pela honestidade de seus objetivos, pela seriedade de suas publicações, pela serenidade de seus comentários e bom-senso de seus responsáveis.

Ninguém pode falar da “Tribuna do Tatuapé” e do “Correio da Zona Sul”, quanto à correção e legitimidade de seus atos, todos dentro de uma conduta irrepreensível, em benefício do povo, para o qual prestem seus serviços.

É natural, pois, que a peçonha dos vis e invejosos se volte para nós, no desejo de destruir uma obra cultural, de um jornalismo sadio e honesto, de cunho eminentemente popular, que pretende servir a coletividade e contribuir para o engrandecimento do Brasil, cuja vida política e econômica foi sanada pelo movimento de 31 de março de 1964.

Mas não tememos as agressões, o veneno, a maledicência, o procedimento tenebroso dos crápulas, a língua viperina dos detratores. Nós continuaremos a trilhar o nosso caminho e afastaremos dele as pedras, que, maldosamente forem lançadas pelo expediente escabroso dos invejosos e impenitentes, pois temos a consciência limpa, tranquila e pode-nós, no desejo de destruir uma obra cultural, de um jornalismo sadio e gos que se ocultam no anonimato.

Comendador JOSÉ BONFIM

¹ O código 00 remete ao fato de este texto não ter sido incluído na análise quantitativa do *corpus*.

CZS01. São Paulo, 18 de Maio de 1973

Mais um Jornal?

- Sim, mais um jornal semanario, para a Zona Sul de São Paulo, mas um jornal com “J” maiusculo, pois, no mundo moderno das comunicações, pretende constituir-se um veículo de registro das atividades da nossa palpitante Capital, da zona que representa, do Estado de São Paulo, do Brasil e mesmo do estrangeiro.

Será demais um novo jornal para a zona sul? Entendemos que não. São Paulo dispõe de uma população superior a 6.000.000 milhões. Não sabemos ao certo qual a população da zona sul, mas podemos dizer que é superior às de várias grandes cidades do Interior do Estado. onde temos dois, três ou mais jornais, sendo que, em algumas delas, como Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, etc., são comuns os diários.

Ora, a Capital, além de ser dividida em zonas, comporta, também, uma divisão em bairros e Vilas. E, na zona sul, são inumeras as Vilas e os Bairros, como os seus problemas, os seus próprios interesses, as suas reivindicações. Mais um jornal, com o aparecimento do “Correio da Zona Sul”, teremos maior campo para a divulgação de notícias locais, bem como de reclamações de seu povo, informações, colaborações, entretenimentos, esporte, vida social, etc.

O “Correio” pretende, semanalmente, fazer uma visita aos seus lares, trazendo-lhes comunicação de todo o gênero e espécie, de São Paulo, do Brasil e do mundo, abordando todos os assuntos de interesse geral da população.

Politicamente, o “Correio” será imparcial e independente, pois não adotará esta ou aquela linha política. Como órgão noticioso, transmitirá informações e publicará matéria diversificada, inclusive colaboração de matéria especializada. As suas páginas estarão abertas a todas classes sociais, grupos, raças e religiões.

O que nos interessa será a defesa do povo e das instituições nacionais. Nada nos deterá na luta pelas reivindicações dos oprimidos e necessitados; na trincheira das nossas colunas, procuraremos o prestígio do Brasil, trabalhando pelo engrandecimento de São Paulo e da zona sul.

E como vamos viver?

Apoiados no povo da zona sul. Não podemos prescindir da colaboração de todos: comerciantes, industriais, estudantes, autoridades civis, militares, religiosas, judiciárias, operarios, funcionarios publicos, etc. Todos formam o grande conjunto vivo da Zona Sul, como expressão de sua força, do seu valor, do seu progresso, da sua técnica, da sua cultura.

Dentro do conceito moderno da imprensa, o “Correio” espera contentar a gregos e troianos, sem fazer distinções.

Esperamos, pois, o apoio de todo mundo. Não só o apoio, mas também a compreensão, no sentido de que, evidentemente, como obra humana, teremos falhas, que pedimos sejam perdoadas.

De uma coisa o leitor poderá estar certo: procuraremos sempre acertar, trilhando o caminho da honestidade, da retidão, da dignidade e moralidade, elevando o nome da Zona Sul e do prestígio do Brasil, duas metas que estarão em nossas mentes e objetivos.

Não queremos ser apenas mais um jornal, em São Paulo. Desejamos, ardentemente, dar ao nosso povo uma nova arma de comunicação, que é uma exigência de sua expansão e do seu progresso.

O povo que nos julgue. E muito obrigado!

CZS02. São Paulo, 25 de Maio de 1973

Prefeito e Governador

Em uma boa hora, o governo federal instituiu o sistema, que estabeleceu a nomeação do Prefeito Municipal da Capital, pelo Governador do Estado, limitando, em consequência, a autonomia do Município, em benefício da população, com a harmonização dos pontos-de-vista dos dois governos, municipal e estadual.

Era comum, anteriormente a essa medida, vermos uma verdadeira luta de interesses entre o Prefeito e o Governador, em detrimento dos serviços públicos, prejudicando a coletividade, pois ambos, obnublados por forças políticas opostas, esqueciam do juramento prestado quando de sua posse e o povo, que assistia ao espetáculo dos choques entre os dois, era o eterno sofredor.

Todavia, o princípio estabelecido não está sendo observado, a não ser aparentemente, na Capital. Embora nomeado pelo Governador do Estado, o Prefeito e o Governador, ultimamente, ao que transparece do noticiário, não vêm rezando pela mesma cartilha. Existem certas e sérias divergências entre ambos, com evidentes reflexos na administração pública.

As tentativas para uma conciliação, um acordo, têm sido realizadas, com reuniões no Palácio do Morumbi e até mesmo em outros locais, mas, até o momento, está difícil chegar-se a um resultado positivo, que satisfaça a ambas as partes.

Assim, nas relações entre Morumbi e Ibirapuera, temos vivido apenas momentos de expectativa, aguardando novidades, que possam tranquilizar a sua população.

O certo é que não podemos continuar assim. O sistema estabelecido pela Revolução de 1964 é o melhor porque trás harmonia entre os dois poderes, unico clima capaz de criar, na Capital, um ambiente propício às realizações.

Os constantes atritos ou meras divergências podem atrazar, prejudicar e até mesmo impedir novos atos da administração, que, em detrimento do bem-estar do povo, fica amarrada a interesses políticos de grupos.

Esperamos, pois, que as partes interessadas olhem bem no terreno em que estão pisando Não estamos mais nos tempos dos dominios da politiquice, em que o bem público era deixado para segundo plano, figurando em primeiro os apetites dos gananciosos.

Os postulados da Revolução de 1964 estão de pé e continuarão vivos, até o pleno restabelecimento do Brasil, em todas as esferas de sua administração. Não se compreende que essa situação persista, no momento que atravessamos.

CZS03. São Paulo, 8 de Junho de 1973

Os Caminhões nas Avenidas Expressas

As Avenidas expressas, como a 23 de Maio e Rubem Berta, foram criadas com o objetivo de desafogar o trânsito, motivo porque, além de largas, com duas ou três pistas na mesma direção, não possuem semáforos.

Por isso, tudo aquilo que contribuir para o congestionamento é eliminado, como é o caso de trânsito de caminhões nessas avenidas.

Quando foi inaugurada a 23 de Maio, ligando-a a Rubem Berta. num grande percurso do Anhangabaú até o Aeroporto de Congonhas, a notícia veiculada era de que os caminhões estavam proibidos de trafegar por essa grande artéria, justamente para facilitar a fluência dos demais veículos. Ela seria, de fato, uma via expressa, para os seus inumeros usuários.

E a proibição tem a sua razão de ser, pois, como lemos em certos comentários, “o tipo de veículo contribui enormemente para o congestionamento, principalmente nas ruas. O caminhão, que conforme as condições, equivale a 5 ou 6 automóveis em movimento, é o elemento congestionador, daí a necessidade de sua circulação na cidade deve ser controlada. Ele não só adapta-se mal às ruas, conversões, estacionamentos, etc., como restringe a visibilidade dos demais veículos. Daí a razão porque em todo mundo sua circulação nas ruas é regulamentada e muito restringida. É claro que o tamanho do caminhão entra em conta; camionetes e furgões pouco atrapalham o trânsito. Mas em S.Paulo vê-se verdadeiros vagões rodoviarios, circulando por muitas ruas”.

Precisamos fazer com que a 23 de Maio e Rubem Berta tenham uma circulação livre do trambolho dos caminhões, cujo numero vem aumentando, dia a dia. Daqui a pouco, essas duas Avenidas deixarão de ser vias expressas, em virtude de presença incômoda dos caminhões, que congestionam as pistas e restringem a visibilidade e movimento dos demais veículos.

O **DSV** precisa regulamentar o assunto, proibindo, de vez, a circulação dos caminhões nessas duas grandes vias da Zona Sul. Não só proibindo, mas fiscalizando o cumprimento dessa determinação, em benefício do tráfego e da segurança.

CZS04. São Paulo, 13 de Julho de 1973

O desenvolvimento do Brasil

Os países do mundo estão divididos em desenvolvidos e subdesenvolvidos, sendo que, nestes últimos, é escassa a capacidade de poupança, baixo o nível de renda, há carência de capital e a produção é insuficiente para as necessidades.

O Brasil está incluído entre os subdesenvolvidos, mas, a partir da Revolução de 1964, foi possível movimentar a economia, por meio de fórmulas racionais e lógicas, permitindo, assim, ao governo, enfrentar a situação e perseguir a meta do progresso, do desenvolvimento.

Naturalmente, com esse objetivo, o governo procura acelerar o desenvolvimento, incentivando a poupança, aumentando o nível de renda e criando novos meios de produção, com o seu aumento e evidente crescimento.

Diz um articulista que o “modelo brasileiro de desenvolvimento haverá de provocar divergências. Não se administra sem contrariar interesses, sobretudo políticos; ou sem provocar incompreensões, por mais certos que estejam os rumos escolhidos ou por mais defensáveis que sejam as medidas adotadas. Mas, como afirmava Mendes-France, resumindo sua experiência na presidência do Conselho de ministros da França, no período de 1954/5, “governar é escolher”. A meta do governo é construir uma grande Nação; o meio que se vale é acelerar o desenvolvimento. Para tanto, escolheu um modelo econômico e o vem aplicando corretamente”.

E que o governo está certo no modelo escolhido, temos nos resultados que têm sido obtidos. O Brasil, nestes 9 anos de governo revolucionário, teve um progresso extraordinário, em todas as faixas. Não é mais o primo-pobre. Já enfrenta os problemas de infra-estrutura com a consciência tranquila e confiança no futuro; já atraiu a atenção de todos os países do mundo; já melhorou a sua produção. O tratamento a que está sendo submetido é eficaz e tudo indica que caminha para a sua inclusão entre os desenvolvidos, dentro de pouco tempo.

O povo não pode deixar, por isso, de aplaudir as metas do seu governo, dando-lhe todo o apoio, para que os fins visados sejam alcançados, em benefício da coletividade brasileira.

CZS05. São Paulo, 24 de Agosto de 1973

A semana do Exército em Mira

Nesta semana, estamos comemorando, com festejos e solenidades, a semana do Exército Nacional, que, em sentido amplo, representa as Forças Armadas do País, constituídas não só pelo Exército propriamente dito, mas também pela Marinha e Aeronáutica.

As Forças Armadas, pela Constituição Federal, são instituições nacionais permanentes e regulares, essenciais à execução da política de segurança nacional e destinam-se à defesa da Pátria e à garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem.

Anualmente, nesta semana, em que se comemora o nascimento de Caxias, - o patrono do Exército -, o Brasil reverencia os bravos e leais componentes de suas Forças Armadas, que defendem a soberania nacional, a preservação das nossas fronteiras, a integridade territorial e a unidade nacional.

Além disso, o Exército exerce funções complementares, de interesse geral para o país, como a colaboração na abertura e manutenção de estradas, levantamentos topográficos, desenvolvimento de pesquisas técnico-científicas.

Com um território continental, grande litoral e extensas linhas de fronteiras, as funções do nosso Exército tem sido, sempre, as mais compreensíveis e pacíficas possíveis, dentro da linha do nosso governo, que procura a obtenção da paz e concordia não só entre os nossos habitantes, mas também com os países vizinhos e de além-mar.

Por isso, as comemorações da Semana do Soldado brasileiro, em todo o território nacional, tendo como protótipo a figura de Caxias, nos enchem de emoção e orgulho. O Exército Brasileiro é uma força, uma garantia, uma esperança de todos nós, um galardão de glórias imortais, dentro e fora de nossas fronteiras.

Hosanas ao Exército, pelo seu passado, pelo seu presente, pelo seu futuro!
Hosanas pelo seu glorioso Patrono, Caxias, o Soldado exemplo de todos os tempos!

CZS06. São Paulo, 31 de Agosto de 1973

O Submundo das Favelas

Não obstante os esforços do governo, até o comento, continua em aberto o problema das moradias populares e, mais especificamente, a intrincada situação das favelas, que não encontram solução, dentro da promoção social.

É verdade que as condições de vida não constituem apenas uma questão de moradia, pois nos palacetes também há desarmonia e infelicidade. Mas temos de convir que essas condições exercem considerável influencia para a diminuição das tensões nervosas e dos conflitos diários, que surgem nos grupos. Todo mundo tem direito de procurar obter um pouco de amor, harmonia e felicidade.

Certa feita, disse um Governador: “O drama da casa não se iguala aos problemas da alimentação ou do vestuário, e não se confina à pobreza; por isto mesmo, não se esgota no ambiente familiar: invade fabricas, repartições publicas e escritórios, espalase a toda roda, a todos que convivem com aqueles que não habitam uma casa decente. O homem que não mora, o homem que mora mal, transmite a seus amigos, colegas e companheiros, a insatisfação que decorre de seu próprio drama”.

Temos, pois, que considerar o drama de habitação. Não é apenas o problema daqueles que pagam o aluguel e vivem em constantes aperturas. O problema mais sério e engustiante é o dos que não têm onde morar e, por isso, vão formar as chamadas favelas, onde não há higiene, não há água, não há luz, inexistindo, portanto, qualquer condição de conforto mínimo para viver. É o submundo, que encontramos na periferia da metrópole, de preferencia, mas que, às vêzes, é encontrada até mesmo na zona central.

Na impossibilidade de dar casa própria a todos, que habitam as favelas, o governo precisa tomar medidas efetivas para minorar a situação ou mesmo erradicar o mal, protegendo esses pobres moradores dos casebres sub-humanos.

CZS07. São Paulo, 19 de Outubro de 1973

A notícia que estourou como uma bomba, divulgada no fim da semana que passou, segundo a qual em razão da guerra do Oriente Médio em Israel e os Países Arabes a gasolina possivelmente viria a ser racionada entre nós não deixa de ser altamente apreensiva. Ela chegou ao conhecimento do grande publico através da declaração de um Ministro do Estado. Como é de conhecimento quase geral, o mundo árabe detém a maioria das reservas de petróleo do mundo. Muitos países dependem somente do petróleo árabe como é o caso do Japão, hoje, uma das grandes potencias do mundo. Nós, brasileiros, recebemos uma parte do petróleo que consumimos, vindo dos campos petrolíferos do mundo árabe. Ninguém sabe até onde nos vai conduzir essa guerra lamentável cujo fim todos nós desejamos ver. A palavra do Ministro foi bem clara: possivelmente a gasolina que terá que ser racionada.

É muito fácil imaginar o que representa um racionamento de gasolina entre nós, principalmente nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio e outras grandes cidades do Brasil, sem falar no grave problema que vai representar em termos de abastecimento interno e transporte prioritário.

É muito verdade que no Brasil e, principalmente em São Paulo, muita gente, gasta gasolina sem necessidade. Milhares de rapazes, filhos de gente abonada, tendo seu proprio carro, rodam dia e noite por ai, gastando gasolina, milhares de senhoras, pelo simples pretexto de ter que levar os filhos ao colégio (que muita vez fica a poucos quilometros de casa), pedem um carro ao marido. Meninotas colegiais, que frequentam colegios caros, colégios que possuem inclusive frota de onibus colegiais, possuem seu proprio carro, consumindo gasolina.

O racionamento não foi ainda determinado. Talvez nem venha a ser. É até possível que a guerra termine dentro de pouco tempo e tudo volte à normalidade. Mas pode ocorrer que essa guerra estúpida entre duas velhas raças rivais se estenda cruenta, por muito tempo e dessa forma trará consequencias imprevisíveis. É hora de nós fazermos uma economia de gasolina por conta propria. Vamos evitar de andar à-toa, sem um motivo imperioso. Com um pouco de sacrificio, podemos fazer uma porção de coisas de onibus, ou a pé, sem precisar gastar gasolina. Ela pode fazer falta para fins mais importantes. Nossa frota de caminhões que traz suprimentos de outros Estados é imensa e precisará de combustivel. Que a menina de colégio utilize o onibus e a dona de casa que levante um pouco mais cedo e leve seus filhos para a escola de onibus. Na melhor das hipóteses será um treinamento para dias difíceis que podem vir.

CZS08. São Paulo, 2 de Novembro de 1973

Lançada no último dia 31 de outubro no Palacio dos Bandeirantes, está em pleno desenvolvimento a “Campanha do Sêlo” de 1973. Todos os anos, sob a orientação da “Felasp” (Federação de Entidades de Luta contra a Tuberculose) a “Campanha do Sêlo” é lançada para beneficiar 35 unidades de luta contra a doença que se tornou famosa pela denominação de “peste branca”.

Durante todos estes anos, desde que foi lançada a campanha, dona Amelia Silva Pinto, sua Presidente, tem lutado valorosamente, embora sem obter grandes resultados como seria licito esperar de uma campanha dessa importancia.

Milhares de brasileiros de S. Paulo continuam insensíveis e indiferentes ao problema do tuberculoso pobre e desamparado. Embora o esforço das autoridades sanitarias, embora a fábula que se gasta com hospitais de TB, a assistência aos doentes pobres depende ainda, e muito, da iniciativa privada. A “Felasp” congrega e ajuda 35 unidades, todas particulares. São sociedades que vivem a poder de donativos e ajudas diversas. Nelas, centenas de tuberculosos pobres encontram lar, abrigo e alimentação, além de remédio.

Nos dias de hoje, alimentar e tratar doentes de tuberculose custa uma fortuna. Cumpre salientar que a quase totalidade desses enfermos recolhidos nas entidades filiadas à “Falesp”, são crônicos, ou seja, doentes cujos virus se tornaram resistentes às drogas convencionais.

Esta é uma hora esplendida para o paulistano mostrar que pode entender o problema como qualquer outro povo. Por que os norte-americanos concorrem todos os anos durante a sua “campanha do sêlo”, com 500 milhões de dolares? Eles sabem que a tuberculose é uma implacavel inimiga que tem que ser combatida com todas as armas. A batalha contra o insidioso mal é uma batalha onerosa. Custa milhões.

Engano de muita gente acreditar que a tuberculose está erradicada entre nós. Ela incide e perigosamente em todo o país e, principalmente, nos grandes centros industriais. O Dr. H. T Mahler, Presidente da OMS informa que atualmente continua sendo estimado que há 10 a 20 milhões de pessoas que sofrem de tuberculose contagiante que por seu turno podem infectar 50 a 100 milhões no proximo ano.

É hora de ajudar, de compreender, de colaborar. Um sêlo que pode ser encontrado em todas as Escolas do Estado e Prefeitura, custa um cruzeiro apenas. Se uma criança lhe oferecer um sêlo anti-tuberculose para comprar amigo leitor, não deixe de fazê-lo. Você estará ajudando a salvar uma vida.

CZS09. São Paulo, 9 de Novembro de 1973

Segundo dados semi-oficiais mas dignos de todo o crédito há em São Paulo, presentemente, cerca de um milhão de veículos a motor em funcionamento, entre carros de passeio, de transporte e coletivo. Segundo ainda estudiosos no assunto há um carro para cada 5 habitantes da cidade.

Dito isso, é fácil entender a balburdia, a confusão que reina no trânsito paulistano, embora os esforços da DSV e do Detran e ainda a preocupação constante da Municipalidade de abrir mais ruas e avenidas carroçáveis. Há uma neurose coletiva no trânsito paulista que traz muito mais prejuízos que todos os outros fatores.

Do jeito que as coisas vão, não vai demorar muito tempo para que as autoridades de trânsito, municipais ou estaduais sejam obrigadas a adotar normas completamente diferentes das que estão em vigor. Quando dirigiu por algum tempo o Trânsito em São Paulo, o cel Américo Fontenelle, houve uma grita generalizada contra suas medidas e normas. A reação foi grande, o coronel acabou sendo afastado pelo então Governador Sodré.

Já naquela época (não muito distante) o cel. Fontenelle preconizava o afastamento puro e simples dos carros de passeio do centro urbano de São Paulo. Claro que para se obter um recurso desse será necessário criar uma lei que dê força ao Município ou Estado para realizar essa tarefa.

Em vários centros do mundo, como Nova York, Londres e outras cidades, há muito, os carros de passeio foram afastados dos centros urbanos. Mais dia menos dias o mesmo terá que acontecer em São Paulo. Cerca de 300 novos carros são postos a circular nas ruas de São Paulo já entupidas de veículos.

E há muita gente dirigindo mal, praticando toda a sorte de “barbeiragens” e infrações. Mas talvez o que mais prejudica o trânsito paulistano, transformando-o num verdadeiro inferno é a falta de humanidade, de compreensão, de tolerância do motorista paulistano, apressado, intolerante, violento e agressivo. As brigas no leito carroçável das ruas são uma constante. A cada passo se vê homens e mulheres engalfinhados, chegando até à luta corporal por problemas de trânsito. Ninguém tem paciência com ninguém. Uma fração de segundo que o motorista do carro da frente demore para sair depois de aberto o sinal e lá vem um “festival de buzina”.

E não fica no barulho da buzina. Quando o “herói” que vem atrás, consegue ultrapassar o “lerdo” que estava na frente, ao passar atira-lhe pela janela aberta um pesado insulto e vai embora “realizado e feliz”.

A situação se agrava a cada dia. Ou nos conscientizamos para andar num trânsito difícil ou partiremos para o caos definitivo. Para a desordem total, para a intolerância absoluta e para o crime ou ainda, por uma neurose coletiva que envolverá a todos irremediavelmente.

CZS10. São Paulo, 21 de Dezembro de 1973

Mais um Natal desce docemente sobre a humanidade. Outra vez a doce poesia da santa noite envolverá a todos. E quantos estão preparados para comungar com a humanidade a grande noite que pelo seu simbolismo representa o momento maximo de meditação? Milhões de seres em todo o mundo debatem-se contra toda a sorte de empecilhos, dificuldade e vicissitudes. A grande paz ainda não foi encontrada e a poesia e Natal por isso mesmo deixa de envolver a todos, quando seria licito esperar que na doce noite todos estivessem integrados na sua profunda filosofia. Há lutas por toda a parte. O mundo não se encontra. Até bem poucos dias atrás se lutava na propria terra santa onde Jesus nasceu. Em vastas regiões da Ásia, das Américas, da Africa, da propria Europa há multidões aturdidadas diante de problemas insolúveis. A noite santa não comunica a todos, infelizmente a sua doce poesia e sua profunda religiosidade. O exemplo de paciência e doçura do burrico e da vaca que bafejaram o corpo tenro do Jesus menino não consegue ser imitado. O mundo anda feroz. Os grupos se odeiam e procuram se destruir. Ninguém sente amor, ninguém tem amor para dar. Todos querem arrancar na frente, vencer, seja a que preço for. Ninguém se detem um instante sequer pensando no proximo. O egocentrismo domina o pobre genero humano cada vez mais sofrido e revoltado.

O mundo continua desigual. Há tanto para poucos e tão pouco para muitos. O milagre da multiplicação dos pães, infelizmente, não se repete entre os homens. Contudo é Natal. Cai neve lá longe, do outro lado do mundo e aqui brilha quente o sol. O menino Jesus é o mesmo através séculos galopando no infinito do tempo. Mas os homens não se apercebem que é preciso imitar os três Reis Magos que se guiaram pela luz de uma estrela para ir ao encontro do Salvador. Ninguém quer se salvar. Todos querem viver, o mais violentamente possível. A noite de Natal está chegando. Como que, ouvem-se no ar os sinos bimbalhando e a Estrela do Pastor parece brilhar mais quando chega o Natal.

É hora de meditar, de amar, de compreender. Que cada um, na noite santa sinta por instantes que é preciso retornar às origens, que é preciso voltar Lá bem no fundo de cada um, deve haver a imagem de uma noite distante, uma noite amiga; de uma mesa cheia de gente onde haviam seres que hoje são sombras. Vivamos a poesia do Natal. Que todos tenham nesta noite santa que se aproxima, a doce e ingenua alegria do Natal, são os votos que a Direção deste Jornal faz a todos quantos nos honram com sua leitura. Façamos todos, na noite cheia de misterio o encanto um esforço para amar, para não sentir odio no coração nem tumulto na alma. Deus desce do seu Reino para ver seus filhos na terra quando chega o Natal.

CZS11. São Paulo, 28 de Dezembro de 1973

As notícias vindas do mundo arabe são pouco tranquilizadoras em relação ao petroleo. Um anuncio feito pela BBC de Londres, na noite de 23 do corrente mês, dava conta que é pensamento dos lideres arabes elevar os preços do petroleo a um nivel que ninguém na verdade está esperando. Não é feitio do nosso jornal entrar no mérito de problemas politicos, quer nacionais, quer internacionais. Somos um seminário e porisso só enfocamos assuntos que digam respeito à vida do nosso Estado, do nosso País e, tanto quanto possivel da região que representamos, ou seja a Zona Sul.

Contudo não podemos ficar indiferentes ao problema. A ameaça de escassez de petroleo paira sobre todo o mundo. Quando sabemos que um País como os Estados Unidos determinou racionamento de petroleo podemos ter uma precisa idéia de que a situação não é nada boa.

Tudo indica que a cada dia que passar, a situação pode-se agravar. Por motivos politicos, ou lá pelo que seja, os países arabes produtores de petroleo estão impondo seus preços e escolhendo compradores para sua mercadoria vital. Um grande numero de países já iniciou severa poupança de petroleo. A Holanda é dos países, o mais castigado, pois seus suprimentos foram totalmente cortados pelos países arabes.

Talvez um dia o mundo todo tenha que agradecer aos arabes as novas e incriveis descobertas tecnológicas que poderão surgir por causa da carencia do petroleo. Já se iniciam em vários pontos do mundo estudos dos mais profundos na procura de novos combustiveis para acionar automóveis, tratores, aviões e outros que consomem petroleo. Talvez até os arabes um dia, tenham que abandonar seus poços de petroleo como coisa imprestavel ou obsoleta. Ninguém sabe.

No momento, porém, a coisa é seria. E aqui no Brasil há alguma preocupação? Parece não haver nenhuma. Nem por parte das autoridades nem por parte da população. Gasta-se gasolina a rodo nesta cidade de S. Paulo. Quem tiver tempo para andar um pouco pela cidade verá que a noite toda, até altas horas da manhã, milhares de rapazes e moças também, ficam rodando com seus "carangos" pela cidade. Cada rapaz, filho de uma familia apenas remediada, tem seu carro e não deixa por menos: roda a noite toda, a qualquer pretexto. Milhares de donos de carros de passeio rodam pela cidade de São Paulo em horas de descanso, em horas que não são de trabalho. Por que ninguém pensa em economizar um pouco de gasolina? O desperdício é geral. Ninguém está pensando que amanhã pode faltar gasolina para todos.

CZS12. São Paulo, 22 de Fevereiro de 1974

Eis-nos de novo em pleno Carnaval.

Momo, de cetro e coroa, mais uma vez exerce plenipotenciariamente o seu reinado efemero, olvidando os limites entre as unidades da Federação. Até em Brasília, o Distrito Federal e sede do País, impera a sua voz de comando.

O Carnaval, festa de júbilo popular, é uma espécie de valvula de escape que se oferece ao povo para, nos três dias de sua vigencia, alegrar-se ao maximo e de maneira desinibida. É uma espécie, digamos assim, de desabafo contra as asperesas da vida. Ficam para trás os problemas. Caem no mais completo esquecimento as obrigações de trabalho: ninguém vai bater cartão no antipatico relógio de ponto nesses dias; ninguém sairá pela manhã, em suarenta disparada para apanhar o trem ou o onibus para conduzir-se ao local de serviço. Ricos, médios e pobres, todos deixam-se envolver pelo clima de alegria ilimitada, de inusitada euforia.

Há, porém, alguma coisa mais séria que convem ser meditada.

Alegria não é irresponsabilidade. Euforia não é o oposto de decencia e compostura.

Quantas tristezas e quantos traumatismos em famílias tem propiciado o Carnaval! As possibilidades para o crime e para os atentados à moral abrem-se com fauces de perigosissimo monstro. Lagrimas sentidas de profunda magoa têm sido derramadas por pais algo descuidosos e que não assestaram as armas da vigilancia em prol dos filhos e principalmente de filhas, cuja honra é atirada no lamaçal das podridões mais sórdidas.

Para que o Carnaval deste ano se transforme em mensageiro de inocentes, merecidas e dignas alegrias, é mister que todos nós nos saibamos conduzir sendo sóbrios e evitando abusos perniciosos. Merecem ser atendidas e observadas com toda a solicitude as determinações sábias das autoridades responsaveis pela disciplinação das alegrias.

Não pode haver, evidentemente, medida mais certa que essa da proibição do uso de máscaras. Se para os bens intencionados seria apenas uma coisa engraçada, para os criminosos converter-se-ia em fantástico esconderijo para a prática de crimes e desorientação das autoridades que ficariam impedidas de reconhecer os inimigos da lei.

O uso de lança-perfumes – excelente meio de se fabricar futuros viciados em entorpecentes – foi também proibido. O alcance dessa medida é facil de ser avaliado por qualquer pessoa de bom senso.

É vedado o uso de qualquer tipo de liquidos corrosivos que podem tanto estragar roupas como podem causar terriveis lesões físicas – como a cegueira, por exemplo – plausivel de ocorrer a algum infausto e inocente espectador dos folguedos.

Se para alguns pode parecer – infundadamente – escandalo quando se fala que algumas entidades religiosas estão promovendo bailes carnavalescos, entendemos isso contrariamente. Que excelente seria que todos os credos religiosos pudessem oferecer ao povo nessa ocasião alegrias decentes, escoimadas de perigos. A fé, grande guardiã dos postulados morais poderia converter as alegrias do Carnaval, não raro perigosíssimas lá fora, em dias de jubilo, de formosas reuniões nas quais, lado a lado com o extravasamento da alegria do povo, pudesse ser resguardado o inalienavel patrimonio da moral.

Seja feliz, leitor, no seu Carnaval! Faça dele para si e para os seus motivos somente de alegria e resguarde avaramente o seu valiosissimo patrimonio da fé e da moral.

CZS13. São Paulo, 15 de Março de 1974

Uma Figura Marcante

Encerrou-se nesta data o mandato de um dos Presidentes da República, cuja imagem jamais se apagará da lembrança dos brasileiros. Referimo-nos evidentemente ao General Emílio Garrastazu Médici.

Homem simples, afável e acessível, regeu os destinos da Pátria brasileira num clima de grande respeitabilidade. Governou com elegancia.

Não fez milagres. Não foi um demagogo. Mas, aquilo que esteve ao seu alcance, ele o fez com segurança.

Quando foi que em nossas plagas alguém levou em consideração o estado calamitoso do trabalhador rural, sempre postergado e sem direitos? Hoje, graças ao Presidente Médici que situou esses obreiros dentro do amparo da lei, pela vez primeira em nossa História eles usufruem direitos e inclusive desfrutam de aposentadoria.

Não foi só. E as domésticas?

Quem se lembrou dessa classe humilde, porém, útil e necessária? Hoje, graças também, a esse Presidente de espírito altamente humano, a sombra benfazeja da lei já abrange essas criaturas contra a canícula do desamparo. Os seus direitos foram, também, acolhidos pela lei que lhes era madrasta ou pura e simplesmente as ignorava. Médici foi criterioso e imparcial. Rasgou o chão brasileiro estendendo sobre ele qual infinito tapete a incrível realidade da Transamazônica; uniu a Guanabara a Niterói com soberba e espetacular ponte, transformando esta última em cidade-gêmea do Grande Rio, facilitando, entre as duas capitais, maior facilidade para a permuta de valores.

Não houve problema que ele não analisasse com carinho e cuidado. Dispensava aos problemas aparentemente pequenos a mesma dedicação que aos de grande envergadura. Acionou usinas, rasgou rodovias, construiu pontes, olhou para a Lavoura, para a Pecuária, para a Saúde e para a Educação. Tudo foi dinamizado. Durante o decorrer do seu mandato o Brasil respirou ares de paz e de concórdia.

O Estado do Rio Grande do Sul, expressiva parcela da Federação deve orgulhar-se de ter servido de berço a um filho desse gabarito que conquistou a simpatia, o carinho e o respeito do Brasil.

CZS14. São Paulo, 29 de Março de 1974

“Tatuzinho” é o nome de batismo de uma cachaça, muito famosa segundo a opinião de seus consumidores, e que ao ser ingerida – dizem eles – é como se fora “um veludo no gogó”... Vejam os imensos cartazes coloridos nas ruas!

Através do vídeo, homens, mulheres e crianças, de todas as idades, são estimulados a beber “Tatuzinho”, a mais saborosa cachaça que já se fabricou neste País, conforme o afirmam os amantes da “pinga”...

Faz poucos dias, dizíamos nesta folha, que maconha e outros venenos lentos infelicitavam seus consumidores, ou melhor, seus escravos, alertando principalmente aos jovens sobre os perigos morais e materiais que o vício oferece aos incautos.

Sem prejuízo daquela advertência, que não nos cansaremos de repetir, hoje voltamo-nos contra a propaganda ostentosa que se faz da cachaça através da televisão, uma vez que esta é veículo de forte penetração em todos os lares e está ao alcance da família, sem distinguir idades...

É lamentável que essa propaganda apareça no televisor, quando se sabe o efeito altamente convincente e estimulante que a promoção ou propaganda movel, falada, cantada, musicada e ilustrada, exerce sobre o espírito dos menos avisados – os jovens em maior número – muitos dos quais são levados a experimentar o “espírito forte” por força da curiosidade quanto à maciez de seu “veludo” na garganta...

Não somos contra “tatu”, “pitu” e outros bichos, e seria alongarmo-nos demasiado se nos déssemos ao trabalho de citar os diversos nomes dados à “branquinha”, tais como “Chora na Rampa”, “Três Fazendas” e outros, com que se preparam “caipirinhas” “capirissimas” e demais venenos lentos, à guisa de “aperitivo” geralmente para o almoço, sem o que o feijão não desce...

Ninguém ignora que o alcool é um dos mais violentos problemas sociais, razão de ser da desgraça de muitas famílias, responsável direto por acidentes e crimes dos mais brutais... Não obstante, através do vídeo todos somos convidados a usá-lo, sob os mais variados títulos, através da mais astuciosa e pré-fabricada propaganda.

Há quem seja favorável a uma providência no Lar, contra essa perigosa promoção, qual a de impedir que seja assistida pelos menores, porém isso cairia pela base, pois o televisor teria que ser desligado constantemente e, na prática, a medida seria demasiadamente cansativa.

Resta-nos esperar que possa surgir, talvez a curto prazo, providência oficial que impeça a propaganda televisionada da cachaça e outras bebidas alcoólicas.

A televisão, como se vê até agora, promove a aguardente, aconselha o seu uso, destruindo tudo que se tem feito e se faz, até agora, no combate à ingestão dessas bebidas através de entidades que lutam para livrar homens e mulheres desse vício que corrompe, degenera, adoce e mata, responsável por grande número de vítimas internadas nos hospitais.

CZS15. São Paulo, 19 de Abril de 1974

A 31 de Março p. passado o Brasil todo vibrou com o 10.o aniversário da Revolução de 1964. Inegáveis são as suas conquistas, a primeira das quais o clima de paz e harmonia em que vive o País, que caminha sem embaraços de interesses particulares e políticos para o seu grandioso destino.

Não foi tarefa fácil a do insigne e saudoso Presidente Castelo Branco, segurar o leme da grande embarcação que atravessava terrível borrasca. Mercê do seu denodo e devotamento, conseguiu o ilustre extinto efetuar as manobras com grande perícia e descortino de grande comandante. O seu sucessor, o também saudoso Presidente Costa e Silva não permitiu que a nau derivasse e manteve-a com pulso firme singrando as águas límpidas do progresso e da ordem.

O Presidente Médici, que o sucedeu, soube com grande felicidade manter o Brasil em paz; garantiu sempre a ordem e a segurança e, ao deixar o governo, fê-lo em paz com cem milhões de brasileiros e consigo mesmo.

Temos à nossa frente, agora, dirigindo os destinos da Pátria brasileira, o ínclito Gal. Ernesto Geisel. Foi o brilhante militar recebido com grande carinho. O Brasil inteiro mostrou-se esperançoso com o leme confiado às mãos do ex-presidente da Petrobrás que ele soube dignificar dando-lhe uma orientação sábia e um surto de progresso sem precedentes. O atual Presidente, homem de grande experiência escolheu com critério a equipe dos seus auxiliares. Basta que se lhes examinem os nomes e a conclusão será inevitavelmente de que uma piedade de homens ilustres e patriotas orienta a Nação.

Pois há os que não querem colaborar com o novo governo. Há os que contribuem sinistramente para o desencanto dos brasileiros. São eles os insaciáveis; os que buscam minguar ainda mais a mesa dos mesmos brasileiros, retirando-lhes aquelas coisas essenciais: os generos de primeira necessidade. Querem preço astronômicos, muito além do alcance da bolsa enfraquecida do povo. Ou paga-se-lhes o que querem, o que impõem ou não haverá as coisas imprescindíveis à manutenção. E é assim em todos os sentidos. Os aluguéis, por exemplo, estão em níveis clamorosos. A verdade é que não há mais limite para a ganância. Eis a pergunta comum dos menos favorecidos pela sorte: Onde morar? Como garantir a subsistência?

Temos acompanhado as exposições criteriosas do novo ministro da Fazenda. Sua Excecelencia, paciente e cuidadosamente vem demonstrando os rumos que pretende adotar. Ele está na fase experimental, na fase por assim dizer dos testes.

De uma coisa temos inabalável certeza. Não passarão muitos dias e o que pretendem conturbar a vida do País à custa de manobras pouco recomendáveis como as do sacrifício e a da escorcha do povo terão resposta adequada. Estamos certos ainda de que o Exmo. Sr. Presidente da República e os seus preclaros ministros, responsáveis pela boa ordem e pela felicidade de todo um povo, não permitirão se continuem perpetrando os abusos até então cometidos à vista de todos. Ninguém perde por esperar...

CZS16. São Paulo, 03 de Maio de 1974

1º de Maio – Dia do Trabalho

O primeiro de Maio, consagrado ao Trabalho, enseja ao mundo as comemorações mais justas. Pois é pelo trabalho que a pessoa física, as famílias, as comunas e as patrias têm ocasião de mostrar ao mundo o que a operosidade pode produzir.

Não pode haver benção maior que a do trabalho. Se o artista com o seu buril arranca da pedra as expressões mais inesperadas, retratos verdadeiros da vida tornados imperecíveis; se o pintor lança na tela em cores a reprodução fidelíssima de tudo o que há sobre a face da terra; se o homem de letras transmite ao papel as mais eficazes mensagens que ensinam, orientam e governam; se o médico faz verdadeiros milagres através da ciência, salvando vidas, por assim dizer ressuscitando mortos. Se o sábio nos descreve até o que se passa em mundo ignotos que investiga cuidadosamente, ninguém é, todavia, superior ao obreiro simples que, tomando da enxada rasga a terra e nela lança a semente do pão generoso que sustenta e mantém a vida. É do suor que lhe escorre pela frente exposta aos insultos da canícula e da força do seu braço que se alimentam todas as atividades da humana criatura.

Do arrojo do operario, da sua tenacidade, nascem as ciclópicas cidades com os seus imensos viveiros de cimento armado. À força da sua mão, rios se desviam do curso original, mares são contidos ou se interligam. Aviões possantísimos roncam nos ares rasgando os céus à velocidade de bala, como que disparados por gigantescos canhões. Templos de todos os credos erguem as suas torres nas direituras do céu mostrando que o Altíssimo está nas alturas. Navios imensos rasgam as águas ora tranquilas ora violentas dos oceanos. Usinas portentosas armazenam forças indescritíveis que movimentam maquinarias fantásticas. Tudo isso, todas essas conquistas são o fruto dos esforços do trabalhador simples, singelo, humilde e anônimo. Se não se rasgar o chão; se não se lhe deitar sementeiras para o pão abundante que sustem a vida, tudo perecerá.

Bendito o trabalho em todas as suas formas e em todos os sentidos. Coloquei paralelamente um homem afeito ao labor, que produz, e um indolente que apenas pensa em desfrutar o que foi feito por outrem. Com o primeiro, ver-se-á o progresso, e as maiores conquistas serão mera decorrência dos seus esforços. O desidioso, porém, mostrará apenas a fome, a miséria e conseqüentemente todas as chagas sociais que conturbam a vida e fabricam a insegurança.

E a Pátria brasileira, com o seu auri-verde pendão beijado pela brisa perfumosa das florestas e das flores, graças ao trabalho eficiente, eficaz, grandioso, apresenta-se hoje como uma Nação jovem e pujante que já tem uma palavra muito audível no concerto das demais nações da terra. Vivemos na era do Brasil Grande. Grande, porém, não pela força das armas, mas pelo trabalho efetivo, silencioso e construtivo. O nosso operário é varonil. Trabalha e ama sua terra.

Pátria abençoada a nossa, marcada no seu horizonte pelo Cruzeiro do Sul e assinalada pela maior exuberância de tudo o que é necessário ao homem. Que as manifestações, as comemorações, tenham sido no sentido de valorizar o trabalho como fator de progresso.

Sinta-se cumprimentado o nosso trabalhador de todas as classes. Receba ele as homenagens de uma terra grata que sabe manifestar-lhe o seu apreço como a um filho útil, valoroso e dedicado. Tudo o que já fomos, o que somos no momento e o que seremos no futuro que se antevê promissor e glorioso, é devido às mãos que trabalham, que produzem e tecem, com seu esforço contínuo, a grandeza da nossa nacionalidade.

CZS17. São Paulo, 17 de Maio de 1974

No domingo, 12 do corrente, o Brasil assistiu ao encontro futebolístico entre os nossos craques e os aguerridos adversários da república irmã, o Paraguai. Era um domingo ensolarado, bellissimo. Nossa rapaziada, o famoso “onze canarinho”, apesar de haver deixado passar oportunidades de uma verdadeira goleada, não desiludiu, a despeito de algumas falhas, à imensa torcida. E o faturamento foi 2x0, contagem favorável aos nossos. Foi o jogo de despedida, de tal sorte que agora sómente veremos nossos bravos atletas em entrevero com adversários do mais alto gabarito lá na Europa.

Que todas as venturas acompanhem os nossos representantes.

Todavia, uma grande responsabilidade pesa-lhe aos ombros: na pelota, que farão rolar nos gramados europeus, o que rola não é bem uma bola de couro com ar dentro. Não senhores. É a alma, o sentimento e a esperança de 100 milhões de brasileiros. Aqui, diante do vídeo uma grande parte e outros tantos milhões com rádios “grudados ao ouvido”, participarão de todos os lances. É que a honra, a dignidade, os brios nacionais estarão sendo postos à prova lá fora. Não há filho destas terras morenas, por mais apático e desligado que seja, que não sinta vibrar o seu coração à descritiva e às interjeições dos nossos repórteres esportivos. Estes também são jogadores. E que jogadores! Com a palavra de incentivo, com a descrição fervente que fazem, bem que ajudam a pelota a rolar irreversivelmente em direção às metas adversárias. E lá nos estádios do Velho Mundo, cada brasileiro sentir-se-á arrepiado, tomado da mais inexplicável emoção, quando os acordes do nosso Hino Nacional cortarem aqueles ares distantes.

E é mister que nós, daqui, longe de ferirmos a personalidade vigorosa e patriótica do nosso Zagalo (no momento, único e verdadeiro embaixador plenipotenciário em plagas européias), procuremos fazer-lhe referências dignas como a um homem que procura acertar e busca, sem descanso, a vitória para o nosso querido Brasil.

Honremos aos nossos atletas que mostram a fibra brasileira por lá.

O Brasil está à espera do “CANECO” que eles, estamos certos, trarão como de outras vezes.

CZS18. São Paulo, 24 de Maio de 1974

Aproximam-se as famosas e tradicionais festas juninas. Ora, num povo criado sob a égide do catolicismo romano que, a despeito da exuberância com a qual se dimensionam outras expressões cristãs, ainda mantem a superioridade numérica, são u'a gostosa manifestação de fé.

Dão ensejo a alegrias inocentes e integram o nosso florido folclore. Quem não aprecia o "casamento caipira", a dança das "quadrilhas", a mandioca e a batata doce assadas? Quem não folga ao ver os templos apinhados de gente devota e transbordante de fé ardente? E a banda de música, a "furiosa", lá do coreto enchendo o ambiente de vibração? Tudo isso é autentico, é válido, é poético.

Há, porém, alguma coisa que merece ser pensada e muito bem cuidada antes. É a questão das bombas, foguetes, rojões, buscapés e outras mil e uma modalidades pirotécnicas. Convem que os fogos – desde que não possam ser dispensados – sejam confiados às mãos de pessoas bastante responsáveis. A sua exibição deverá ser feita com as precauções necessárias a fim de serem conjurados os perigos, mormente para as crianças que, inocentes, são faceis vitimas do fogo.

Um outro aspecto merece ser focalizado, porque é sinistro. É o dos balões. Criminosas são as mãos que fabricam esses engenhos tão nocivos e perigosos! Vivemos numa cidade cuja maior pujança são as industrias. Uma floresta de chaminés é a Grande São Paulo. E inumeras trabalham com materiais combustiveis e explosivos. Quem se recordar das recentes desgraças que abalaram a Paulicéia, ANDRAUSS e JOELMA, dois imensos edificios e formigueiros humanos transformados em palcos de espetáculos dantescos – e não eram fábricas! – terá na retina o que pode ocasionar o fogo. É coisa muito séria. Aos pais, mestres, aos ministros de todos os credos, aos meios de comunicação como jornais, rádio, televisão e outros, cabe grave responsabilidade: a de prevenir, alertar, coibir. Não é só ao Poder Publico e à Polícia que cumpre essa tarefa. Cabe igualmente a todos nós.

O alcool também deverá ser abolido para não contribuir com funestas perturbações. Com a sua moderada ingestão, alegrias justas podem ser transformadas em tristezas injustas. A expressão estuante de vida pode ser substituída pelo luto amargo.

Festejemos os nossos oragos tributando-lhes as honras e a veneração que merecem, mas com equilíbrio de gente que pensa, que é responsável e, por isso, não permite que alegrias tão legítimas possam ser distorcidas por desastres e angustias.

CZS19. São Paulo, 07 de Junho de 1974

Vitoria sem luta é pintura sem cores, é flor sem perfume. Por isso, estamos sumamente felizes. O “Correio da Zona Sul” que completa hoje o seu primeiro aniversario, teve pela frente sérios percalços. E estes só foram vencidos à custa de garra, de coragem, de muita energia, de tenacidade ilimitada.

Já somos um jornal, graças a Deus, em termos de maturidade. A aceitação pelo publico foi ampla e superou a todas as nossas expectativas. Podemos apresentar aos nossos leitores uma edição maciça, ampla em quantidade e generosa em noticiario util aos que fazem das nossas páginas as embaixatrizes dos seus interesses.

Não seria justo de nossa parte se não fizéssemos referencia ao nosso dinámico Diretor-Presidente, o Comendador Euclides Luiz da Silva que desde os primeiros instantes portou-se como o homem corajoso que sabe o que quer e leva a cabo os seus empreendimentos. De peito aberto, sem receios, sem temores, sem atitudes titubeantes.

Damos aqui a nossa palavra de agradecimento aos colaboradores em geral, do mais graduado ao mais humilde, pois a cada um cabe uma tarefa, a qual tem sido cumprida com a maior probidade. Seja a nossa palavra maior de agradecimento ao publico acolhedor e especialmente aos anunciantes que nos têm encorajado a aumentarmos sempre as nossas tiragens e inspirado uma feitura a cada dia mais consentanea com os interesses gerais do nosso jornal.

E agradecemos ao Senhor que nos tem dado forças para levarmos adiante a tarefa de que nos incumbimos e que pretendemos dignificar com todas as veras do nosso coração. Apagamos hoje a primeira vela de aniversario e esperamos que isso se repita por longos anos, pois dispostos estamos a servir ao publico a cujo serviço estão as nossas páginas. Muito agradecidos, especialmente aos que se lembraram de nós mandando-nos as suas congratulações.

CZS20. São Paulo, 14 de Junho de 1974

Descansa o Grande Soldado

No decorrer desta semana, o Brasil chorou a morte de um ancião venerando, bom, humilde, verdadeira adoração da criançada que morava na mesma rua e imediações, no Rio de Janeiro.

Referimo-nos à figura extraordinária do ex-Ministro da Guerra e ex-Presidente da República, o insigne Marechal Eurico Gaspar Dutra. Apesar da sua vastíssima folha dos mais assinalados serviços prestados à Pátria que ele amava com a inteireza do seu coração; não obstante haver sido o condutor maior de todas as nossas briosas Forças Armadas de terra, mar e ar; apesar de haver sido um dos exponenciais e inesquecíveis vultos como Presidente da República, após exercer o seu mandato – quando conduziu o País por águas tranquilas – recolheu-se como cidadão comum.

É claro que o descortino do grande militar e político dos mais brilhantes levava à sua residência, maxime em horas de perplexidade, inúmeros políticos. Todos admiravam a imensa sabedoria com a qual o Mal. Dutra sabia encontrar equação para os mais intrincados problemas.

O Brasil, como dissemos nas primeiras linhas, chorou essa perda irreparável. O Exército Nacional compungiu-se e os estrondos dos vinte e um tiros de canhão, por assim dizer foram o éco solene da dor que assoberbava aos militares das três Armas. Morrerá o grande Marechal cujo nome honrado passara a integrar a galeria de glórias da nossa Pátria muito jovem, mas que tem já apresentado homens paradigmas de dignidade e cultura. O Marechal Dutra foi um desses. Grande em todos os sentidos.

E a criançada miuda, os moços e as moças que viam sempre o amável velhinho, patrimônio e orgulho de uma Pátria inteira, mas envolvido na glória da sua simplicidade. Sempre com um sorriso doce e amigo para todos, certamente que ficaram profundamente consternados. E agora, que ele dormiu o sono tranquilo dos justos, podem e devem guardar sua memória como exemplo. E não de comentar sempre: conhecemos um grande soldado. Conhecemos um ex-Presidente da República. Conhecemos, finalmente, um ancião santo e querido que deixou a mais profunda saudade nos nossos corações.

CZS21. São Paulo, 05 de Julho de 1974

Faleceu o General Juan Domingo Perón, aos 78 anos de idade. Governou a República Argentina durante 9 anos sob regime ditatorial, após o que, em 1955, foi deposto por um golpe de Estado. Ficou no exílio por longos dezoito anos.

Não pretendemos tecer comentários sobre a validade ou não do sistema por ele adotado. Todavia, é imperioso reconhecer-se que mesmo tendo permanecido no exílio durante quase duas décadas, a Argentina não se esqueceu do seu líder. E após esse longo lapso de tempo, Perón retornou à sua terra e foi novamente investido como Presidente da República. Era olhado como um símbolo. Era considerado como uma esperança. Conseguiu ser simultaneamente amado e odiado. Nos últimos dias, - 12 de mês p passado – aconteceu a sua última apresentação em público. Ele veio para dizer que se não recebesse um apoio maciço, definitivo e consagrado do povo, renunciaria imediatamente ao poder.

Foi a última prova dos nove. Conseguiu provar a si mesmo e aos argentinos que ainda exercia uma espécie de fascínio. Grandes massas se movimentaram para, em praça pública, declararem ao seu líder e símbolo que confiança nele depositada era a mesma de sempre. Mas Perón fez esse dramático apelo para chamar os seus patrícios à realidade. Ele suspirava pela união de todos os argentinos.

Uma outra prova de que ele era realmente estimado e respeitado pelos seus compatriotas, é que no momento em que a sua viuva, assumindo o cargo de Presidente da República, veio comunicar ao povo o deseniace do caudilho. No vídeo as cenas mais dramáticas, inclusive de homens que não conseguiam sustar o pranto. Muitos choravam convulsivamente e nem procuravam dissimular. Ficou, dessarte, provado o quanto Perón conseguiu ser admirado e quanta dor causou ao povo o seu desaparecimento. Foi o verdadeiro líder argentino, o maior deste século.

Agora que Perón não existe mais, resta-nos fazer votos de que o país irmão consiga a paz pela qual sempre suspirou. Foram incontáveis as agitações, os desgostos e os desencontros. Perguntamos: conseguirá a viuva manter unido o bravo povo da Argentina?

CZS22. São Paulo, 12 de Julho de 1974

Ei-nos chegados novamente à realidade das coisas.

No domingo p. passado, em memorável jantar, ficaram definitivamente encerradas as lutas da Copa-74.

Dizer-se que o Brasil fez “papelão”, é injusto. Quando alguém parte para uma guerra, onde defenderá os valores e as tradições de sua Pátria, ainda que com o coração sangrando, segue para vencer. Ninguém admite a derrota.

Numa aguerrida disputa futebolística que empolgou o mundo todo, como a Copa-74, é mais do que lógico aceitar-se a presença dos nossos atletas em gramados estranhos, para vencer. Jamais iríamos aparecer por lá, peito marcado por emblemas nossos, para sermos pura e simplesmente derrotados.

Isto posto, entendemos que o Brasil fez de tudo o quanto pode fazer. Lutou ardorosamente. Pôs à prova todo o seu brio patriótico e lançou mão de todos os recursos do nosso futebol mundialmente conhecido. Positivamente, porém, não era a nossa vez.

Assim, a Alemanha Ocidental conseguiu a vitória sobre o seu forte adversário: a Holanda. Vamos respeitar os vitoriosos. Quem não sabe perder não tem condições de ganhar...

Preparemo-nos para a Copa-78, quando em campos da Argentina, aqui mesmo na América do Sul, mostraremos novamente os nossos valores e, - quem sabe? poderemos trazer de lá o suspirado “caneco”. A verdade é que a presença dos nossos atletas que nos representaram lá fora, nessa última maratona, deveremos mostrar-lhes o nosso respeito e o nosso carinho, pois eles também, queriam ser vitoriosos e tudo fizeram para conseguir uma vitória que não quis sorrir para as nossas cores desta vez. Vamos em frente. A vitória é dos fortes, é dos que lutam com tanto ardor e desprendimento que sabem, em última instância, transformar em vitória até mesmo uma derrota.

CZS23. São Paulo, 26 de Julho de 1974

A ilha de Chipre

Somos um semanario e, além disso, uma folha regional.

Quase sempre ocupamo-nos somente de coisas e fatos e interesses atinentes à Zona Sul da Capital. Somos, igualmente, um jornal apolítico e abtemo-nos sempre de quaisquer referencias a assuntos que cheirem a politica.

Não entramos no mérito de quem tem ou quem não tem razão, nos lamentáveis acontecimentos que ocorreram e ainda estão ocorrendo na aprazível ilha de Chipre. O mais lamentável é um acontecimento que tal, envolvendo interesses de superpotencias, e que pode servir de rastilho a uma conflagração muito grave. Pode trazer riscos de um conflito de consequencias imprevisíveis.

Os homens que conhecem os horrores da guerra; as figuras responsáveis por situações assim calamitosas; que hão de ter ainda na retina as tristezas imensas que pesaram e pesam até hoje sobre o Vietnã, sobre Israel e os seus opositores; que conhecem o estado de inclinação para a beligerancia que caracteriza os nossos dias. Ah! eles que sabem o que é a dor da fome, do desamparo, da orfandade, certamente que deveriam pensar mais um pouquinho. Deveriam revestir-se da calma necessaria para serem evitadas posições tão desastrosas.

Mesmo aqui na América do Sul, qualquer pessoa que leia os jornais diários, sabe a situação anômala que atravessa a Argentina, maxime agora com o desaparecimento de Peron.

Vivemos dias tristes, cheios de ameaças que bem poderiam ser conjuradas a tempo. Somente pedimos ao Supremo Senhor que ilumine os corações dos que governam. Daqueles que têm a responsabilidade imensa de conduzir os povos, para que estes possam encontrar a solução dos seus problemas, muitas vezes angustiantes, através dos caminhos do amor e da boa vontade.

Ensanguentar o mundo agora, após três décadas que nos separam da Segunda Grande Guerra, que devastou, avassalou, matou milhões de criaturas humanas e dentre estas velhos, mulheres e crianças certamente que será um atentado contra a propria Humanidade.

Todos anseiam pela paz. Até os credos religiosos, antes antagonicos, mercê de Deus conseguiram uma outra situação, criando louváveis aberturas para diálogos proveitosíssimos. Agora que vemos – pelo menos em nossa terra – brancos e negros trabalhando juntos e irmanados, esquecidos por completo da pigmentação, que bom seria que todos contribuíssem de coração para a paz. Para que os canhões silenciem o seu sinistro troar. Quão maravilhoso seria que o homem se desvencilhasse do ódio e se lembrasse – antes de mais nada – que é filho de Deus como os seus semelhantes também o são e se amassem mais intensamente.

O que existe, na realidade, é o grito do interesse imediato sem aquelas salutares considerações sobre as dolorosas consequencias que certamente advirão aos que pensarem menos profundamente.

Haja a razão que houver, a verdade é que nossos corações devem unir-se, sem distinção de raça ou de credo, para que juntos, peçamos em unísono ao Senhor que livre o mundo das garras terríveis da guerra, o pior e o mais feio dos monstros.

Esperamos que Chipre e todos os demais lugares onde está havendo choques de interesses, encontrem um denominador comum, capaz de assegurar um clima de paz, de concordia e de tranqüilidade. A própria vida de cada um de nós já é portadora de tantos males, que se dirá então de uma questão que pode agravar-se e trazer intranquilidade ao mundo inteiro. Deus nos livre de uma outra guerra. Ele ilumine a governantes e governados para que possam, assim, encontrar os caminhos do bem, da verdade e do amor.

Gazeta de Pinheiros (GP)

GP01. São Paulo, 27 de abril de 1979.

Parque da Criança, uma boa idéia que merece mais atenção.

Começa a ganhar mais consistência o Movimento Pró-Construção do Parque da Criança, iniciado no começo desse mês, sob a coordenação do Diretório Distrital do MDB, com a adesão de líderes de bairros, SABs e grande parcela de moradores da região sudoeste de São Paulo, depois que em uma segunda reunião ficou decidido que levariam a proposta até o prefeito Olavo Setúbal.

O movimento, parte das reivindicações para o Ano Internacional da Criança e da campanha da Fraternidade, da Igreja, pretende que a Prefeitura aproveite uma grande área junto à Marginal Pinheiros, transformando-a em um parque, com equipamentos recreativos, aberto à toda população.

É certo que o Executivo encontre alguns fortes obstáculos para a desapropriação do terreno, com 1.200.000 metros quadrados, pois a área pertence a muitas pessoas, que estão disputando judicialmente entre si a demarcação de seus lotes, em uma ação que corre há mais de um ano.

Isso, porém, não está sendo encarado como um empecilho (embora os advogados dos herdeiros estejam protestando com muita veemência) pelos participantes do movimento que desejam, antes de tudo, a preservação integral da maior área ainda existente em toda a região sudoeste para o lazer da população.

Como reforço é sempre bom lembrar a propaganda “política do verde”, enfatizada com muita seriedade pelo prefeito, que conseguiu, efetivamente, humanizar mais a cidade, implantando algumas áreas verdes em locais onde já estavam quase sendo extintas. Por isso, é de se esperar que, numa atitude coerente com sua administração, o Executivo se sensibilize com o movimento e possibilite a criação do Parque da Criança.

GP02. São Paulo, 04 de maio de 1979.

Reserva de área: quando o sacrifício do povo precisa ser respeitado.

Continua repercutindo muito intensamente na região do Butantã a reserva de uma grande área, que se inicia próximo à Avenida dos Três Poderes, na Previdência, e se estende até a Rua Levon Apovian, no Caxingui, onde serão construídas obras viárias diversas e a canalização do córrego Pirajuçara.

A notícia da reserva, que significa um congelamento para novas construções, paralisando inteiramente uma ampla área, foi muito mal recebida pelos moradores, que vêem na medida uma injustiça, já que a Prefeitura não definiu até o momento as desapropriações que serão feitas, criando como consequência uma desagradável sensação de expectativa.

Muito embora os moradores reconheçam que as obras que serão executadas sejam necessárias, particularmente a canalização do Pirajuçara, como é muito natural, reclamam do alto preço que uma parcela da comunidade terá que pagar para o benefício de todos, pois, diante da indefinição que enfrentam em relação aos seus imóveis, sentem-se inseguros e temerosos.

Alguns grupos de moradores estão tentando resistir, forçando através de uma mobilização coletiva a retirada de seus imóveis da faixa reservada, como os moradores de um conjunto residencial situado junto à Avenida Francisco Morato. E para isso estão-se apoiando na possibilidade da mudança do traçado, o que não parece muito provável de acontecer.

Muito mais coerente seria que ao tomar atitudes semelhantes a essa, que só provocam ansiedades e desvalorização dos imóveis, muitas vezes construídos a duras penas, a Prefeitura estabelecesse alguns critérios mais objetivos, talvez em uma ação mais decisiva, e se fizesse também, na medida do possível, ouvir pelos moradores que serão diretamente afetados.

GP03. São Paulo, 02 de maio de 1980.

Prefeito desmente os boatos. Prevaleceu o bom senso.

No último sábado, durante a instalação do Governo de Paulo Maluf no Butantã, finalmente os boatos e rumores sobre os remanejamentos nas administrações regionais foram esclarecidos.

Em entrevista à “Gazeta de Pinheiros”, o prefeito Reynaldo de Barros afirmou, categoricamente, que não chegou, sequer, a pensar em substituir o administrador regional Hélio Fidélis, de Pinheiro, e Ivo Carolini, do Butantã.

Um pouco mais tarde, o chefe da Casa Civil do Governo, Calim Eid, também confirmava estas informações. Segundo ele, o prefeito havia garantido que não haveria substituições e que nada de concreto existia nos rumores que vinham circulando e nas notícias que a imprensa vinha publicando.

Pelo menos, agora, já existe uma palavra oficial e uma garantia do chefe do Executivo municipal de que não se cogitam mudanças nas Administrações Regionais.

Menos mal. A situação de rumores de boatos que tomou conta dos corredores palacianos e das redações de jornais desde a queda do administrador de Itaquera-Guaianases estava-se tornando insuportável. Principalmente para os envolvidos diretamente no problema que, a cada dia, liam na imprensa as notícias mais desconstruídas possíveis, feitas de confirmações e desmentidos.

Entendemos, portando, que prevaleceu o bom senso entre nossos governantes. Alguns meses de administração, em qualquer área ou setor, nunca são suficientes para que se possa fazer uma avaliação do trabalho de qualquer pessoa.

GP04. São Paulo, 16 de maio de 1980.

Os desacertos que o povo paga. Sem saber o por quê.

Numa cidade como São Paulo, onde as opções de lazer são cada vez mais restritas, qualquer iniciativa que vá proporcionar alegria e descontração a sufocada população deve ser sempre bem vista pelas autoridades.

Há cerca de dois meses, surgiu a I Feira da Vila Madalena. Depois de constatar a grande afluência de público (cerca de 40 mil pessoas), seus organizadores decidiram ampliá-la. Surgiu então a segunda, quando no mínimo 200 mil pessoas estiveram lá. Foi então programada a terceira, ainda maior, pois a “Feira da Vila”, como ficou conhecida, já estava fazendo parte da vida paulistana e era esperada com grande expectativa.

Inesperadamente, surge na última terça-feira uma ordem da Secretaria de Administrações Regionais proibindo sua realização neste domingo. Dizemos inesperadamente e inexplicavelmente. Primeiro porque as alegações da SAR para proibir a festa são totalmente inconsistentes, eles alegam que ela estava irregular, não cumprindo alguns itens da legislação. É provável até que sim. Mas fazemos uma pergunta: se a lei for aplicada em toda sua rigidez, será que a feira da Praça da República, a da Liberdade e outras continuariam funcionando? Acreditamos que não.

Em segundo lugar, estranhamos que só agora, depois de terem sido realizadas duas feiras, é que a SAR tenha descoberto que existem irregularidades. É mais estranho ainda é que esta proibição tenha surgido apenas nas vésperas da data marcada.

Tentando explicar: as cerca de 200 mil pessoas que compareceram na última terça-feira e que provavelmente estariam nesta nada têm a ver com disputas políticas, lutas pelo poder ou divisões internas da administração pública. Elas querem, apenas, poder se divertir e ter um pouco de alegria no final de uma semana estafante de trabalho.

Gazeta da Lapa (GL)

GL01. São Paulo, 24 de maio de 1980.

Um rude golpe contra a liberdade da Imprensa se prepara [?]eleremente no Planalto, sob o pretexto de coibir exageros como o da denúncia de depósitos em bancos suíços feitos por autoridades brasileiras, feita pelo semanário carioca “Hora do Povo”. Quer o Governo dificultar a criação de empresas jornalísticas mediante novos dispositivos, visam com isso, conter abusos. Ora, um abuso não contém outro. Não é cerceando o empreendimento empresarial jornalístico que o Governo deixará de escutar umas e outras, merecidas ou não. Pior que isso é o não querer escutar críticas o pouco fôlego para arcar com as consequências de uma abertura efetiva, que desse jeito sempre se restringirá a dádivas homeopaticamente dosadas ao bel prazer do Governo.

O pior é que essa grande ameaça ao livre empreendimento empresarial jornalístico - diz o ministro Said Farhat que a Lei da Imprensa deverá ser reformada, surgindo em seu lugar uma “lei de responsabilidade” não vem sozinha. Surge ao mesmo tempo em que a maioria de partido governista força a arquivagem do projeto de deputado Carlos Alberto (ex-PTB, RN), que viabiliza a realização de eleições municipais este ano, ao permitir que candidatos sejam indicados pelas comissões provisórias municipais. Coincide também com a teimosia em restringir a utilização de álcool carburante mediante normas consideradas defasadas em relação à realidade pelo próprio secretário da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Osvaldo Palma. Ao não aceitar que se abasteça de álcool carros com motores convertidos fora das reláticas autorizadas - o Governo Federal fechou 17 postos de serviço em São Paulo por esse motivo -, o poder constituído, na verdade, cerceia as forças da livre economia de mercado, ao mesmo tempo que, inacreditavelmente, ainda não criou um órgão específico para controlar a aplicação do Proálcool. Há ainda, a completar a torrente discricionária desta semana, o projeto de se esfacelar os sindicatos de metalúrgicas do ABC, criando em substituição uma imensidão de mini-sindicatos em substituição organizados por sub-categorias profissionais, com o evidente intuito de fazer tudo para desmobilizar o operariado e, com isso, dificultar cada vez mais o surgimento de reivindicações, natural o mesmo essencial numa democracia de verdade.

O poder admite abrir mão de parcelas de seu poderio, mas sem fazer qualquer concessão que signifique uma repartição real do poder. O que significa que não se admite, na verdade, qualquer compartilhamento efetivo do poder. Sobram só as dádivas.

GL02. São Paulo, 07 de junho de 1980.

Mais um atraso no plano de desburocratização do Governo acompanha o mais recente desrespeito aos beneficiários do Inamps que é a ordem de serviço nº 43.8, de sete de abril último. Por essa ordem, os atendimentos de urgência foram restritos a 15% do total de consultas mensais. Além disso, cada médico deve examinar no máximo quatro pacientes por hora. A ordem de serviço contém ainda instruções que complicam a identificação dos doentes e tornam mais complexa a ficha de recepção – até Código de Endereçamento Postal foi solicitado a uma doente, em hospital da Lapa.

A aberração sem limites da resolução, em que pese seu intuito de racionalizar os serviços, é proteder pré-fixar uma margem de atendimentos de urgência. Ora, todos os hospitais mantêm registros que apontam um resultado médio mensal de urgências entre o total de atendimentos mas ninguém poderia pré-fixar, sem violentar os padrões da ótica médica e os princípios do mais elementar humanismo, uma quantidade fixa de emergências a atender. Isso implica, obrigatoriamente, em não se aceitar eventuais casos de emergência que extrapolem os 15% do montante de atendimentos – pelo menos, se for seguda à risca essa desastrada ordem de serviço. O importante a assinalar é que ela abre brecha para desmandos – e paciente “excedente” ao limite agora pode, “pela lei”, ser recusado no pronto-socorro ou posto de atendimento -, tão frequentes na já precária estrutura de atendimento do Inamps, apesar deste ser um dos mais ricos institutos públicos de assistência médica do mundo.

A ordem de serviço nº 43.8, ou melhor, seus responsáveis, não levam em conta um fato que estão cansados de saber: não é possível fixar antecipadamente quantos casos de urgência vão acontecer durante um plantão, quanto mais durante um mês. Porque esses totais dependem de uma infinidade de fatores tais como a melhoria ou piora do padrão de vida da população ou a sucessão de eventualidades – acidentes envolvendo grandes massas de pessoas, por exemplo.

A fixação de um teto máximo de pacientes atendidos por hora tem um sentido geral positivo mas não levam em conta que os médicos utilizam tempo menor que este devido à enorme massa de doentes e não por arbítrio – pelo menos como regra. Ao invés de reformular as próprias condições de atendimento, o Inamps instituiu um conjunto de normas que, sem alterações mais substanciais como contratação maciça de médicos e melhoria de instalações, em nada concorrerá para avanços efetivos na qualidade de serviço prestado ao beneficiário.

GL03. São Paulo, 21 de junho de 1980.

No repulsivo caso da venda de 149 milhões de ações da Cia. Vale do Rio Doce na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro por ordem do Governo, já está praticamente tudo resolvido: para variar, não vai acontecer nada. Todos terão explicações muito bem elaboradas para apresentar ao público e o máximo que pode acontecer é a punição de algum “bode expiatório” da Bolsa de Valores ou da corretora. Essa é a hipótese mais provável de desfecho do caso, a julgar pelo resultado do inquérito aberto na ocasião, recentemente divulgado, onde não constam depoimentos do ministro da Fazenda, Ernãne Galvêas, nem do presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. O ministro mandou e o presidente do Banco Central transmitiu a ordem de venda das ações da Vale, (companhia estatal), por meio da qual o governo “fez caixa”, isto é levantou rapidamente grande soma de dinheiro, não se importando de, para isso, ter que aviltar os preços dos papéis, e, conseqüentemente, desmoralizar o mercado de ações e a responsabilidade do Governo para com ele.

O certo teria sido a corretora Ney Carvalho, executora da venda, ter comunicado à Comissão de Valores Mobiliários, órgãos que fiscaliza as atividades em bolsa no País, o volume a ser negociado. A Bolsa do Rio de Janeiro, na seqüência, deveria ter interrompido a negociação imediatamente, pois já estava clara a tentativa de derrubar a cotação do papel para forçar sua venda maciça. Todos elegam, porém, que desconheciam o volume a ser vendido pelo Governo e juram que cumpriam ordens – e, o que é mais grave, ordens do próprio ministro. O que choca sobremaneira é a ascendência plenipotenciária do Poder Central que levou, no caso, tanto a corretora quanto a CVM, a se submeterem, por conivência consciente ou obediência cega — tanto faz, o que importa é que o talante estava erguido através da instrução para se “cumprir ordens”.

Quais as conseqüências disso? Não é difícil perceber. Pois se o próprio Governo pode interferir no mercado de ações forçando baixa de cotações, ou seja, manipular, sem que nada lhe aconteça, toda a credibilidade do mercado de ações passa a ser questionada, ainda mais se cabe a este mesmíssimo Governo fiscalizar a moralidade da coisa. É claro que o germe da desconfiança irá inocular-se naquela poupador que pretender investir na bolsa, porque estará abalada não só a confiança nos intermediários financeiros que se submetem sem limites ao poder (caso da corretora Ney Carvalho), como no próprio Governo a quem cabe, em última instância, a responsabilidade amior na questão. No caso da Vale, os brasileiros assistiram a mais um “show” de uso ilimitado do poder e de impunidade quase absoluta desse mesmo poder. O que é de assustar, quando se sabe que toda a população, menor ou maior grau, é afetada por esse mesmo Poder cotidianamente, nos mais variados aspectos e de múltiplas maneiras.

Gazeta da Vila Prudente (GVP)

GVP01. São Paulo, 22 de outubro de 1982.

A dança da chuva falhou

Continuamos insistindo: qualquer semelhança de figuras constantes deste texto com personagens vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Naquela região administrativa de uma grande capital de um país tropical, aquela tribo, cujo chefe é o Cacique Mané Oca continua seus rituais, entre os mais exóticos, aquele conhecido como “dedodurismo”.

Pois bem: há pouco tempo, a tribo do Cacique Mané Oca programou uma grande e sensacional dança da chuva, cujo objetivo era canalizar uma grande chuva de votos para o cacique, seu pajé e alguns outros grandes chefes daquela tribo. Nos preparativos daquela dança, a tribo do Cacique Mané Oca seguiu o ritual de visitar todas as aldeias vizinhas, pediu a benção de diversos caciques de maior ou menor importância e entrou em diversas comitivas de boa vizinhança, tudo como parte do ritual local.

É parte dos usos e costumes, que na época desta grande dança, os caciques combinem entre si o apoio que será dado a uns e outros: fazem as famosas “dobradinhas”, o que quer dizer, combinam com quem vão entrar na dança e preparam todo o material para a grande festa, isto é, criam papéis em todos os lugares e picham tudo em volta, quando deveriam pintar apenas sua própria cara. Mas, são os usos e costumes deles.

Aí o Cacique Mané Oca, em visita aos locais vizinhos, pôs-se a fazer promessas que não pode cumprir e a ordenar que sua tribo praticasse com maior vigor a arte marcial que eles desenvolveram: o “dedodurismo”. Acusaram alguns funcionários locais em documento oficial, de algumas práticas, cujas provas não levantaram, pedindo uma sindicância. Colocou seus elementos em postos-chaves para ter informações “dedoduradas” em primeira mão e até providenciou para que algumas pessoas fossem ameaçadas em altos brados, em local público.

Foi quando começamos a série destas crônicas, mostrando os usos e costumes da tribo do Cacique Mané Oca. Através de alguns recursos estilísticos, pretendíamos levar até o nível da consciência dos moradores de nossa região, como é importante escolher bem seus representantes políticos, para que eles não passem a se dedicar-se aos seus interesses pessoais ou de seus grupos, depois de eleitos, abandonando seus eleitores e esquecendo a região que os elegeu.

Porém, continuemos nossa visita à tribo.

O Cacique Mané Oca e seus apaniguados, quer dizer, membros de sua tribo, continuavam a dedicar-se aos preparativos da grande festa enquanto algumas mentes mais abertas percebiam que a dança da chuva que eles preparavam não era útil à região.

Procuramos saber de alguns personagens citados anteriormente sobre as atividades atuais e todos eles foram unânimes em afirmar que não têm nada a ver com o Cacique Mané Oca. Alguns chegaram a afirmar que mal conhecem o indigitado chefe.

Nossa série está chegando ao fim. O Cacique Mané Oca está ficando sozinho. Mesmo que sua dança da chuva lhe traga as benesses que pretende, seus vizinhos já sabem como ele age. Pretende administrar uma região de cidade grande como currel eleitoral, com suas técnicas de coronel de sertão. Pensa que seus antigos eleitores são índios, tais como aqueles que com ele convivem em sua tribo, da qual só temos visto intrigas e traição.

Mas, nossa historinha vai continuar.

Em benefício de nossos leitores, pretendemos continuar exercitando a observação antropológica da tribo do Cacique Mané Oca, para que toda nossa região possa ficar informada dos usos e costumes daquela turma.

Afinal, a dança da chuva ainda não terminou. E a tribo do Cacique Mané Oca, mesmo com suas deserções, pode obter um verdadeiro temporal.

GVP02. São Paulo, 05 de novembro de 1982.

No voto, a responsabilidade de cada um

Este é o último editorial da GVP, antes das eleições de 15 de novembro. Ao Jornal não cabe indicar nomes, partidos ou ideologias. Cabe informar, esclarecer e orientar o leitor e eleitor. Quando pensamos em escrevê-lo, veio, como primeiro pensamento, que o voto é a capacidade individual do eleitor assumir seu papel e suas responsabilidades na comunidade e perante a sociedade onde vive.

À GVP não importa quais candidatos, partidos ou ideologias o eleitor irá escrever na cédula quando estiver na indevassável cabine do Tribunal Regional Eleitoral, a 15 de novembro. Importa, sim, que o voto seja consciente, meditado, desenvolvido num processo de responsabilidade individual de mudar ou manter a atual ordem das coisas e fatos. Importa ao Jornal que o eleitor vote, compareça à seção de votação e não anule seu voto, pois há 20 anos não se vota e não se pode admitir que no atual momento brasileiro alguém possa pensar em anular seu voto.

Todavia também cabe ao Jornal respeitar os direitos de cada um e se alguém entender que deva anular seu voto que o faça, conscientemente. Porém, não é a melhor forma de conquistar a abertura democrática que se avizinha. E quando falamos em conquistar é porque não aceitamos que alguém, nem mesmo o presidente Figueiredo, a esteja nos dando ou presenteando ou ainda, fazendo uma concessão.

Os tempos mudaram e o atual regime não tinha outra saída a não ser provocar a realização de eleições diretas para governador do Estado, os postos de segunda importância no país. E daí para as eleições presidenciais será um passo a mais.

Escolher o governador do Estado significa inverter a posição de mando dentro da legalidade eleitoral, ou seja, até 1978 o governo federal escolhia e impunha nomes segundo sua vontade e de um pequeno grupo que centralizava as decisões do país. A partir de 15 de novembro, conhecidos os resultados das eleições, seja qual for o partido vencedor, mudanças circunstanciais ocorrerão no país.

Pouco mais de uma semana está separando o eleitor do exercício do voto secreto e meditar um pouco sobre em quem votar e porque fazê-lo permitirá encontrar não as melhores, porém, soluções coletivas para os problemas que nos afligem no dia-a-dia.

A começar do vereador, a escolha deve ser a mais próxima da realidade das soluções que o subdistrito está a esperar há muitos anos e, embora algumas estejam acontecendo, o ritmo poderia ser acelerado se os nossos representantes na Câmara Municipal fossem em maior número. Aqui, manter ou mudar é muito importante.

Já, no caso dos deputados estaduais, é muito importante que o bairro esteja bem representado. Temos, apenas, 40% de redes de esgotos instaladas em cerca de seiscentos quilômetros de ruas; faltam escolas, hospital estadual, postos de saúde, delegacias de polícia, enfim, quem nos representou até o momento ainda não atentou para nossas necessidades junto ao governo estadual. Aqui, mudar é preciso.

Precisamos de um representante na Câmara Federal para tentar junto aos órgãos competentes, que as autenticações de documentos possam ser feitas no próprio bairro, sem que o eleitor perca seu precioso tempo para ir à cidade ou ao vizinho município de São Caetano do Sul em busca das referidas autenticações.

E tem mais. Há necessidade de, pelo menos, mais um Cartório do Registro Civil. Não é possível um bairro com mais de 520 mil habitantes depender de um único cartório, cujo horário de atendimento impõe a espera de duas horas (almoço) para quem precisa utilizar-se de seus serviços, quando poderia haver funcionários de plantão ou até não fechar para almoço como acontece na empresa privada.

Cabe, também, ao deputado federal nos representar junto ao Governo Federal quando queremos alterações na política tributária e fiscal, visto que, a que nos é imposta no momento só tem levado o trabalhador e o pequeno e médio empresário a situações insustentáveis. E por aí afora o deputado federal deve ser bem escolhido e nosso colégio eleitoral comporta a eleição de dois, no mínimo.

Para a única vaga no Senado o homem deve ser o melhor de todos em múltiplos aspectos. Representará o Estado e seus milhões de habitantes. O bairro pode influenciar na escolha do futuro senador por São Paulo, pois representa cerca de dez por cento ou pouco mais do que o candidato eleito necessitará para assumir sua cadeira.

Estamos tranquilos em poder mostrar ao leitor e eleitor a necessidade do voto consciente. Chapa completa, não anulando nenhum dos cargos, muito embora, voltamos a repetir, nosso respeito ao direito do eleitor está acima da nossa vontade.

Esperamos que as eleições nos salvem dos Manés Ocas da vida, pois a experiência mostra a total necessidade de mudar, mudar para melhor em nome da democracia e do bem-estar social de todos os brasileiros.

GVP03. São Paulo, 03 de dezembro de 1982.

O povo desautorizou

Este jornal sempre realizou um acompanhamento político muito intenso. Mormente na nossa região da cidade. Se assim o faz é por que o bairro é muito carente e necessita de uma representação política forte, tanto no nível municipal como no estadual. Por esta razão, acompanhamos as atividades dos homens e dos órgãos públicos ligados às atividades desta área da cidade.

Não faz muito tempo, apoiamos intensamente o sr. Manoel de Oliveira Sala em suas pretensões de ascender ao cargo de vereador deste município, no qual representaria os anseios de nossa população. Tivemos razão ao fazê-lo, pois a expressiva votação conseguida pelo sr. Sala naquela oportunidade provou que dezenas de milhares de pessoas julgavam, como nós, que aquele candidato, engajado na oposição, representava o que queríamos.

Posteriormente, voltamos a apoiar o sr. Sala em sua candidatura a deputado e voltamos a acertar, pois dezenas de milhares de votos depositados nas urnas a favor daquele candidato demonstraram que o povo, tal como nós, acreditava que o sr. Sala seria um bom representante nosso junto aos poderes estaduais.

É preciso esclarecer que aquelas dezenas de milhares de eleitores que o elegeram, votaram em um político ativista, de oposição feroz ao governo da época e com seus princípios calcados nas bases deste bairro.

Foi este o homem que elegemos na pessoa do sr. Manoel de Oliveira Sala, em 1972, 1974 e 1978.

Posteriormente, aquele deputado passou-se para o partido do governo, deixando seus eleitores e representados sem explicações desta atitude. Passou a utilizar sua energia na defesa dos governantes da época, chegando a trocar socos com oposicionistas em plenário. Em suas atitudes de defesa do poder de então, tangenciou a falta de compostura parlamentar.

Então, como representante da situação, voltou a postular o cargo de deputado estadual.

Este jornal, à força de acompanhar atividades políticas, formou uma equipe de especialistas, alguns dos quais com teses versando sobre política. Foi esta mesma equipe que começou a detectar o divórcio entre os anseios da população de Vila Prudente e as atitudes do sr. Sala. Durante sua gestão parlamentar, sentiu-se nitidamente, que já não representava aqueles que tinham depositado nele a confiança de seus votos. Coerentemente, este jornal também não lhe deu apoio.

Foi então, no último 15 de novembro, que os eleitores da região, utilizando a voz de seus votos, realizaram uma verdadeira cassação do mandato daquele parlamentar. Retiraram dele a autorização que tinha para falar pela população.

Como este editorial pretende ser objetivo, não vamos fazer menção a boatos de colocação de familiares em empregos públicos muito bem pagos nem aos murmúrios sobre a ascensão econômica da família daquele parlamentar. Vamos, isto sim, atribuir sua queda à sua atuação enquanto representante de nossa população.

O povo não é burro; o povo sabe votar; o povo sabe escolher e pensa muito bem na hora de exercer suas opções. O povo está sim preparado para a democracia.

Foi isto o que aconteceu.

Uma população que sabe se esclarecer escolheu outros homens com outros princípios e outros comportamentos para representá-la.

Que fique aqui a lição aos eleitos.

Eles foram escolhidos dentro de uma plataforma que deve ser cumprida. Em seus mandatos parlamentares, devem esforçar-se ao máximo para representar bem os interesses da nossa população, esquecendo-se de defender posições pessoais ou familiares. E, principalmente, jamais deverão pensar em bandear-se para o lado dos poderosos do momento.

Os votos que os elegeram não vão bandear-se com eles.

Quando a representação que o povo concede é traída, o mínimo que pode acontecer é o que acaba de ocorrer com o sr. Manoel de Oliveira Sala. O povo desautorizou-o.

GVP04. São Paulo, 18 de dezembro de 1982.

A tribo dançou

Voltamos a insistir: todas as personagens, locais e fatos deste ensaio são fictícios e qualquer semelhança com pessoas, fatos e locais, do presente e do passado, terá sido mera coincidência.

Nossas pesquisas antropológicas haviam nos levado até os preparativos da grande dança da chuva que a tribo do cacique Mané Oca estava preparando. Estes preparativos incluíam a colocação de membros da tribo em posições estratégicas para controlar a dança; a escolha dos elementos com os quais iriam entrar na dança — as famosas “dobradinhas” — e aquele ritual que tornava a região inabitável por muito tempo, que era o de colocar papéis e pintar todo e qualquer espaço disponível com os nomes dos membros da tribo e um número cabalístico que sempre acompanha o nome.

Para os leitores que não acompanharam o início desta série, vamos fazer um pequeno resumo: o Cacique Mané Oca é o chefe de uma tribo numa região de um grande estado de um país tropical. Sua tribo tem como religião, adorar o poder e as grandes forças dilapidadoras de dinheiro público e exercitam uma arte marcial conhecida como “dedodurismo”, que consiste em abater o oponente apontando-o. Praticam, também, alguns costumes estranhos, tal como ameaçar as pessoas em seus locais de trabalho, gritar com parentes nas portas de repartições e colocar familiares em posições públicas de altas remunerações.

Nos ensaios anteriores, havíamos contado que a tribo chefiada pelo Cacique Mané Oca havia preparado uma grande dança, na qual esperavam uma chuva de votos sobre eles. Porém, avisamos, também, que aquele tipo de dança poderia ocasionar uma tempestade.

Aqui, vamos contar como a tribo dançou.

O primitivismo com o qual a tribo do Cacique Mané Oca encarava a chuva que esperavam detonar, não levava em consideração os poderes daqueles que enviavam a chuva. Pois, os votos eram concedidos pelo merecimento daqueles que os recebiam e pela maneira que as tribos tratavam seus territórios. A tribo da qual estamos tratando sugava os recursos do território e caçava predatoriamente em toda a região.

Nas danças da chuva anteriores, o Cacique Mané Oca havia acertado, pois tinha dançado do lado certo e sua tribo não havia, ainda, cometido os erros descritos acima em seus territórios. Não haviam aprendido com outros chefes de sucesso, que a dança deve ser preparada durante anos para que aconteça conforme o previsto. A tribo do Cacique Mané Oca pensava que bastava preparar a dança que a chuva cairia.

Chegando o grande dia, todos os locais devidamente empapelados ou pintados, os membros da tribo distribuindo papéizinhos por toda a região e os dignatários da tribo a postos para coordenar a dança, a cerimônia estava prestes a começar.

Mas aí, os chefinhos assessores do Cacique Mané Oca perceberam que nem tudo ia bem. Uma lufada de vento havia virado os símbolos da tribo para outro lado. Alguns dos membros da tribo abandonaram a cerimônia antes da dança começar. Alguns chefões que prometeram apoio não compareceram.

E, pior, aqueles que concedem a chuva já sabiam de tudo. Chamados de burros, não eram. Espertos, sabiam selecionar aqueles que merecem ou não receber as chuvas de votos. Foi aí que a tribo do Cacique Mané Oca dançou.

GVP05. São Paulo, 03 de janeiro de 1983.

Para nós, eles devem permanecer

É normal que o editor, na última ou primeira edição do ano, faça um balanço do que aconteceu nos últimos 365 dias. Temos e teríamos muito a falar, entretanto, preferimos abdicar do direito e direcionar nosso editorial para a atualidade, os próximos dias, quando serão dados passos decisivos ao futuro do estado, do município e também, por consequência, do subdistrito de Vila Prudente.

Ao longo de nossa vida pública, militando na imprensa regional, comunitária, de bairro, como preferimos, aprendemos a conhecer os bons homens e mulheres que ocupam postos de importância fundamental para a vida urbana, quer na esfera estadual, municipal ou regional.

Desde 1969, observamos o trabalho de dois engenheiros a serviço de Vila Prudente e de São Paulo e também, um pouco mais recente, a partir de 1976, observamos o trabalho de uma mulher, no sentido mais elevado que a palavra possa atingir, a serviço da educação em nosso bairro, na cidade e no estado.

Com o retorno das eleições para governador e vencendo a oposição, no caso, o PMDB, espera-se grandes e totais mudanças ou, pelo menos, fala-se muito que poderão acontecer substituições em todos os níveis da hierarquia municipal e estadual.

É o direito do vencedor. Deve constituir sua equipe e por-se a campo para cumprir as metas estabelecidas durante a campanha eleitoral. Acontece, contudo, que as três pessoas a que nos referimos não nos encomendaram e nem nos autorizaram a citá-las neste editorial.

O editor, à revelia dessas pessoas, passará a expor os motivos que o levaram a tanto. Falamos dos engenheiros Octavio Camillo Pereira de Almeida e Nilo Batista Sugunyama, respectivamente, secretário de Vias Públicas e administrador regional da Vila Prudente.

A mulher a que nos referimos é a professora Vera Páschoa Boschini Prosdócimi, delegada de ensino da 6.a DE. Para nós, para o jornal e a bem da comunidade são pessoas que devem permanecer nos seus postos, embora sejam mudadas as regras do jogo e outros superiores queiram, porventura, substituí-los. Não são nossos argumentos os melhores, mas sim, o passado profissional e de dedicação de cada um ao bairro, e à cidade, e também ao estado.

Ninguém melhor que o engenheiro Octávio Camillo conhece a cidade de São Paulo: por cima, via aérea e por baixo, galerias e emissários. Não há plano de obras executado, a executar ou em projeto que não tenha a participação do atual secretário de Vias Públicas. Conhece os 1.100 km de córregos da cidade como ninguém e todas as obras viárias também.

Seu conhecimento o credencia a exercer o cargo de prefeito da Capital. Estaríamos em boas mãos. Mantê-lo no cargo é uma segurança e uma tranquilidade para o futuro prefeito.

O mesmo acontece com o engenheiro Nilo. Trabalha em Vila Prudente há quase 30 anos. Está para completar 10 anos como administrador regional da Vila Prudente e ninguém melhor conhece a vida da nossa comunidade, sob múltiplos aspectos, como o Nilo. Sua permanência é por demais necessária e as autoridades que irão assumir a Prefeitura só terão a ganhar com esta decisão.

A dedicação, a capacidade, o conhecimento e o carinho que a professora Vera Páschoa Boschini Prosdócimi tem mostrado desde que assumiu a direção da 6.a Delegacia de Ensino são invejáveis. Ela se doa ao bairro e à educação de nossos filhos.

Ocupa um cargo de confiança como os dois engenheiros e nem por isso deixa-se levar por vaidades pessoais, elogios banais ou coisa que o valha. Agora, quando está tudo certinho, todas as coisas nos devidos lugares, sua permanência é mais que necessária.

Esta é a nossa opinião sobre os dois engenheiros e sobre a professora. Ao torná-la pública estamos cumprindo nosso dever de consciência profissional e reconhecendo, perante mais de 60 mil leitores e quase 19 anos de imprensa de bairro, a capacidade dos três, o bom trabalho que realizam e a responsabilidade que têm no desempenho de suas funções.

Iniciamos o ano com a consciência tranquila de haver justificado os bons e se endoçamos e avalisamos a permanência dessas pessoas em seus cargos e porque temos provas mais que suficientes para fazê-lo. Para nós eles devem permanecer e se consultarmos a opinião pública encontraremos eco em nossas pretensões. Nada queremos, apenas o bem-estar de nossa comunidade com a permanência dessas pessoas nos atuais postos que ocupam. Para nós eles merecem que intercedamos em seu favor, pois, ao nosso, eles intercedem há muito tempo.

GVP06. São Paulo, 28 de janeiro de 1983.

Eleição para administrador é uma incoerência

A eleição para a escolha dos futuros administradores regionais é uma incoerência, como também o são as chamadas listas tríplexes ou quádruplas. Não se pode adotar tal prática, pois, só teria razão de ser se o prefeito da cidade fosse eleito através do voto direto.

Não vemos razão para alimentar esta celeuma porque não acreditamos que o futuro governador Francisco Montoro escolha o novo prefeito pelos sistemas propostos para a escolha dos administradores regionais. Caso venham a prevalecer tais sugestões, quem terá direito a voto para escolher os novos administradores?

As sociedades amigos de bairros, irão nos responder. Representam tais sociedades ou conselhos comunitários toda a comunidade? Têm, pelo menos, dez por cento de associados do total de habitantes das áreas que pretendem representar?

As entidades de classes? Os clubes de serviços? As comunidades eclesiais de base? Por mais organizados e representativos que queiram ser da comunidade, não representam a porcentagem necessária para escolher o administrador regional. No caso de Vila Prudente, todas as entidades reunidas não somam 50 mil habitantes, nem de longe, mesmo sendo extremamente otimista, ou seja, dez por cento da população do bairro.

Não será a GPV que tomará posição contrária aos sistemas, caso venham a ser aplicados, pois, o candidato do jornal é o engenheiro Nilo Batista Suguiyama, há quase dez anos desempenhando as funções de administrador regional e trabalhando no bairro desde 1953.

Em 30 anos de bairro o engenheiro Nilo é humilde a ponto de dizer que ainda não conhece todos os problemas da população, embora, todos os dias visita os mais diferentes rincões do subdistrito. Técnico de alto gabarito e larga experiência na administração municipal, ainda assim encontra obstáculos para o melhor desempenho de suas funções e é o melhor da cidade de São Paulo, no cargo, não temos dúvidas.

Um novo prefeito de bom senso não terá dúvidas em manter o engenheiro Nilo em seu cargo. Os demais pretensiosos a tanto, devem ter o mínimo de ridículo necessário para não pleitear um cargo, quando não reúnem condições para ocupá-lo. E tem mais. Caso o prefeito fosse eleito pelo povo, temos certeza que não abriria mão de indicar homens de sua irrestrita confiança para ocupar tais cargos, afinal, se os administradores regionais não forem bons, o prefeito arcará com as responsabilidades e poderá ver seu governo cair em desgraça, muito antes do esperado.

GVP07. São Paulo, 11 de fevereiro de 1983.

Poder sobe à cabeça dos opositoristas

No final da semana assistimos a duas reuniões com a presença de sociedades amigos de bairros, movimentos populares, comunidades eclesiais de base e partidos políticos. Tema: participação da população nas futuras decisões que envolverão o subdistrito de Vila Prudente, incluindo-se a indicação ou escolha do futuro administrador.

Na reunião de sábado, no Colégio São José de Vila Zelina, embora assistíssemos uma confrontação das alas reacionárias do PT e PMDB e alguns presidentes de sociedades amigos de bairros, além de movimentos populares e comunidades eclesiais de base, todos os que quiseram falar tiveram assegurado o direito à palavra.

Ao final, foram aprovadas seis propostas, entre elas, as que consideramos fundamentais, eleição direta para prefeito e administrador e, ampla assembléia com todos os movimentos populares, entidades de classes, clubes de serviços, escolas, associação de pais e mestres, comunidades eclesiais, partidos políticos, sociedade amigos de bairro etc, para decidir os critérios da participação e de escolha do futuro administrador.

É importante lembrar, que a GVP vem se manifestando desde o início do ano pela manutenção do engenheiro Nilo na Regional de Vila Prudente, porém, no uso de sua Independência e imparcialidade, temos verificado a quantas andam os movimentos, partidos e políticos interessados no assunto.

No domingo, o chamado Plenário das Sociedades Amigos de Bairros de Vila Prudente promoveu outra reunião para tratar do mesmo assunto. Não sabemos se com a intenção de esvaziar a do sábado o que não foi possível: ao contrário, os dirigentes do Plenário não asseguraram a todos o direito da palavra e a reunião tumultuou-se não se chegando a conclusão alguma, os presentes.

Nos chegamos. Após assistirmos as duas reuniões a de sábado devidamente organizada e a de domingo []. concluímos que o poder subiu a cabeça de alguns opositoristas antes mesmo de te-lo às mãos. Para nós, a reunião do Plenário não passou de uma manobra de candidato local, não eleito, interessado em ver seu nome lançado para concorrer ou assumir a Administração Regional de Vila Prudente.

Não falamos do professor Valente nem do professor Alencar, muito menos do José Maurício, porém, a atitude do candidato em questão deixou claro suas intenções e, felizmente não foram consumidas, mesmo porque, se o fossem em nada iria adiantar, pois o cidadão não está capacitado para assumir tais funções e o futuro paciente tem o equilíbrio [] para não nomea-lo. Voltaremos ao assunto.

GVP08. São Paulo, 22 de abril de 1983.

Quem é quem em São Paulo?

O telefone do editor não para de tocar e as perguntas se sucedem: quem é quem em São Paulo? Tudo o que o PBMD construiu (se é que construiu alguma coisa) em termos de oposição nos últimos dezenove anos e as expectativas que deixou na população com a proposta de ganhar para mudar estão indo por água abaixo.

O desgoverno na cidade é total. Prefeitura acéfala, secretarias idem e Regionais também. Ao que parece, ninguém quer nada com nada. Ora, argumentando pela interinidade do cargo: ora, pela falta de verba e outros argumentos bem menos convincentes.

Altino Lima é o prefeito constitucional mas não governa. O ex-secretário das Administrações Regionais, Sampaio Dória, exonerado no dia 19, tomou posse no cargo, porém o assumiu para postular o cargo de prefeito e não o conseguiu, uma vez que o governador André Franco Montoro avocou para si o direito de indicar o deputado federal e atual secretário dos Transportes, Mario Covas.

Nas Regionais o clima é desolador. Supervisores assumiram cargos e não os encargos. Fazem e desfazem no interior do próprio municipal e os buracos vão ganhando todas as ruas, transformando nossas vias públicas em verdadeiros queijos suíços.

Os demais serviços que dependem da Regional estão em compasso de espera. A praça Padre Damião voltou a ser ponto de enchentes e não se sabe a quem recorrer; árvores precisam ser substituídas e ninguém aparece para fazê-lo, mesmo que exista documento protocolado.

Outros serviços muito importantes, da esfera das secretarias municipais também estão em ritmo de marcha lenta. Enfim, qualquer reivindicação que se queira fazer não se sabe a quem recorrer, pois e o que é bem pior, não mais se sabe quem é quem em São Paulo ou quem está em condições de resolver alguma coisa a benefício da população.

Na tarde da quarta-feira, almoçando com um jornalista da Casa, o editor comentava a caótica situação de desgoverno. Antes, porém, ambos nos despimos de qualquer tipo de influência ou antecedentes políticos e nem esboçamos qualquer tipo de comparação, ressaltando a condição de pouco mais de um mês de governo com os candidatos que antes estavam na oposição.

A conclusão foi triste: os eleitos e empossados ainda não conseguiram articular os fatos do poder. que dirá assumi-los. Não se pode mais conceber o marasmo administrativo que assola a Capital e o Estado. Só se falou e praticou política em termos de cumprir compromissos.

Cancelou-se ou diminuiu-se o ritmo das obras em execução e fez-se tanta coisa a prejuízo da população que em quatro anos de poder com o PDS, provavelmente não aconteceu. Não somos filiados ou seguidores de qualquer corrente política partidária, porém, o despreparo do PMDB para assumir do poder e exercê-lo é deveras lamentável e quiçá não continue, pois, do contrario, não serão precisos mais que trinta dias para a população reivindicar a destruição dos atuais mandatários da Prefeitura e do Estado pela incapacidade de governar.

GVP09. São Paulo, 06 de maio de 1983.

Para os favelados não aconteceram mudanças

“Mudar para melhoras” foi e continua sendo a tônica dos pronunciamentos do governador André Franco Montoro e dos correligionários do PMDB eleitos a cargos legislativos nas eleições de 15 de novembro de 1982, empossados, porém, lamentavelmente, não o assumindo na plenitude exigida e nas circunstâncias prometidas no decorrer da campanha eleitoral.

Vimos, desde a posse de André Franco Montoro e Altino Lima, mantendo essa opinião e, recentemente, vimo-la corroborada por um líder favelado muito respeitado pelas autoridades da Promoção e do Bem-Estar Social; outro técnico que assessora os vereadores do PT também mantém esta posição, pois tem participado de reuniões para soluções de graves problemas que afetam a população da periferia e percebe que as mudanças não aconteceram.

Não colocamos em dúvida a liderança, conhecimento de causa e a autenticidade do líder favelado Manoel Espíndola, presidente da Sociedade Amigos da Favela de Vila Prudente. Recentemente, em dois encontros, ele manifestava ao editor:

“Mudaram os secretários, porém, as pessoas que tratavam com os favelados no governo anterior, muitos filiados ao PDS, continuam nas mesmas posições e o pior, boicotando o trabalho do PMDB e jogando o povo contra o novo governo instalado”.

Citou inúmeros fatos e casos. O da água, por exemplo, continua a ser tratado por um ex-candidato a vereador do PDS. Quando é necessário processar qualquer serviço na favela é feito pela metade. Depois, os tais assessores jogam o povo contra as autoridades e fazem o jogo da oposição, hoje mais localizada no PDS.

Quando um líder da estatura de Manoel Espíndola fala é importante que seja ouvido. Seus 35 anos de residência na favela da Vila Prudente, a atividade que desenvolve a benefício dos favelados lhe conferem autoridade para tanto. Não temos dúvida em reconhecê-la, ouvi-la e transformá-la em opinião da GVP, pois, vem a constatar a posição tomada pelo Jornal ante os acontecimentos que se verificam todos os dias nos governos estadual e municipal. De Mário Covas Júnior, o novo prefeito, espera-se as mudanças que até agora não aconteceram e permanecem como figura de linguagem.

O Parque (OP)

OP01. São Paulo, março de 1983.

Depois do Carnaval eu vou criar juízo

Novamente aproxima-se o reinado de Momo.

Serão quatro dias de arrasar, e a indústria do carnaval funciona a todo o vapor. Em contrapartida, o restante da nossa vida entra em estado letárgico.

Entre marchas e xaxados, de norte a sul, a vida vai-se complicando, numa terra que precisa de trabalho para conseguir sobrepujar as dificuldades. Incentivam-se o ócio e a diversão efêmera, a libertinagem e a ilusão da alegria. Nós bem que poderíamos realizar essa festa para **“inglês ver”**, mas é absolutamente incoerente que todos nós entremos na **“gandaia”** e depois restemos numa anual quarta-feira de cinzas de dificuldades.

Todos devem estar cientes de que os políticos podem fazer bem pouco pelo País; afinal quem trabalha somos nós, e essa nova safra política que aí está vai ser mais desunida e conflitante que qualquer outra anterior.

Resta a alternativa de trabalharmos mais e reclamarmos menos. No mínimo prometermos a nós mesmos que depois do carnaval vamos criar juízo.

Superpapo (SPP)

SPP01. São Paulo, março de 1983.

A Superpapo e você

Nós somos a SUPERPAPO.

A SUPERPAPO é a Sociedade Amigos do Sumaré, Perdizes, Pacaembu e Pompéia e seu nome é formado pelas iniciais desses Bairros. Trata-se de uma sociedade bem diferente das Sociedades Amigos de Bairro (SAB's) que existem.

Foi formada com um novo conceito, com um objetivo maior que buscar luz e asfalto para nossas ruas, tapar buracos, desentupir bueiros, etc. Nosso objetivo é você. E você como parte integrante da comunidade, como elemento que está interessado na busca do bem comum, que está preocupado com a alimentação, o trabalho, o salário, a segurança, a educação, a residência, desemprego e o lazer. Você que quer o bem estar da sua comunidade.

Nossa sociedade, a SUPERPAPO, está interessada em você, que conosco encontrará os caminhos para solucionar ou amenizar esses problemas que estão nos afligindo.

A SUPERPAPO é uma entidade que busca solucionar os problemas sociais de nossos bairros, de nossa comunidade.

E como fazer?

Fácil, exercendo o poder que nos é inerente como membros da comunidade. Evidentemente que reunidos saberemos determinar nossos problemas e teremos a força necessária para participar de processos decisivos ou encaminhar as decisões que acharmos convenientes.

Que tipo de atividades, pois, poderá a SUPERPAPO desempenhar baseada nesses princípios?

Temos nos reunido quinzenalmente e podemos já apresentar algumas idéias que estão sendo discutidas para implantação:

Cooperativa de Consumo de modo a atender a população com mantimentos a preços inferiores aos encontrados nos Supermercados;

Comissários de Rua, ou seja, responsáveis por cada região pela vigilância e policiamento, cujo objetivo é oferecer ao morador maior segurança e ao mesmo tempo, empregar idosos e aposentados dos Bairros;

Criação de locais de lazer e esportes nos próprios municipais utilizando e transformando as praças e logradouros públicos sob a responsabilidade da SUPERPAPO;

Prestigiar e incentivar a criação de festas nos bairros com forma de integração;

Desenvolver movimento de atividades culturais e esportivas com criação de festivais e campeonatos nos Bairros;

Enfim, como se observa, as atividades que a SUPERPAPO se propõe a desenvolver são sempre voltados à comunidade, atendendo a seus anseios e suas necessidades.

Este jornal, em seu primeiro número é um exemplo vivo da SUPERPAPO. Este nos informará do que está ocorrendo no Bairro, quais as atividades e reivindicações. Este jornal é de você, utilize-o como achar melhor.

A SUPERPAPO é uma entidade sem fins lucrativos e também apartidária. Mas estará sempre vigilante na defesa dos interesses de sua comunidade, reivindicando e reclamando, aplaudindo e exigindo dos poderes executivos e legislativos.

Venha conosco, participe da SUPERPAPO.

AFINAL, SUPERPAPO É VOCÊ.

EDEMAR CID FERREIRA

Presidente

Sociedade Amigos do Sumaré, Perdizes,

Pacaembu e Pompéia –

SUPERPAPO.

Nosso Jornal (NJ)

NJ01. São Paulo, julho de 1984.

Somos os primeiros e contamos com você

Há muito tempo que a nossa região necessita de um jornal, de uma imprensa popular que se posicione politicamente diante dos fatos que nos cerca e influem em nossas vidas, muitas vezes direcionando-as para lá e para cá. A periferia de São Paulo em toda a sua existência, sempre foi esquecida pelos poderes públicos, pelos políticos que só aqui vêm em épocas de eleições e inaugurações de obras.

Os nossos pedidos são engavetados e quando saem das gavetas seguem uma burocracia interminável. Quando vamos falar com fulano de tal, tem que marcar audiência um mês antes, quando vamos falar então tomamos um chá de cadeira, isso quando não somos recebidos pela polícia. Do governo Federal então nem se fala, os BNHs, os INAMPS, a Polícia Federal que anda prendendo trabalhador e estudantes, com esses não há diálogo.

Estamos aqui, não só para tentar cobrir esta lacuna de irmos aos poderes públicos, mas também para podermos discutir as questões que dizem respeito a juventude que talvez sinta no espírito uma dor maior por não ter o que fazer. A cultura aonde está? Somos massacrados dia e noite pela televisão com os enlatados. Teatros? ah! ah! Aonde andam as “casas de cultura”. Não tem nada não, senhores responsáveis pela cultura, mesmo sem vocês continuamos produzindo nos fundos dos quintais. Escolas, vagas, cadê? mas mesmo que existissem temos que trabalhar desde os 10, 12 anos para ajudar a família. É assim vai a nossa juventude, sabe Deus para onde. E aquela família que paga aluguel, aquela outra do cortiço outra então da favela, só impostos para pagar, água, luz e tantas outras coisas. Teríamos tanto assunto para abordar, fica pro próximo número. O **Nosso Jornal** está aqui não para resolver, somos filhos da mesma situação, queremos gritar. Vai resolver? Não sabemos, mas o grito não fica na garganta.

NJ02. São Paulo, agosto de 1984.

“Associações, clubes, SAB’s e a democracia”

Cada país tem o governo que merece? Não. Cada governo tem o país que merece! Basta analisarmos o Brasil durante vinte anos de ditadura militar. O povo é massificado, sofrendo dia a dia um ataque ostensivo na sua capacidade de pensar, as notícias se misturam às vitórias do seu time preferido. As novelas, levam-nos ao paraíso do consumismo, enquanto nossos filhos brincam nos esgotos a céu aberto ou são atropelados ao atravessarem uma avenida sem sinalização ou ainda, morrem de fome ou por falta de atendimento médico e mal somos informados dos nossos direitos como cidadãos.

O **Nosso Jornal** tem recebido queixas das diversas organizações populares existentes na região, todas elas falam das dificuldades de juntar pessoas para discutirem seus problemas mais próximos, como asfalto, saúde, transportes e alimentação. Sabemos que essas organizações não interessam ao governo Federal, pois caso contrário ele as incentivariam. E a população fica dividida enclausurada em suas residências carregando em sua memória a síndrome da repressão que governa esse país nos últimos anos, reprimindo, torturando, deportando e até matando. Mas a história já mostrou que existe uma resistência, e que ela já conquistou a anistia e também esse clarão de democracia que enxergamos hoje. A população não deve esquecer que para se fazer democracia se faz necessário a sua presença, discutindo esses problemas que já citamos e outros de interesse da comunidade. É preciso estarmos juntos, formando associações de moradores, frequentando as sociedades amigos dos bairros, os clubes de serviços e quantas entidades forem necessárias para a reconstrução do Brasil. E o **Nosso Jornal** está aí junto com essas entidades denunciando, cobrando e elogiando quando se fizer necessário.

NJ03. São Paulo, setembro de 1984.

E agora Brasil?

Pois é, em meios tanta veiculação de índices ilusionários pela televisão brasileira; onde a inflação desce a níveis nunca dantes vistos, em velocidade vertiginosa, onde o crescimento industrial é retomado, e a disponibilidade da oferta de empregos cresce em número maior do que os nossos olhos e ouvidos podem acreditar, o sub-emprego continua sendo a razão da subexistência de milhões de brasileiros, que passam fome, que não tem sequer onde morar e ainda são privados do direito de trabalhar.

Nesse mesmo clima, nossos atletas olímpicos embarcaram para mais um fiasco olímpico, não voltando como o dito popular “pagões”, apenas a conquista da medalha de ouro de Joaquim Cruz.

Com tudo isso ainda, ficamos com mais um grito atravessado em nossas gargantas, o grito de “Diretas-já”, que habilmente foi manipulado pelos políticos de nossa terra em “Tancredo já”, acrescida do homem que mais lutou pelo veto da emenda Dante de Oliveira, o Senador José Sarney.

E não é só, em Brasília, como não poderia deixar de ser, convenções exuberantes marcaram o tradicional mês dos acontecimentos políticos brasileiros, na escolha dos nomes daqueles que representarão seus partidos na sucessão presidencial. Houve de tudo um pouco em Brasília, Malufetes, Andreazetes, banquetes para centenas de talheres, tudo exibido ao vivo e em cores pelo nosso sistema de televisão, ao nosso cada vez mais mísero e pobre povo como no livro de George Orwell ‘Revolução dos Bichos’; resta mais trabalho e menos comida.

E agora, Brasil?

E agora nossa região?

Com toda essa mudança de Diretas-já para colégio eleitoral, a nossa região continua a reboque das decisões centrais dos partidos, quer dizer os Diretorios Políticos (PMDB, PT, PTB, PDS, PDT) continuam não fazendo nada, apenas com raras excessões do Partido dos Trabalhadores.

Aliás, não é de hoje que os diretórios estão imobilistas. Nas questões que interessam à população, são poucos os que se mexem, o resto só quer sair candidatos em 86.

Sendo assim, nós do **Nosso Jornal** tomamos a iniciativa de convidar dois candidatos Tancredo Neves e Paulo Maluf para um debate no estádio do Corintinha. O tema: Diretas-já. Aguardem respostas.

O Cerqueira César (OCC)

OCC01. São Paulo, 10 de março de 1991.

Inundações até quando?

A cada chuva mais forte, mais e mais se evidenciam os problemas de infraestrutura de São Paulo. Até mesmo regiões tidas como consolidadas neste aspecto merecem reparo. E não são só as chuvas, existe muitas outras questões que requerem o olhar vigilante de uma administração competente.

Estudos recentes, feitos por empresa contratada pela própria Prefeitura, dão conta de que nossas galerias de águas pluviais ou de canalizações de córregos, entre as quais, verdadeiras obras de arte, estão obsoletas ou em estado de completo abandono. Não existia sequer um mapa dessas galerias. Estamos falando do centro de São Paulo, imagine-se o que deve ocorrer na periferia.

São Paulo foi uma cidade que cresceu desordenadamente, sem que as sucessivas administrações se preocupassem com os problemas do sub-solo. “Obras enterradas não dão dividendos eleitorais”, é a máxima. Cremos que problemas como deslizamentos de morros, inundações com mortes e outros danos também não os dão.

De mais a mais, as inundações não são provocadas apenas pela insuficiência de nossa rede de galerias pluviais, há também o problema de coleta mal feita de lixo, há a falta de civilidade de grande parte da população que coloca lixo na rua fora de horário ou mal embalados, o que provoca o entupimento das bocas de lobo e, em consequência, inundações. Há ainda o problema de obras mal feitas por empreiteiras, sem a necessária fiscalização dos órgãos públicos competentes, o que suja e esburaca a cidade, provocando um verdadeiro caos.

O que ressalta de tudo isto é que a Prefeitura não está cumprindo sua tarefa mais elementar, que é a de manter em funcionamento a infraestrutura já existente, e não está correspondendo às novas exigências da Cidade.

Uma cidade como São Paulo não pode continuar com ruas sujas como estão, sem que os órgãos responsáveis tomem alguma providência, seja executando corretamente o serviço de limpeza, seja punindo os responsáveis pela sujeira. Da mesma forma, a cidade não pode continuar esburacada como está.

Além de tais servicinhos, cujas taxas são cobradas religiosamente, a Prefeitura deve também investir na modernização de todo o complexo de escoamento de água da cidade, sob pena de termos a cada chuva, tragédias maiores.

OCC02. São Paulo, 25 de setembro de 1991.

Desperdício de Energia

O fato de pessoas comuns estarem interessadas em denunciar, através dos vários meios à sua disposição, o desperdício de bens essenciais como energia elétrica e água provocado por órgãos públicos, mostra que o contribuinte hoje não é mais um ser passivo, mas se interessa pelo destino do seu dinheiro e o bem estar coletivo.

Ele sabe que disto, dependerá o seu próprio conforto.

Exemplo disso é a denúncia feita contra a escola Celso Leite Ribeiro, que deixa suas luzes todas acesas durante a noite e até mesmo em finais de semana e período de férias escolares. Este não é o único caso, a mesma denúncia já foi feita contra a Câmara Municipal e o prédio do Ministério da “Economia”.

As alegações para isto são orientação oficial por medidas de segurança e até mesmo trabalho noturno de alguns funcionários. Ora, se a questão é segurança, bastaria deixar algumas luzes fora do prédio acesas e algumas estrategicamente acesas dentro, nunca todas. Aliás, com todas as luzes acesas, os encarregados pela segurança ficariam expostos na claridade, enquanto os supostos invasores estariam à sombra. É o contrário, portanto.

Quanto ao trabalho noturno, não consta que existam funcionários trabalhando em todas as salas desses prédios. Se algum funcionário realmente exerce trabalho noturno, basta que somente a sala onde ele esteja fique iluminada, como bem argumentou a leitora Ana Velba.

Em um país, cujo sistema energético está entrando em colapso, e o governo move campanhas pelo rádio, jornais e televisão, pedindo que a população poupe energia, é um contrasenso que órgãos do próprio poder público sejam os primeiros a desperdiçar. Aliás, esta não é a primeira vez que isto acontece, durante o Governo Montoro, houve uma grande seca, que baixou assustadoramente o nível dos reservatórios, o governo também pediu economia e chegou a racionar água, mas as escadarias do Palácio do Bandeirantes jamais deixaram de ser lavadas.

Se é uma orientação oficial que todas as luzes fiquem acesas em prédios públicos, esta orientação deve ser revista em nome da austeridade administrativa. Se a orientação é para que fiquem parcialmente acesas, os responsáveis pelo desperdício deveriam ser punidos exemplarmente. O que não pode é prevalecer a atual situação.

Se a época é de vacas magras e esqueléticas, se é exigido sacrifício e austeridade, isto tem que ser para todos e não apenas para o pobre contribuinte, que, além de tudo, é quem paga a conta.